

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE: João Batista de Magalhães

SECRETARIO: José Faustino Filho

GERENTE: João Batista de Matos

ANO XXI

BRASIL — RIO DE JANEIRO, MAIO DE 1934

NUM. 240

EDIÇÃO DE 64 PÁGINAS

SUMARIO

EDITORIAL

O espirito da reforma 223

COLABORAÇÃO

Funcionamento de uma 2^a Secção de Corpo de Exercito — Ten. Cel. Carpentier da M. M. F. 227
Ensaio de estudo sobre espoletas antigas e modernas — Cap. Olivio de Oliveira Bastos 231
A margem dos regulamentos — Gen. Pagezy (Trad. Cap. Olivio Bastos e 1^o Ten. João da Silva Rebelo) 235
Genetica objetiva — 1^o Ten. Vet. Armando Rabello de Oliveira 244
A manobra dos fogos e a compartimentação do terreno — General Touchon (Trad. Cap. Floriano Brayner) 246
Oise - Junho de 1918 — Ten. Cel. Torres Guimarães 257
Concursos de Apontadores — 1^o Ten. H. Borges Fortes 261
Uma solução — Revue d'Infanterie (Trad. Claudio Duarte) 266

Sugestões:

Providencias sobre instructores — Cap. Antonio de Castro Nascimento 260

DA REDAÇÃO

Marcha Macabra! 226
Os individuos e o exercito 256
O Problema das Policias 264
O Exercito e a politica 280
Bibliografia 282

A DEFESA NACIONAL

GRUPO DE ADMINISTRAÇÃO

Diretoria: — Presidente - J. B. Magalhães; Secretario - José Faustino Filho
e Gerente - J. B. Matos.

Conselho de Administração: — Gervasio Duncan, Renato B. Nunes, Emilio Ribas Junior,
Arthur Carnaúba, Alexandre Chaves e Lamartine Paes Leme.

CORPO DE REDATORES

Redator-chefe — Major José Faustino Filho — Redatores das armas: Infantaria — Major Tristão Araripe; Cavalaria — Major Orozimbo Martins Pereira; Artilharia — Cap. Olivio de Oliveira Bastos; Engenharia — Major Heitor Bustamante; Aviação — Ten. Cel. Ajalmar Vieira Mascarenhas; Serviços: Saúde — Cap. A. Gentil Basílio Alves; Intendência — Major Raul Dias Sant'Anna; Veterinária — 1º Ten. Armando Rabelo de Oliveira.

AUXILIARES

Das armas - Inf.º Capitãis J. B. Matos, J. B. Rangel, Segadas Viana, H. Castelo Branco, Alexandre Chaves e Nilo Guerreiro; Cav.º Cap. Ladario C. Teles; Eng. Cap. J. Lima Figueiredo. Dos Serviços - Int.º 1.º Ten. José Salles.

CORPO DE REPRESENTANTES

Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. — Major Rodrigues Ribas
E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra
1º Gr. Regiões — Ten. Moziul
D. P. G. — 1.º Ten. Toscano de Brito
D. C. — 1.º Ten. Toscano de Brito
Dir. M. B. — Ten. Abda Reis
Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro
Dir. Av. — Cap. Godofredo Vidal
Dir. Remonta — Cap. Diogenes Anacleto
Dias dos Santos
Dir. I. G. — Ten. José Salles
S. G. E. — Cap. R. Pedro Michelena
Serv. Geogr. — Cap. Castello Branco
Serv. Radio — Ten. Juracey Campelo
Dist. A. Costa — Cap. Ary Silveira
Q. G. 1^a R. M. — Ten. Romão Leal
Q. G. 2^a R. M. — Cap. Gilberto Reis
Q. G. 3^a R. M. — Cap. Carlos Analio
Q. G. 4^a R. M. — Cap. Oscar Costa
Q. G. 6^a R. M. — Major Lopes da Costa
Q. G. 7^a R. M. — Major I. José Veríssimo
Q. G. 8^a R. M. — Cap. Edgardino Pinta
Q. G. Cir. Militar — Cap. Olivio Bastos

M. M. F. — Cap. Jurandyr Palma Cabral
E. E. M. — Cap. Luiz Pinheiro e Tte. Basílio Magno
E. I. — Cap. J. B. de Mattos
E. A. — Ten. Luiz Batista Pereira
E. C. — Cap. Armando Ancora
E. E. — Cap. Luiz Betamio
Escola Técnica — Cap. Jandir Galvão
E. Av. — Cap. Arquimedes Doria
E. M. — Ten. Alexino Bitencourt
E. E. F. E. — Maj. Raul Vasconcelos
E. I. — Cap. E. José Granja
E. Ot. E. — Cap. Armando Oliveira
C. A. S. I. — Ten. Hugo Faria
C. M. R. J. — Cap. Milton de Sousa
C. M. P. A. — Cap. Hugo Silva
C. M. C. — Cap. Djalma Baima
F. C. A. G. — Ten. Brito Junior
F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte
F. P. A. — Ten. João Carlos Ribeiro
Serv. de Subsistência — Ten. Claudio M. Rego

TROPA

INFANTARIA

Btl. Escola — Ten. Augusto Presgrave
Btl. Guardas — Ten. Francisco M. Rolim
1º R. I. — Cap. Fernandes Guedes
2º R. I. — Ten. Roberto de Pessoa
3º R. I. — Ten. Antero de Almeida
4º R. I. — Ten. Paulo A. Miranda
1/5º R. I. — Cap. Rafael F. Guimarães
III/ 5º R. I. — Alcides P. Coelho
1/6º R. I. — Cap. Armando Moraes
6º R. I. — Ten. Ary Ruch
7º R. I. — Cap. Gilberto V. Carvalho
8º R. I. — Ten. Jacintho Godoy
9º R. I. — Ten. Nicolau Fico
1/9º R. I. — Ten. Edson Vignoli
10º R. I. —
11º R. I. — Ten. Ajax Corrêa
12º R. I. — Cap. Nilo Chaves
1/13º R. I. — Ten. Djalma Cravo

13º R. I. — Ten. Armando Alvim
1º B. C. — Cap. Nizo Montezuma
2º B. C. — Ten. Almeida Magalhães
3º B. C. — Ten. Moacyr Rezende
4º B. C. — Ten. Nelson de Carvalho
6º B. C. — Ten. Ituriel Nascimento
7º B. C. — Ten. Nelson do Carmo
8º B. C. — Ten. Gelson Brun
9º B. C. — Ten. Domingos J. Filho
10º B. C. — Ten. Ary Lopes
13º B. C. — Ten. Eduardo Regis
14º B. C. — Cap. Barata de Azevedo
15º B. C. — Ten. João da Cruz Albernaz
16º B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo
17º B. C. — Ten. Miguel Mozzilli
18º B. C. — Ten. Delio Lobo Viana
19º B. C. — Ten. Murilo B. Moreira

MINISTÉRIO DA GUERRA

CONFEDERAÇÃO COLOMBOFILA BRASILEIRA

CRIADA
PELO DECRETO
N. 22.894

DE 6 DE JULHO DE 1933



REGULAMENTADA
PELO DECRETO
N. 23.905 DE 22 DE
FEVEREIRO DE 1934

BOLETIM

OFICIAL

ANO I

MAIO - 1934

N. 2

Ata da terceira Sessão de Diretoria da Confederação Colombófila Brasileira.

Às dezesseis horas do dia cinco de Abril de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua séde, a Diretoria da Confederação Colombófila Brasileira composta dos Snrs. Ten. Cel. Amaro Soares Bittencourt, Presidente, Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente Civil, Braulio Ribeiro de Macedo Soares, 1.º Tesoureiro, 1.º Tenente Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1.º Secretario, Dr. Antonio Gomes de Mattos, 2.º Secretario e Jorge Rodrigues da Silveira, vogal sobre exposição, ausentes o Major Nestor Rodrigues Silva, Vice-Presidente Militar e Dr. Leonidio Ribeiro, 2.º Tesoureiro, por motivos plenamente justificados. Estando presente em maioria os membros, a Diretoria passou a deliberar. Aberta a Sessão pelo Snr. Presidente, o Snr. Vice-Presidente Civil, lê a ata da Sessão anterior que é aprovada, em seguida lê o expediente, que constou de grande numero de ofícios expedidos pela C.C.B. e das respostas, ficando esse expediente que consta da ata da Sessão anterior, arquivado na Secretaria. O Snr. Vice-Presidente Civil informa ter sido procurado pelos Snrs.: Cap. Luiz de Simas Enéas e José Soares, respectivamente representantes da Sociedade Brasileira de Avicultura e Sociedade Colombófila Luso-Brasileira, como lê os ofícios dos Presidentes das Sociedades

«Brasil» e «Paulista», aos quais prestou os esclarecimentos solicitados a respeito da filiação das mesmas entidades á C.C.B. Por proposta do Snr. Presidente, ficou encarregado da Representação de «A Defesa Nacional», junto a C.C.B. o Snr. Vice - Presidente Civil, com o objectivo de orientar e revisar o expediente para publicação, em vista de se ter tornado a «A Defesa Nacional», orgão oficial da C.C.B. após troca de ofícios.

Comunica o Snr. Vice-Presidente Civil, que incumbido juntamente com o Snr. 1.º Tesoureiro de entender-se com os Diretores das Estradas de Ferro: Central do Brasil e Leopoldina Railway, não os encontrou no dia em que foi procurá-los, ficando de o fazer novamente afim de tratarem das requisições de passagens de 2.ª classe para os condutores e freté para as embalagens contendo pombos, naquelas vias ferreas.

O Snr. Vice-Presidente Civil, comunica que, tendo ficado deliberado oficiar ao Centro dos Caçadores do Distrito Federal, para solicitar que seus socios não atirem em pombos, informa que não existe esse Centro e sim uns quatro caçadores que se reuniram em Sociedade, ficando de indagar os seus endereços.

O Snr. Vice-Presidente Civil, apresenta os documentos referentes a concorrência para a aquisição dos livros de que tratou a Sessão anterior, sendo a por posta dos Snrs. Marques Araujo e Cia. para o fornecimento de 60 (sessenta) volumes, mais barata 1:265\$000 (um con-

to duzentos e sessenta e cinco mil reis) que as demais, Heitor Ribeiro & Cia., Villas Bôas & Cia. Ficou resolvido a aquisição dos 60 (sessenta) volumes á firma Marques Araujo & Cia., sendo a fatura dos mesmos desdobrada em duas, uma no ato da entrega, em Abril, e a outra em fins de Julho do corrente ano.

O Snr. Vice-Presidente Civil, pede autorização para mandar fazer as caderetas colombofilas de conformidade com o Art. 13 letra L, do Regulamento, ficando resolvido por proposta do Snr. Presidente que sejam as mesmas distribuidas mediante indenização de seu custo. Lê ainda o Snr. Vice-Presidente Civil um oficio em que o Clube colombofilo Carioca, apresentando os documentos exigidos pelo Regulamento da C.C.B., Art. nº 32, pede a sua filiação definitiva de conformidade com o Art. nº 65 e seu paragrafo único, o que é aprovado após exame dos referidos documentos. Propõe ainda o Snr. Vice-Presidente Civil, que as entidades filiadas sejam classificadas por algarismos em sua ordem cronologica, e seus pom-bais por uma letra do alfabeto, donde o Clube Colombofilo Carioca, fica filiado definitivamente sob o numero 1 (um), e seus pom-bais receberão a letra A seguida dos algarismos pela ordem, o que é aprovado.

O Snr. Vice-Presidente Civil, pede autorização para representar o Dr. Leonidio Ribeiro, 2º Tesoureiro, nas Sessões de Diretoria, enquanto estiver impedido de o fazer, por motivo plenamente justificado, o que é aprovado.

O Snr. Vice-Presidente Civil, lê os mapas de treinamentos e concursos para o ano de 1934, enviados pelo Clube Colombofilo Carioca, de acordo com o Art. nº 13, letra D do Regulamento da C. C. B., os quais são aprovados após exame cuidadoso. Fica resolvido oficiar ao Clube Colombofilo Carioca, comunicando a sua filiação definitiva sob o nº 1 (um) á C.C.B., como a aprovação de seus mapas de treinamentos e concursos para 1934.

E, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão da qual eu 1º Secretario, 1º Ten. Rodrigo Octavio Jordão Ramos, lavrei a presente ata que vae assinada por mim juntamente com todos os membros presentes.

Rio de Janeiro, 19 de Abril 1934

(aa) 1º Ten. Rodrigo Octavio J. Ramos
Ten. Cel. Amaro Soares Bittencourt
Dr. Roberto de Freitas Lima
Braulio Ribeiro de Macedo Soares
Dr. Antonio Gomes de Mattos
Jorge Rodrigues da Silveira.

**

Ata da quarta Sessão de Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira.

Às dezenove horas do dia dezenove de Abril de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua sede, a Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira composta dos Snrs. Ten. Cel. Amaro Soares Bittencourt, Presidente Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente Civil, Braulio Ribeiro de Macedo Soares, 1º Tesoureiro, 1º Ten. Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1º Secretario, Dr. Antonio Gomes de Mattos, 2º Secretario, Jorge Rodrigues da Silveira, vogal sobre exposição, Dr. Leonidio Ribeiro, 2º Tesoureiro, representado pelo Snr. Vice-Presidente Civil; ausente o Major Nestor Rodrigues Silva, Vice-Presidente Militar.

Estando presente em maioria os membros, a Diretoria passou a deliberar. Aberta a Sessão pelo Snr. Presidente, o Snr. Vice-Presidente Civil, lê a ata da Sessão anterior, que é aprovada, em seguida lê o expediente, que constou de grande numero de ofícios enviados pelo C.C.B., e das respostas, dentre as quais cumpre destacar a constante do oficio nº 106/S-3, de 12 de Abril de 1934, do Cap. Affonso Henrique de Miranda Corrêa, Delegado Especial de Segurança Politica e Social, Secção de fiscalização de explosivos, armas e munições da Policia do Distrito Federal, que enviou o nome e endereço de 340 caçadores, afim de serem notificados para não atirarem em pom-bos; todos os ofícios e respostas ficaram arquivados na Secretaria. O Snr. Vice-Presidente Civil, apresenta os folhetos de propaganda, em numero de 100.000 (cem mil), já impressos e de-

positados na Secretaria, pedindo autorização para entrar em entendimento com o General de Brigada Eurico Gaspar Dutra, Diretor da Aviação Militar, afim de serem os mesmos lançados sobre a Capital e demais cidades situadas nos trajetos das linhas do correio militar, o que é aprovado.

O Snr. Vice-Presidente Civil, comunica já ter feito a revisão das provas do Regulamento da C.C.B., enviadas pela Imprensa Nacional. Comunica igualmente já ter fornecido a matéria para ser publicada em «A Defesa Nacional», órgão oficial da C.C.B., constando das atas, da Sessão inaugural, e das da primeira e segunda Sessões de Diretoria; como já ter feito a revisão das provas das mesmas, que serão publicadas no numero de Abril. Apresenta o Snr. Vice-Presidente Civil, modelos de sua propriedade, para serem aprovados como timbre e medalha oficiais da C.C.B., os quais foram executados a seu pedido pelo Snr. Luiz Gomes Loureiro, desenhista do Gabinete Fotográfico do Estado Maior do Exercito; após as devidas explicações e cuidadoso exame procedido pelos demais membros presentes, foram aprovados. Consta o modelo aprovado, que será a medalha oficial da Confederação Colombofila Brasileira, de duas faces, na anterior, a principal, notam-se tres planos, com relevos diferentes: no primeiro vê-se o céo; no segundo, o cruzeiro do sul, simbolizando o Brasil; a silueta da praia de Botafogo, com o Pão de Açucar, Urca, Corcovado, etc., a Capital da Republica, séde da C.C.B.; o Christo Redentor, a fraternidade; no terceiro um pombo na parte central, pousado sobre um morro, traduzindo a colaboração prestada por essas aves nas relações entre os homens, ladeado por duas palmas de louros, e os dizeres: «Ministerio da Guerra», na parte superior, e «Confederação Colombofila Brasileira», na parte inferior. A face posterior lisa para as inscrições, tendo apenas a borda rebaixada na largura de 2 (dois) milímetros.

O modelo aprovado, que será o timbre oficial da C.C.B., é identico a face anterior da medalha já descrita. A medalha e o timbre oficiais, cujos modelos foram aprovados, terão de 3 (tres) á 4 (quatro) centímetros de diâmetro. O Snr. Vice-Presidente Civil, oferece en-

tão a C.C.B. o cunho para a medalha oficial, como um cliché com 4 (quatro) centímetros de diâmetro, para o timbre oficial, ao que agradece o Snr. Presidente em nome dos demais membros da Diretoria da C.C.B. Apresenta ainda o Snr. Vice-Presidente Civil, o modelo do cabeçalho, feito a seu pedido pelo Gabinete Fotográfico do E.M.E. para a publicação do Boletim Oficial da C.C.B. em a «A Defesa Nacional», sendo aprovado após cuidadoso exame. O cabeçalho aprovado, e que servirá para as publicações do Boletim Oficial da C.C.B., consta de três partes: na parte superior lêm-se os seguintes dizeres: «Ministerio da Guerra», sob este em tipo maior, «Confederação Colombofila Brasileira»; na parte media: no centro, o timbre oficial da C.C.B., separando os dizeres, á direita: «Regulamentada pelo Decreto n.º 23.905 de 22 de Fevereiro de 1934»; á esquerda: «Criada pelo Decreto n.º 22.894 de 6 de Julho de 1933»; sob o timbre: «Boletim Oficial»; na parte inferior: a esquerda, «o ano»; no centro, «a data»; a direita, «o numero».

O Snr. Vice-Presidente Civil, pede providencias para a execução da primeira solta a ser feita pela C.C.B., em 6 de Maio proximo, das aves pertencentes ao Clube Colombofilo Carioca, nas localidades: Cascadura, Merity e Alcantara, de conformidade com os mapas de treinamentos e concursos enviados por essa entidade filiada, e aprovados na Sessão anterior; ficando resolvido que as embalagens sejam conduzidas ás localidades citadas, pelo caminhão do Serviço Telegráfico do Exercito, e os soldados encarregados de proceder as soltas, em numero de dois, receberiam as instruções do Vice-Presidente Civil

Historia o Snr. Vice-Presidente Civil, o papel que desempenhou quando membro da comissão encarregada da regulamentação da C.C.B., que exercia também a função de Diretoria da mesma, encorrendo anilhas de alumínio, anilhas de borracha, taboa de cálculos para concursos, taboa de atraço ou adeantamento, á firma Henri Vercamert de Clerck, em Iseghem na Belgica, de acordo com os demais membros da citada comissão. Lé então os documentos neste sentido, finalizando, comunica ter dado por finda a missão de que fôra encar-

regado pelos demais membros da aludida comissão: Ten. Cel. Francisco Gil de Castello Branco, e Major Luiz Propcio de Souza Pinto, enviando para a compra do material descrito, 210 Belgas, por saque do Banco do Brasil em 7 de Abril p.p.; o que é aprovado. Pede então o Snr. Vice-Presidente Civil, que sejam incluidos nesta ata os documentos que leu, e que comprovam o que acabava de relatar. Declara ter sido a importância de 210 Belgas, (quinhentos e oitenta e oito mil e seiscentos reis, em nossa moeda ao cambio do dia), retirada mediante recibo seu, da conseguida pelo Ten. Cel. Francisco Gil Castello Branco, com o General Espírito Santo Cardoso, quando Ministro da Guerra, no valor de 2:000\$000 (dois contos de réis) para a C.C.B.

Documento n.º 1 — Carta datada de 9 de Setembro de 1933, de Vice-Presidente Civil á firma Henri Vercamert de Clerck, encomendando em nome da C. C. B.: 6.000 (seis mil) anilhas de alumínio numeradas de 1 á 6.000 (um á seis mil), para as quais enviou modelos para o tamanho, algarismos, emblema do Brasil, iniciais da C.C.B., e ano 34; 3.000 (tres mil) anilhas de borracha para concursos; uma taboa para cálculos nos concursos; uma taboa para cálculos de adeantamento. Enviando cincuenta (50) pesos argentinos para efetuar a compra.

Documento n.º 2 — Carta datada de 20 de Setembro de 1933 da firma Henri Vercamert de Clerck, acusando o recebimento da constante do documento n.º 1, e enviando os seguintes preços 6.000 anilhas de alumínio conforme modelo enviado, Francos 750; 3.000 anilhas de borracha, Francos 142.50; um livro de cálculo, Francos 12.50; um livro Baremés para velocidade, Francos 30; frete pelo colis, Francos 40; cliché especial com o emblema do Brasil e iniciais C. C. B., Francos 75. Total: Francos 1050, ou 210

Belgas. Devolvendo os 50 (cincoenta) pesos enviados pelo Vice-Presidente Civil.

Documento n.º 3 — Ofício n.º 3 datado de 30 de Novembro de 1933, do então Presidente da C. C. B., Ten. Cel. Francisco Gil Castello Branco, ao Ministro da Fazenda, pedindo permissão na remessa de 210 Belgas para a citada firma.

Documento n.º 4 — Telegrama ao Ten. Cel. Francisco Gil Castello Branco, datado de 5 de Dezembro de 1933, no qual o Snr. Rubem Rosa, encarregado do expediente do Ministerio da Fazenda, dizia estar a Carteira Cambial do Banco do Brasil de acordo com a remessa dos 210 Belgas.

Documento n.º 5 — Ofício n.º 4, datado de 11 de Dezembro de 1933, do Ten. Cel. Francisco Gil Castello Branco ao Presidente do Banco do Brasil, apresentando o Snr. Vice-Presidente Civil, que ia tratar da remessa dos 210 Belgas autorizada pelo Ministerio da Fazenda.

Documento n.º 6 — Saque do Banco do Brasil de 7 de Abril de 1934, no qual o referido Banco declara ter recebido da C.C.B. a importância de 210 Belgas, (quinhentos e oitenta e oito mil e seiscentos reis em nossa moeda, cambio do dia), para ser pago á firma Henri Vercamert de Clerck em Iseghem na Belgica.

E, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão da qual eu 1.º Secretario, 1.º Ten. Rodrigo Octavio Jordão Ramos, lavrei a presente ata que vai assinada por mim juntamente com todos os membros presentes.

Rio de Janeiro, 3 de Maio de 1934.

(aa) 1.º Ten. Rodrigo Octavio J. Ramos.
Ten. Cel. Amaro Soares Bittencourt.
Dr. Roberto de Freitas Lima.
Dr. Antonio Gomes de Mattos.
Braulio Ribeiro de Macedo Soares.
Jorge Rodrigues da Silveira.

Biblioteca de

“A Defesa Nacional”

“Os pombos correios e a Defesa Nacional”

do Dr. Freitas Lima, é o melhor trabalho existente sobre colombofilia.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE:

João Batista de Magalhães

SECRETARIO:

José Faustino Filho

GERENTE:

João Batista de Matos.

ANO XXI

BRASIL — RIO DE JANEIRO, MAIO DE 1934

NUM. 240

EDITORIAL

O espirito da reforma

«São precisas as vontades para completar as leis.»

Bacon.

«Quem me dará expressões e um estilo conveniente ao assunto de que quero tratar?»

Ariosto.

As *novas leis* decretadas pelo Governo Provisorio reformam profundamente o organismo militar. Não se limitam a meras reacomodações da maquina administrativa, da organisação das forças, dos elementos a bem diser inertes, vão até a parte viva das instituições e tocam na propria alma. As modificações que as novas leis introduzem são visivelmente feitas para impôr o *espirito novo* de que veem impregnadas e por isso conteem elas os elementos essenciais para que da *implantação legal* de uma *nova mentalidade* se possam colher os mais lidimos frutos.

É legitimo esperar, na situação em que nos encontramos, que a reforma se processe conforme a idéa *evolucionista* que a inspira?

Pode fracassar?

Eis as perguntas que pairam no ar formuladas pelos que, como S. Tomé, querem vêr para crêr.

**

Será evidentemente injusto admitir a hipótese de fracasso da reforma, enquanto sua execução depender dos mesmos homens que a decretaram.

Tal suposição equivaleria a acoimá-los de insinceros, levianos ou incapazes, quando nenhuma verdadeira razão existe para tanto; ou seria apenas manifestação propria de mentalidades falidas, vontades amortecidas, almas sem esperança e já fatigadas para construir.

Duvidar porque?

Não estão aí logicamente concebidas e suficientemente expressas, salvos certos colapsos, dificeis de com-

preender, as novas normas que nos conveem?

Não estão definidas e repartidas as *responsabilidades pelas autoridades* que as devem normalmente assumir? Porque admitir *a priori* que tais autoridades não serão ciosas de suas dignidades funcionais e que deixarão usurpar suas prerrogativas e que outras não as respeitarão?

Acima de todos paira a autoridade do Governo, representado por seu Ministro, o qual ha de por força das causas considerar a *implantação de novos hábitos e costumes a pedra de toque da reforma*. Certamente, haverá ainda órgãos relativamente atrofiados pela prolongada *incompreensão* da função publica em que temos sempre vivido, dessa causa comesinha, insignificante, que consiste em conhecer seu dever e cumpri-lo, antes de distrair-se com quaisquer outras cogitações. A autoridade, porém, que decretou a reforma está por força ao par dessa situação e tanto assim que, em toda ela, transparece dominantemente a preocupação de corrigir os males que conduziram ou condussem a situações tais. Ela sabe, por certo, que o maior *vício* de nossos *improdutivos costumes* consiste justamente nessa preocupação, verdadeiramente dona de cuidar do que diz respeito a outrem antes de tratar das obrigações proprias.

É uma observação facil de realizar em quasi todas as esferas de ação, cuja importancia e gravidade os autores da reforma levaram evidentemente em linha de conta.

Nossos Ministros, em regra geral e quasi sem excepção, impotentes para desempenhar seu verdadeiro papel, cujas dificuldades teem sido evidentemente superiores ás suas possibilidades, e ancosos por fazer alguma cou-

sa, demonstrar zêlo pela causa publica, dar exemplo de dedicação ao trabalho, invadem as atribuições dos subordinados chamando a si questões e pormenores de execução incompatíveis com sua alta esfera de ação. E, ao passo que isso se dá, as preocupações de ordem ministerial, que explicam a existencia do cargo, que competem ao governo, de orientação, de coordenação e de controle, ficam a mercê dos acasos ou deixam de existir, com enormes prejuizos para o desenvolvimento e progresso das instituições militares e, ipso fato, da segurança nacional.

Resulta daí, de fato, ausencia da autoridade ministerial e desarrasoadada colaboração do Ministro no trabalho mesmo dos órgãos subordinados. É de sua intromissão no que só a estes compete, pessimo serviço, ações hesitantes, descosidas, incoerentes ou contraditorias, sempre incompletas e insuficientes, porque falta direção, coordenação, controle e não estimula o exercício das *livres iniciativas*.

Como seria possível, si o subordinado não tem liberdade de procedimento em face das missões que lhe correspondem, nem é o verdadeiro responsável?

O mecanismo da guerra moderna, das instituições militares, é *impessoal* e deve assim ser encarado. Não deve haver o mais leve desprezo da responsabilidade funcional do mais insignificante elemento, nem se deve permitir que um orgão exerça funções de outro, por que a maquina se desconjunta, emperra, se fatiga e não dá rendimento.

Si um orgão existe é porque tem função a desempenhar, sem o que sua presença torna-se um peso morto, inutil e não se justifica.

Consideremos um exemplo. O Estado Maior do Exercito é o orgão

responsável pela preparação da guerra, pelas questões de ordem doctrinária e pela eficiência da instrução militar. Nesses assuntos só ele decide em face dos recursos que o Governo consagra a esses misteres. Nada justifica, portanto, que outro elemento qualquer se sobreponha a sua autoridade nesse particular, nem mesmo quando haja divergências doctrinárias ou de opinião com o que ele quer ou recomenda.

Apezar, porém, de ser isso uma doutrina aceita em toda parte, das leis e regulamentos praticamente a traduziram, não houve até hoje um só Ministro, competente ou não em assuntos militares, que não lhe desacatasse a autoridade, direta ou indiretamente, em vez de pugnar pelo seu contínuo vigor.

Muitos teem mesmo despresado radical e totalmente suas opiniões e parcerias, como é público e notório.

Ha nisso um contrassenso visível a olho nú, um sintoma de fraquesa, porque esse grande órgão, se não é, deve ser a cravilha mestra de nossa preparação para guerra; e, em consequência, cabe justamente ao governo, representado pelo Ministro, como precípicio dever, zelar atentamente por isso.

É o que a boa lógica nos diz. Um Ministro, qualquer que seja, que, reconhecendo insuficiência no E.M., a ele se sobrepõe sem providenciar desde logo para que se torne um órgão eficiente, comete um erro grave, um grande erro, porque:

- enfraquece o elemento central e nuclear da vida militar da nação;
- enfraquece-se a si mesmo, chamando a seu gabinete questões que não correspondem à sua esfera de ação;
- estimula a *indisciplina geral* e o desenvolvimento dos pontos de vis-

ta individuais e isolados, que passam a querer predominar;

— finalmente, dificulta, retarda ou impossibilita a normalização do funcionamento do mecanismo militar e, portanto, que se chegue a bom termo na organização da segurança nacional.

Além do mais, é preciso que se considere que um Ministro é um órgão efêmero, mutável com as correntes políticas, enquanto que o E.M. é uma instituição permanente, politicamente incolor, capaz de ação contínua, independente de *marés eleitorais*.

**

As necessidades decorrentes desses fatos e vícios que vimos de exemplificar, foram evidentemente encarados diretamente pela *reforma atual*, pois que ela define de modo preciso o papel do Ministro e dos diversos chefes principais do Exército, dando a todos uma autoridade legal nitidamente delimitada e responsabilidades verdadeiramente exclusivas, independentes de interpretações subtils de qualquer habil dialetica.

Entretanto, si o *sadio espírito* da *reforma* não for franca, energica e decididamente adotado; se os chefes não suberem defender afincadamente a liberdade e a autonomia que as leis lhes dão; e o Ministro não velar atentamente para que assim se proceda, não medrará ela na prática.

Desde já, sem perda de tempo, devem ser exercidos, em maxima extensão, os novos e bons costumes para que não arrefeça a carreira dos novos e uteis empreendimentos.

Não importa mesmo que o E.M.E. e os Departamentos se mostrem hesitantes ou insuficientes sob os aspe-

tos legais e praticos. O *unico meio* de afastar os obices que daí podem decorrer para nosso progresso, será faze-los funcionar, compeli-los ao exer-
cicio de suas funções, para evitar que se desvirtuam ou atrofiem.

Em todo caso, o que é inadmissivel, por ser contraproducente, é que se continue a desprezar, sob qualquer pretexto, suas responsabilidades e a enfraquece-los por decisões inadequa-
das ou intervenções indebitas, tornan-
do possiveis as manobras desbordan-
tes e infiltrações invisiveis que as neu-
tralism e inutilisam sua ação eficiente,
desculpando-os...

Prolongar-se-iam assim indefinida-
mente os *velhos maus habitos*, os
costumes improdutivos ou de resulta-
dos sempre negativos.

Sem que, desde já, se observem amplamente as novas normas, o que hoje não depende de *conhecimentos só proprios dos de grande cultura, mas apenas de respeito a lei*, o que é accessivel a quem quer que exerça com atenção suas funções, a *refórm*a

não produsirá nenhum *resultado prati-
co*. Ela se volatisará, aos poucos...

Muitos, a quem escapa o *sentimen-
to das realidades*, para justificar as infrações que cometem ou as insufi-
ciencias de suas opiniões e atos acoi-
mam de *teoricos* ou *intransigentes*
aqueles que propugnam pelo respeito aos principios estabelecidos, a quem negam *espirito pratico*. É preciso ainda ter isso em conta. E o mais *curioso* é que se atribuem esse *espi-
rito pratico*, como se tivessem o ha-
bito repetido do trato das questões em aprêço, — por que *pratica* nada mais é que o *habito* de faser seja o que fôr, — ao passo que o negam aqueles outros que de mais remotos tempos delas cogitam assiduamente. Confundem assim, sem distinguir bem de que se trata, não a *teoria* com a *pratica*, mas o *emperismo* de suas imaginações com o carater científico que corresponde as consepções que despresam.

Ora, seja como fôr, o que é verda-
de é que: «*c'est en forgeant qu'on devient forgeron*».

Marcha Macabra ! . . .

«Seja como fôr, no estado atual de couças da vida nacional, *cumpre aos mi-
litares*, o dever de formar *ambiente*, de dar exemplos e díficantes. Cabe-lhes agir, conforme a bôa logica de seus des-
tinios, sempre e sempre, sem vacilar, com espirito de sacrificio, de abnegação, con-
ciencia, discrição e superioridade moral,
na mais perfeita disciplina, com exage-
rado rigor disciplinar.

Façamos um ambiente sadio, de óti-
mismo, de normalidade, de realidade, de cumprimento rigoroso dos deveres indi-
viduais e coletivos. Pratiquemos todos os atos que é de nosso dever praticar, sem excetuar um só, e façamo-lo com honestidade, com inteligencia, com alma, com sinceridade! O resto virá em con-
sequencia.»

(Do Editorial — Junho — 1933).

«*On ne vaut que pour ce qu'on fait*»

Foch

Funcionamento de uma 2^a Secção de Corpo de Exercito

O problema da procura das informações durante o periodo de cobertura
(Caso concreto)

Pelo Ten. Cel. Carpentier
Da M. M. F.

Tradução do Cap. Décio Escobar

(Continuação do n. 237)

Impressionou-se com a importância que assumiu a ponte de Treis na idéa de manobra do Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex., pois que a 137.^a D.I. deve empenhar-se á retaguarda da 4.^a D.C. si a ponte de Treis não estiver destruída e, no caso contrario, entre a 37.^a D.I. e a 4.^a D.C.

As dificuldades de comunicação para a Artilharia e para as viaturas são tais que o Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex. prescreveu á 137 D.I. que não ultrapasse o nó de estradas de Beltheim, até nova ordem, isto é, enquanto não se estiver certo do estado da ponte de Treis. Daí a necessidade de dirigir a atenção dos órgãos de busca, isto é, a Aeronautica e, sobretudo, a 4.^a D.C., para esse ponto preciso.

Quando as nossas tropas tivesem atingido o Moselle, deverão tomar disposições para transpô-lo.

A Engenharia estudou desde o tempo de paz o regimen do rio, as possibilidades de travessia.

Mas, as tropas de 1.^a linha, infantes e cavaleiros pôdem preparar o caminho para a Engenharia, pôr a mão nos barcos, impedir que os habitantes os destruam ou os levem para a margem N. Ainda isso é preciso que se lhes diga. Assim se fará.

Está elaborado o nosso plano de informações. Resta apenas redigi-lo e submete-lo á assinatura do Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex.

30.^o C.Ex. Q.G., 9 de Set.^o, ás 12 hs.
E.M.
2.^a Sec.

PLANO DE INFORMAÇÕES
(para o periodo de operações que se inicia a 10 de Setembro)

I — Informações sobre o inimigo
Vêr os Boletins de Informações n.os 10 e 11 do Ex. Azul.

II — Missão do C.Ex. e Idéa de manobra do General Cmt. do 30.^o C.Ex.

Vêr a ordem de operações do 30.^o C.Ex. para a jornada de 10.

III — Informações necessarias ao Comando.

Das informações obtidas até agora, resulta que o inimigo trabalha na organização de uma posição nas encostas que dominam, pelo lado do N., o Moselle, e que é nessa posição que ele nos pôde oferecer combate com tropas frescas.

Em consequencia, o Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex. deseja obter informações sobre:

- a) — o valor das posições organizadas ao N. do Moselle pelo inimigo e o dos efetivos que ai se acham;
- b) — os efetivos suscetiveis de intervir no prazo de tres dias;
- c) — a ordem de batalha do inimigo ao S. do Moselle;
- d) — as destruições preparadas ou executadas pelo inimigo nas vias de penetração;
- e) — o estado das pontes e meios de travessia do Moselle.

**

O Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex. aprovou este plano de informações e o subscreveu.

Ato continuo, o Chefe da 2.^a Secção põe-se a redigir o plano de busca.

Ele como que trabalha em um escritorio de comissões: recebe as encomendas e reparte-as entre os fornecedores.

Quer terminar o seu trabalho antes das 18 hs., porque para esta hora convocou o Cmt. da aeronautica, o seu oficial de informações e o Chefe do S.I.A., e quer submetê-lhes o plano e levar em conta as suas observações, si fôr preciso, antes de mandar batê-lo e de haver sido assinado.

As 18 hs., depois de haver comunicado o seu plano de procura aos Chefes dos

órgãos de busca, que tomaram nota do que lhes interessava, e vão em seguida preparar os respetivos órgãos na expectativa do documento oficial, o Chefe da 2.ª Secção leva á assinatura do Chefe do E.M. o plano seguinte.

30.º C.Ex. Q.G., 9 Set.º, ás 18 hs.
E.M.
2.ª Sec.

PLANO DE BUSCA N.º 2

(para o periodo de operações que se inicia a 10 de Setembro)

I — Aeronautica.

Em ordem de urgencia:

1.º)

- a) — Reconhecimento fotografico da posição ao N. do Moselle. Escala : 1/10.000. Vêr calco junto.
- b) — Procurar os agrupamentos de tropas inimigas na posição da margem N. do Moselle até á linha Cochem, Binningen, Münstermaifeld, Lehmen, maximé na zona Pommern, Binningen, Münstermaifeld, Kattenes.
- c) — Acha-se, ou não, destruida a ponte de Treis?

2.º)

- a) — Vigiar a circulação inimiga e pesquisar as destruições efetuadas nas estradas ao S. do Moselle, maximé nas que terminam em Treis, Burgen, Brodenbach;
- b) — A partir de 12 hs.

Assinalar apreciar os movimentos de tropas inimigas ao N. do Moselle até á estrada, inclusive, Kaisersech, Polch, Coblenze, maximé nos itinerarios:

Kaisersech — Klotten;

Kaisersech — Hamburch — Karden;

Keyrig — Karden;

Polch — Naunheim — Karden;

Polch — Munstermaifeld — Moselkern;

Polch — Munstermaifeld — Hatzenport — Lof;

Coblenze — Treis;

Coblenze — Boppard — Boppard — Brodenbach.

II — Tropas.

37.ª D.I., 137.ª D.I. e 4.ª D.C,

- A) — Buscas comuns ás 3 D.I., cada qual trabalhando em sua zona de ação no decurso da progressão:

- a) — Ordem de batalha do inimigo. Aparecimento de unidades novas.
- b) — Que valor tem a posição inimiga assinalada na linha: Lieg - Macken - Morshausen?
- c) — Praticou o inimigo destruições nas estradas que terminam em Treis, Burgen, Brodenbach? Em que pontos? Precisar a espécie de destruições;
- d) — Quais são as possibilidades de travessia do Moselle? O inimigo destruiu ou prepara a destruição das barcas assinaladas na carta? Quais são os recursos locais em barcas, chalanas, materiais... que permitem à transposição ou a construção de pontes;
- e) — Qual é o valor da posição organizada pelo inimigo ao N. do Moselle?

Ordem de batalha. Efetivos, armamento das tropas de ocupação.

B) — Buscas especialmente a cargo da 4.ª D.C.

Primeira urgencia: Em que estado se acha a ponte de Treis? Destruída ou não? Danificada?

C) — Buscas especialmente a cargo da 37.ª D.I.

Vigiar as direções de Coblenze e Boppard. Situar e identificar as tropas inimigas que vêm dessas direções e suscetíveis de atuar contra o flanco direito do C.Ex.

III — S.I.A. — Amarrar as posições da artilharia inimiga desdobrada ao N. do Moselle, particularmente as da região Moselkern, Wierschem, Münstermaifeld, Mörz, Moselsürsch, visando a determinação do dispositivo dessa artilharia no terreno, a sua importância e os seus calibres.

IV — Escutas — As grandes unidades, C.Ex. e D.I., procurarão captar por meio dos aparelhos C as comunicações inimigas.

V — Transmissão das informações solicitadas:

Pelos trâmites mais rápidos ao E.M. do 30.º C.Ex., 2.ª Secção.

Partes periodicas: Sem alteração.

O Gen. Cmt. do 30.º C.Ex.
P.O.... Chefe de E.M.

A redação deste plano de busca exige algumas explicações.

I — Aeronautica — O Plano de busca do I.Ex., datado de 9 de Setembro, fixou como limite entre as zonas de ação das aviações de Ex. e de C.Ex. a estrada Kaisersesch-Polch-Coblence.

Ora, no Plano de busca do 30.º C.Ex., a zona de ação da Aeronautica desta grande unidade até 10 de Setembro, às 12 horas, é limitada em profundidade pela linha Cochem, Beningen, Munstermaifeld, Lehmen.

Parece, pois, que até essa data a zona compreendida entre o limite acima mencionado e a estrada Kaisersesch — Polch — Coblence, a despeito da sua importância, não será vigiada pela Aeronautica. É que na noite de 9 de Setembro, quando o Chefe da 2.ª Secção do E.M. do 30.º C.Ex. disse ao Cmt. da Aeronautica o que dela se esperava na jornada de 10, o ultimo reclamou em altas vozes.

O seu grupo de duas esquadrilhas empenhara-se totalmente desde o dia 5 de Setembro, data do rompimento das hostilidades. Amanhã ele teria de executar: seguramente, missões de ligação em proveito das 37.ª e 137.ª D.I. e 4.ª D.C.; quiça, missões de contra-bateria em proveito da A.P.C.Ex. Pedir-se-lhe, além disso, que se encarregue da procura de informações em uma zona de cerca de 27 kms. de profundidade, em relação à linha atingida hoje á tarde, com outros tantos quilometros de largura, é demais!

Até o Moselle ou uma linha 4 kms. ao N., ainda vá! Concorda, outrossim, o Cmt. da Aeronautica em realizar a cobertura fotografica da posição de resistência do inimigo, conforme a vontade expressa do C.Ex. Mas, além disso, ele julga impossível cumprir a missão que lhe foi dada.

Torna-se necessaria uma saída. Ei-la:

Até o meio-dia dá-se como limite em profundidade da zona de ação da aviação do 30.º C.Ex. a linha Cochem-Beningen-Lehmen; e pede-se á aviação do Ex. que se incumba da procura das informações ao N. dessa linha.

E de esperar-se que ao meio-dia as nossas tropas já tenham feito um largo avanço e atingido mesmo, quem sabe, o

Moselle. Neste caso, a Aviação do C.Ex. pôde perfeitamente incumbir-se da busca de informações até a estrada Kaisersesch-Polch-Coblence, isto é, em uma profundidade maxima de 15 kms.

Uma telefonema do Chefe do E.M. do 30.º C.Ex. ao 1.º Exercito Azul, e a solução acima aventada é aceita.

Si insisti nesse episódio foi para mostrar quão intima e confiante deve ser a colaboração do Chefe da 2.ª Secção do C.Ex. com o Chefe dos órgãos de busca, e o interesse da reunião diaria, em vista dos trabalhos do dia seguinte.

Pôde causar admiração o fato de não se pedir sinão em 2.º lugar, em ordem de urgencia, os infórmes relativos ás destruições praticadas nas estradas ao S. do Moselle.

Quiz desse modo o General mostrar a importância das informações sobre a posição ao N. do Moselle, indicadas como de primeira urgencia.

Com isso quiz dizer ao seu aviador: Si amanhã não pudérdes fazer sair mais do que um avião este deverá trabalhar na procura de informações ao N. do Moselle.

Cumpre notar ademais que as D.I. foram bem providas de aviação, pois que a Instrução particular á Aeronautica lhes atribuiu:

37.ª D.I. — 3 saídas; 137.ª — 2 saídas; 4.ª D.C. — 3 saídas.

Esses aviões poderão e deverão mesmo impulsionar pontas até 2 ou 3 kms. no interior das linhas inimigas, o que não será, aliás, difícil, dado que não teremos de agir, segundo parece, sinão com fracos elementos.

Vê-se, pois, que ao Sul do Moselle as missões de busca serão executadas pela aviação pôsta á disposição das Divisões, á medida que estas forem avançando.

A respeito da ponte de Treis, pediu-se á aviação que informe sobre o estado dessa ponte toda vez que a sobrevôe.

Não será, entretanto, á vista de um infórme da aviação que o General Cmt. 30.º C.Ex. tomará a decisão de agulhar a 37.ª D.I. á retaguarda da 4.ª D.C.

O inimigo, com efeito, esperará o derradeiro instante para fazer saltar a ponte e dest'arte a informação da aviação não terá valor sinão quando puder afirmar

que as nossas tropas transpuzeram o Moselle.

II — Tropas — As ordens dadas aos Gerais Comandantes das D.I. e D.C. são precisas. A eles cumpre dar ordens pormenorizadas ás unidades que lhes são subordinadas.

III — S.I.A. — O Chefe do S.I.A. preparam a entrada em ação desse serviço, para quando as nossas tropas tiverem atingido o Moselle, pois é, realmente, pouco provável que se lhe apresente a possibilidade de intervir antes. Ele estudou, na jornada de 9, sobre a carta, as regiões em que o inimigo poderia estabelecer a sua artilharia, no caso de haver organizado a posição de resistência no Moselle.

Na noite de 9 ele participa os resultados do seu estudo ao Chefe da 2.ª Secção, que pede, consequentemente, ao Cmt. da Aeronautica para acrescentar essas posições possíveis de baterias ao programa foto da jornada de 10.

Na jornada de 10 de Setembro, as nossas tropas atingem o Moselle. A 4.ª D.C. achou a ponte de Treis danificada, devendo a sua reparação levar 48 horas. Entra, pois, em jogo a 2.ª hipótese. Passagem a viva força.

O Comando decide construir uma ponte de equipagem em face de Hatzenport. Elementos leves devem antes transpor o Moselle em barcos, nos pontos assinalados sobre a carta de 1/50.000.

Nas grandes manobras, a ponte foi construída durante a noite de 10 para 11. Será mais plausível admitir-se que, em campanha, essa ponte não teria sido lançada senão no decurso da noite de 11 para 12, em razão das destruições praticadas pelo inimigo sobre as estradas, as quais retardariam a chegada do nosso material de pontagem.

Aproveitando a desorganização do inimigo, poder-se-á lançar na margem N. do rio, recorrendo aos barcos encontrados «in loco», alguns elementos leves que se aferrarão ás encostas durante toda a jornada de 11, protegidos por nossos fós. Admitamos, pois, essa hipótese.

A 10 de Setembro, ás 18 horas, a 2.ª Secção do 30.º C.Ex. expéde a seguinte ordem:

30.º C.Ex. P.C. em Morshausen, 10 de E. M. Setembro, ás 18 horas
2.ª Sec.

ORDEM PARA A BUSCA DE INFORMAÇÕES

(noite de 10 para 11 e jornada de 11)

I — Aeronautica: Sem alteração.

II — S.I.A.: Idem.

III — Tropas:

a) — Investigar as possibilidades de travessia do Moselle (estado das barcas, recursos em botes, chalanas, materiais suscetíveis de emprego na travessia do rio).

b) — Instalar sem mais tardança observatórios para averiguar:

1º) — os meios de fós inimigos que tenham ação sobre o vale e as encostas da margem direita, especialmente nos pontos de passagem previstos e na frente Burgen-Niederbach;

2º) — as possibilidades de proteger por meio de fós a transposição e o desembarque das tropas amigas;

3º) — os observatórios inimigos situados nos planaltos 283-273-259, ao N. de Lasserg, e 259-245-233, ao N. de Hatzenport.

O Gen. Cmt. do 30.º C.Ex.
P.O. O Chefe de E.M.

Parece que o C.Ex. poderia dispensar a expedição deste aditamento áo plano de busca.

Com efeito, não é uma missão normal em combate ter sempre «olhos» abertos para a posição inimiga?

Evidentemente. Mas no caso concreto presente o Comando liga importância especial á vigilância da região de Hatzenport, onde quer lançar a ponte de equipagem. É preciso que ele o diga. E ademais assistimos assim ao que deve ser a vida corrente em combate, isto é, ao trabalho comum, íntimo, á verdadeira interpenetração das 2.ª e 3.ª secções dos Estados Maiores.

CONCLUSÃO

As grandes manobras do Ex.F.R. permitiram acionar pela primeira vez, em um quadro e com efetivos de guerra, os diferentes órgãos de busca que trabalham nos escalões sucessivos do comando (re-

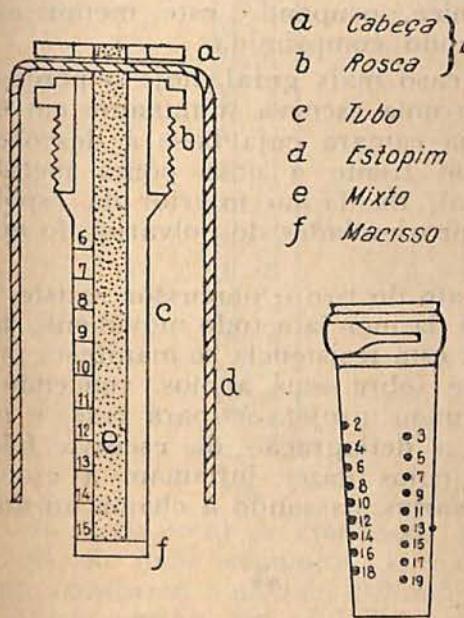
**Secção
de
Artilharia**

Ensaio de estudo sobre espoletas antigas e modernas

Pelo Cap. Olivio de Oliveira Bastos

(Continuação do n. 238)

Estas espoletas pertenciam ainda ao grupo das que inflamavam pelos gases ou polvora no momento do disparo. Entre elas encontravam-se as *Espoletas Boxer*, em varios modelos, constituídas por um *tubo de madeira* de forma *tronconica*, vasado interiormente segundo seu maior eixo para receber a coluna do misto fuscível, tendo na parte superior uma cavidade maior para receber a mecha de estopim e o polvarim (Fig. 7).



Figs. 7 e 8

A escala de duração da combustão era marcada no corpo da espoleta, sobre um retângulo de papel pregado sobre duas linhas de orifícios circulares, correspondendo os da direita aos numeros pares de segundos e os da esquerda aos impares.

gimentos, Divisões, Corpo de Exercito) a saber: tropas, aeronautica, S.I.A.

A experiença provou que não se obtém da noite para o dia oficiais de E.M. treinados nos métodos de trabalho das 2.^{as} secções. Esses métodos constituem um ramo da formação militar que como

Os intervalos entre esses orifícios regulavam ser de 10^{mm} donde se pode concluir que a altura de 5^{mm} correspondia a duração de um segundo.

Os morteiros de 10 e 13 polegadas de calibre empregavam espoletas dessas de 30 segundos, todos os outros calibres menores utilizavam as de 20, 10 e 5 segundos, conforme a distancia a que se desejava atingir.

Essas espoletas foram empregadas na artilharia de marinha.

Na artilharia de campanha estiveram mais em uso as *Espoletas de madeira com bocal metálico de rosca*. Nestas (Fig. 8) o tubo deixou de ser *tronconico* para ser *cilindrico*, pois a sua fixação no projétil se dava pelo bocal metálico de rosca.

A escala para regular a duração aproximada de combustão lia-se na face do tubo e a graduação se executava como no caso da *espoleta de madeira com boquim*. Serrado ou furado o tubo, a espoleta era atarrachada no ouvido rosado por meio de uma chave de latão da forma da cabeça da espoleta, sextavada, isso feito puxava-se o estopim e o alegrava (escorvar).

No áto do disparo a chama da carga de projeção acendia o estopim que por sua vez quimando levava o fogo ao misto...

O metal empregado para formar o bocal da rosca era branco ou amarelo, liga de zinco ou estanho e chumbo, ou de bronze e cobre, respectivamente.

Afim de que a espoleta não escapasse do projétil era atarrachada no ouvido rosado em sentido contrario ao do seu movimento de rotação e para que ficasse bem presa, utilizou-se mais tarde como

todos os outros, e talvez mais ainda, exige, além do conhecimento profundo das necessidades do Comando, qualidades de ponderação, ordem e método que não podem ser adquiridas sinão através de uma longa prática e de numerosos exercícios.

ainda hoje, nas espoletas metalicas do 75 Krupp, 1905 e 1908, um pequeno *para-juso de fixação*.

Esta classe de espoletas, de bocal metalico foram usadas nos canhões lisos e nas primeiras peças raiadas, de antecarga, em que os projetis esfericos foram substituidos pelos ditos oblongos.

Os canhões antecarga raiados de que dispuzemos desde 1864, La Hitte; e desde 1865, Whitworth, utilizavam dessas espoletas.

A espoleta era atarrachada na ogiva do projétil, ficando no carregamento voltada para o lado contrario a carga de projeção, mesmo assim era possível a inflamação do *estopim* no momento do tiro, pelo excesso que existia, do diâmetro da alma do canhão em relação ao do projétil, excesso esse que se denominava *vento*, sendo suficiente para permitir a passagem da chama da carga de projeção para inflamar o estopim. Era regulado pouco mais ou menos em 1/28 do diâmetro da boca de fogo.

Mas, desde a primeira metade do seculo XVIII, por causa das negas com as espoletas de *estopim*, em consequencia dos estragos deste e, mesmo pela deficiencia ou falta de *vento* nos canhões raiados, antecarga ou retrocarga (*), já empregados, apareceram as espoletas tendo um dispositivo de *concussão*.

c) — ESPOLETAS DE CONCUSSÃO

O dispositivo de concussão provocava a inflamação interna do *misto fusivel*, pelo choque entre um percussor (peça metalica) e uma escorva de *fulminato de mercurio*, choque esse originado pela concussão ou violento abalo sofrido pelo projétil no ato de ser posto em movimento.

O fulminato, devido a sua sensibilidade no choque com o percussor explodia resultando a chama que passava ao rasplho produzindo a combustão do mesmo.

Atualmente, como dantes, o dispositivo de concussão, formado por um aparelho constituido por um pequeno percussor que, movendo-se bruscamente para trás, em virtude da inercia, dá lugar á detonação da escorva fulminante para

esse fim disposta ou no proprio percussor, que neste caso vai bater de encontro a um *rugoso*, ou no fundo do alojamento desse percussor quando é ele provido do rugoso.

O percussor consta de uma pequena massa metalica de forma cilindrica ou anular, suspensa no interior da espoleta, por meio de travadores, ou mantida por meio de uma mola em espiral. Nas espoletas primitivas utilizavam fios metalicos para sustar o percussor, dispositivo rudimentar de segurança que era de aço, chumbo ou estanho; o percussor era provido do rugoso. A mola em espiral de aço ou de latão, depois empregada deu excelente resultado e maior segurança.

Construida com forma cilindrica ou tronconica, ocupando este menor espaço quando comprimida.

No caso mais geral, hoje o percussor contem uma escorva fulminante em uma pequena camara cuja base á descoberto está em frente a uma ponta metalica (rugoso), fixada no interior da espoleta e nas proximidades do polvarim do *misto fusivel*.

No ato do tiro o percussor resiste, em virtude da inercia a todo movimento para frente: esta resistencia se manifesta prontamente sobre seus apoios, vencendo-os, o percussor projeta-se para trás, e produz-se a deflagração da escorva fulminante, cujos gases inflamam a escorva de polvarim, passando a chama ao misto fusivel.

**

Dado esse ligeiro golpe de vista sobre a organização e funcionamento das espoletas de concussão, vamos ver as especies dessas espoletas que foram empregadas na nossa antiga artilharia.

As nossas primeiras espoletas de concussão (Fig. 9) que foram empregadas logo após a guerra do Paraguai, constavam de 3 partes:

- um *bocal* A, rosado, de metal branco e aberto nas duas extremidades, a inferior rosada internamente para áí atarrachar o *Capitel*;
- um *tubo* de madeira B, cilindrico, tendo um *canal longitudinal* com misto fusivel, na parte superior da coluna do misto fixava a escorva de fulminato na camara E.

(*) — As cintas de forçamento dos projetis dos canhões raiados retrocarga suprimiram o *vento* impedindo assim a fuga dos gases.

O tubo de madeira era de cerca de 15 centimetros de comprimento para as espoletas de 16 segundos e $1\text{mm}5$ de diametro. Apresentava na sua face uma graduação em segundos correspondendo a duração de queima das diferentes porções da coluna de misto fusivel.

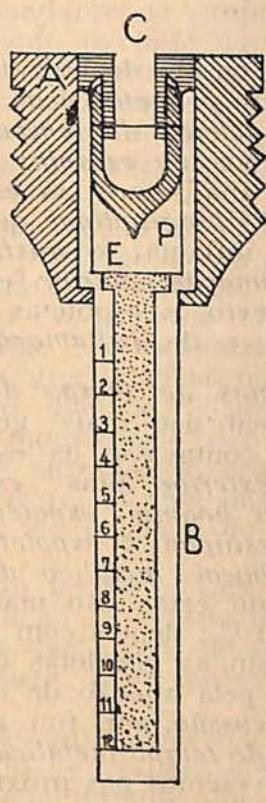


Fig. 9

A duração total de combustão era de 12, 16 ou mais segundos, aproximadamente conforme o modelo utilizado.

— O *aparelho de concussão* comprendia:

- um *Capitel C*, de metal amarelo, rosado exteriormente e vasado interiormente.
- um *percussor P*, com rugoso.

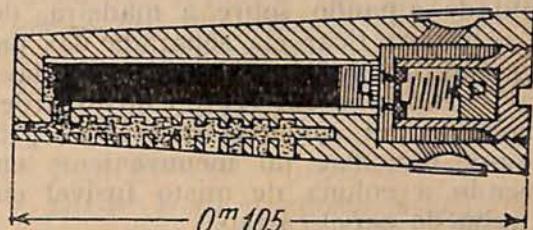
O capitel era atarrachado no bocal e prolongava-se por um cilindro ôco, envolvendo esse cilindro *um outro* que terminava em agulha formava o *percussor*, preso ao capitel por um arame fino transversal.

No momento do tiro o grande abalo sofrido pelo projétil devido a explosão da carga de projeção partia-se o fio de arame que prendia o percussor ao capitel, o mesmo caía indo a agulha ferir a escorva de fulminato, provocando a sua inflamação, a chama passava ao misto

fusivel que, por sua vez ia se queimando até chegar ao *evento* correspondente a graduação que se marcou no tubo, propagando-se então a chama á carga de *ruptura do projétil*.

Essa espoleta era designada por *Espoleta de concussão modelo 1873*.

A espoleta de concussão foi ideada por *Boxer*, a titulo documentario vamos ver em que consistiu essa espoleta.



A *espoleta Boxer de concussão* (Fig. 10), isto é, de *inflamação interior*, foi transformação da de *inflamação exterior*. Era identica ás espoletas de estopim do mesmo autor tambem de madeira, tronconica, com dois canais longitudinais já adaptado nelas, e tendo no interior do parafuso da cabeça um dispositivo de concussão constituido de um pequeno percussor *a* provido de um *rugoso* em sua base, que era mantido á distancia da pequena camara de misto fulminante por meio de uma mola em espiral. Esta camara de misto estava situada no parafuso vasado interiormente formando o alojamento do percussor e em comunicação com a escorva da coluna fusivel por meio de dois orificios ou *eventos e*.

Quanto a sua graduação não dieria da espoleta de estopim.

Antes de ser colocada a espoleta no projétil, era graduada rompendo com uma púa, *graduador* de espoletas, o tampe do orificio correspondente a duração de queima desejada.

A espoleta era introduzida no ouvido do projétil calcando-a com a mão, embora não tivesse a mesma bocal metalico de rosca sobre ela não se aplicava golpes de macete porque poderia causar a detonação do aparelho de concussão.

As *espoletas de concussão* foram tambem empregadas na *Guerra do Paraguai*.

**

As espoletas de *canal longitudinal* não tinham regularidade na combustão do *misto fusivel*, devido a maneira de com-

primi-lo no referido canal, a mão com auxilio de um atacador e de um macete, ou por meio de prensa hidráulica; não se obtinha uniformidade de compressão, as camadas inferiores ficavam mais comprimidas do que as superiores; a velocidade de combustão não podia ser a mesma.

A consistencia da coluna de misto fuscível era alterada por efeito do calor e da humidade atuando sobre a madeira, do que resultava ficar ela separada das paredes interiores da espoleta, o que dava lugar a explosão em vez do misto arder lentamente por camadas sucessivas, procurou-se remediar tal inconveniente envolvendo a coluna de misto fuscível em um tubo de papel cartão.

Apezar de tais falhas ainda existirem, as espoletas de concussão constituíram em todo caso uma etapa no aperfeiçoamento desses artifícios.

A aplicação do princípio de inércia na constituição do aparelho de concussão das espoletas e o emprego da escorva de fulminato de mercurio em meados do seculo XVIII, é que vieram permitir um rapido progresso na confecção das espoletas, colocando-as cada vez mais adequadas ás exigencias do emprego.

Utilizou-se comumente espoletas de madeira de concussão até 1895, aproxi-

madamente, quando foram adquiridos canhões Krupp 75 raiados, que trouxeram espoletas de tempo metálicas, cujo estudo faremos mais adiante.

**

Em nosso ensaio de hoje tratamos de *Espoletas dos progetis ócos* no que se refere as *espoletas de tempo por combustão*; citamos os *estopins* como seus precursores, analisamos as espoletas de tempo de *tubo longitudinal*, que quanto a maneira de inflamar o *misto* dissemos ser: de *Inflamação exterior* (espoletas de tempo de ferro e espoletas de tempo de madeira) e de *Inflamação interior*.

As *espoletas de tempo de madeira*, tiveram o seu uso mais generalizado, dentre elas contava-se as espoletas de *inflamação exterior* ditas: *espoletas de madeira com boquim*, *espoletas de madeira com estopim* e *espoletas de madeira com bocal metálico de rosca e estopim*, tendo estas uso mais corrente na nossa Art. C.; depois com os canhões raiados vieram as espoletas de *inflamação interna*, pela adoção de um *dispositivo de concussão*, por fim apareceram as *espoletas de tempo metálicas* cujas características veremos nas proximas notas.

Acham-se a venda:

Mementos de ordens de Infantaria

pelo Major José Faustino Filho, com

Prefacio do Major Ignacio José Verissimo

Preço do 1.º fasciculo 3\$000

„ „ „ 2.º „ „ 1\$500

**Secção
de
Artilharia**

A' margem dos regulamentos

Piano de instalação do grupo

(Gen. Pagezy — Revue d'Artillerie, Agosto 1933)

Tradução pelo Cap. Olivio Bastos e 1.º Ten. João da Silva Rebelo

O comandante de grupo deve se considerar como o chefe de uma usina de consumo de projétils e que deve lança-los: — seja num prazo muito curto e com uma boa precisão; — seja com uma grande precisão e num prazo curto.

Esta conciliação da *rapidez* e da *precisão* não pode ser obtida senão por uma boa *divisão do trabalho*.

Divisão do trabalho tanto mais delicada quanto ela escapa de toda regulamentação precisa. Ela não depende só da missão, mas de todas as circunstâncias do momento e em particular do tempo de entrada em ação, do terreno, dos objetivos, da personalidade do comandante de grupo e do valor de seus oficiais.

Ela não será a mesma no grupo cuja zona de ação só é vista de aviões e no grupo em que a zona de ação é vista em grande parte pelos observadores terrestres.

Ela não será a mesma em um grupo mobilizado de véspera e num grupo experimentado durante um ou dois meses de guerra.

É indispensável examinar com antecedência as diferentes soluções possíveis e a maneira de as executar. Chegado sobre o terreno, o comandante de grupo não terá que inventar, ele só terá que escolher.

Antes de atirar, o grupo deve se instalar.

Os órgãos a instalar são (1):

- 1.º as baterias;
- 2.º os observatórios;
- 3.º os P.C.;
- 4.º a antena;
- 5.º o destacamento de ligação (si fôr o caso);
- 6.º a coluna de reaprovisionamento;
- 7.º os armões;

(1) Compreendidos também os meios de ligação e transmissões que devem ser estabelecidos com antecedência ou no momento da instalação, não devendo retardar a ação pelos fogos. (Nota dos tradutores).

8.º as metralhadoras, ficando entendido que si certos destes órgãos não recebem ordens, ou não estando em condições de provocá-las em tempo útil, eles devem agir por iniciativa inspirando-se nas prescrições gerais dadas pelas instruções de seus chefes e pelos regulamentos.

A) — Baterias e observatórios

Diz-se frequentemente e com razão que os métodos modernos de tiro permitem realizar a independência das baterias e dos observatórios. É também de grande vantagem lhes dar posições relativas facilitando ao melhor as ligações e as regulações.

Ha quem diga que se deve primeiramente instalar as baterias, outros dizem que primeiro deve-se estabelecer os observatórios. De fato, ha muitas soluções possíveis para as baterias, varias soluções possíveis para os observatórios. A combinação a escolher é a que apresenta maiores vantagens.

O exame da carta permite justamente de estudar rapidamente e no seu conjunto todas as combinações vantajosas, de eliminar as mais desfavoráveis e de fixar, seja a região, seja as regiões onde os reconhecimentos irão operar (2).

Si o chefe que orienta os reconhecimentos (comandante de A.D., de grupo ou de grupo) dispõe de uma boa carta e se serve bem dela, as zonas a percorrer serão pouco extensas. Os reconhecimentos só terão que fixar os detalhes da ocupação e poderão operar rapidamente.

É bom lembrar á este respeito: que o reconhecimento de um grupo se divide em reconhecimento ligeiro e reconhecimento pesado;

(2) A expressão Região 24-32 (por exemplo) empregada correntemente nas ordens, quer dizer, não que é necessário colocar-se em 24-32, porém, que é necessário reconhecer a região, cujo centro é grosseiramente colocado em 24-32. Afasta-se dele mais ou menos...

Duma maneira geral, a palavra Região deve ser entendida num sentido largo. (Nota do A.).

que o reconhecimento ligeiro é precedido, seja bem longe, seja imediatamente por uma vanguarda que comprehende o comandante do grupo e todo ou parte de seu estado-maior;

que esta vanguarda é tambem muitas vezes precedida por uma ou varias pontas fornecidas pelo grupo ou pelo grupamento.

Em certos casos e em particular no caso da marcha de aproximação ou de uma marcha em retirada, ha muitas vezes interesse que certas pontas tomem um grande avanço, as vezes mesmo que elas marcharem com o grupo de reconhecimento (3).

Uma ponta não prestará serviços, não fará sua parte no prazo preciso, nem será recuperada á tempo si antes de ser lançada não se lhe especificar claramente o que ela deve reconhecer e o que ela deve fazer uma vez terminado o reconhecimento.

Ser-lhe-á dito por exemplo que no momento da chegada de tal escalão de infantaria sobre tal linha, o grupo deverá instalar-se na região A,B ou C com tal ou tal missão, com os observatorios colocados de tal ou tal maneira e se lhe precisará em que local e em que momento ela deve enviar ou levar suas informações.

Escolha das posições das baterias

A região das posições a ocupar é fixada:

seja pelo comandante da A.D.;
seja pelo comandante de grupamento;
seja pelo comandante de grupo (4).

Será escolhida como sempre perguntando: De que se trata? Qual é minha missão? Onde devo colocar-me para cumprir-a da melhor forma e no prazo desejado?

Os fatores que influem mais sobre a decisão a tomar são as seguintes:

a) — Zona de ação:

A arma do artilheiro sendo o projétil, é necessário primeiramente que o gru-

(2) Orgão divisionario de segurança assim como o R.C.D. no exercito brasileiro. (Nota dos T.).

(1) Normalmente cada escalão fixa a posição para o que lhe fica imediatamente subordinado. (Nota dos T.).

po possa enviar eficazmente seus obuszes em toda a zona de ação A, B, C, D que se lhe fixa ou que ele por si determina em função de sua missão geral e da situação:

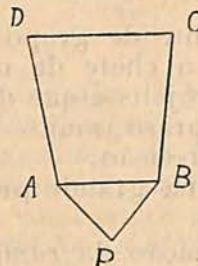


Fig. 1

Colocado muito longe, não poderá atingir ou atingirá em más condições o limite C.D. A dispersão de seus tiros normais será muito grande. Suas ligações com as unidades de primeira linha e os observatorios avançados serão precárias.

Colocado muito perto, ele será prejudicado:

1.º — Pela tensão das trajetórias:

Desenfiamento impossível ou precário. Reaprovisionamentos dificeis.

Angulos de queda muito fracos. Angulos mortos muito grandes. Dispersão muito grande dos tiros nas contravertentes;

2.º — Pelas flutuações eventuais de linha de combate;

3.º — Pela abertura muito grande do leque das trajetórias A P B e, por conseguinte, pela obliquidade muito grande de uma parte das linhas de tiro (5).

Os latinos antigos diziam: *In medio...*

Mas, as vezes convém que se vá uns pouco mais á frente, quer para dar estímulo ás tropas da primeira linha e certeza do seu apoio, quer para atingir zona mais profunda do campo inimigo (Nota dos tradutores).

(5) O que dificulta e retarda os trabalhos na linha de fogo, quando se faz mudanças de objetivo, situados ou do outro em distâncias lineares relativamente pequenas, dificulta pela colocação excentrica do tubo em relação ao eixo das rodas e retarda pela necessidade de desancorar a peça para apontá-la em direção.

b) — *Desenfiamento:*

Como vimos, de lembrar, o desenfiamento de uma bateria não é possível senão a partir de uma certa distância das linhas; não é possível senão a partir do momento em que os objetivos mais desfavoravelmente colocados possam ser atingidos, com carga reduzida, com um ângulo de tiro superior ao sitio dos observatórios inimigos. Esta condição uma vez preenchida, é necessário ainda achar sobre o terreno regiões ocupáveis e não vistas.

O ideal seria de se desenfiar, não sómente das vistas diretas dos observatórios terrestres, mas «dos clarões», «das fumaças» e mesmo «da aeronáutica», é porem necessário antes de tudo que o projétil passe».

c) — *Vias de acesso:*

As vias de acesso da posição devem permitir ocupá-la no prazo desejado, reprovisioná-la facilmente e si possível facilitar as ligações por motocicletas, bicicletas ou cavalos.

d) — *Proximidades de um observatório de conjunto:*

Mais ou menos importante segundo a missão, a proximidade de um observatório de conjunto é sempre vantajoso porque ela facilita ao menos a ligação da topografia das baterias a dos objetivos, e a verificação pelo tiro das correções do momento. Deve-se procura-la em particular quando os prazos estabelecidos ao grupo para sua entrada em ação pelos tiros à vista direta são muito fracos.

e) — *Facilidade de ligação com a infantaria, o comando, os grupos vizinhos:*

Temos falado destes fatores nos parágrafos «Zonas de ação» e «Vias de acesso». Sua importância depende da missão do grupo. Ela é muitas vezes vital.

f) — *Facilidades de camuflagem. Facilidades para a construção de abrigos. Facilidades de proteção contra os gases (6):*

(6) O disfarce ou a camuflagem é geralmente facilitada pelos recursos naturais da região: vegetação, etc., (camuflagem rápida).

A construção de abrigos depende dos meios disponíveis e ainda da natureza geológica do terreno: dureza, permeabilidade, etc.

Quanto a defesa contra os gases é de grande importância o regime dos ventos na região e se deve evitar posições nos fundos dos vales, onde os gases se acumulam. (Nota dos T.).

Fatores mais ou menos importantes conforme as circunstâncias.

O comandante de grupo é levado pela situação, tanto a dispersar, como a concentrar suas baterias.

A concentração das baterias facilita muito as ligações interiores do grupo e a coesão de seus tiros, mas facilita também o tiro do inimigo e lhe permite neutralizar por pouco preço.

É ilusorio querer dispersar as baterias dos grupos quando a densidade de artilharia à realizar numa mesma zona é muito grande. Querendo dispersá-la não faz senão mistura-las.

O escalonamento do grupo em profundidade é muitas vezes imposto pela missão:

Zona de ação muito profunda ou muito acidentada para ser batida de um limite à outro da mesma posição.

Eventualidade de um recuo por escalões sucessivos.

Prazos de entrada em ação muito curtos, exigindo, por exemplo, o desenvolvimento imediato e provisório de uma bateria de crista pouco desenfiada que toma a seu cargo todos os tiros até o momento em que o resto do grupo esteja em posição e ela possa reunir-se à ele.

O comandante de um grupo ou grupamento de apoio direto deve estar constantemente atento para instalar por si.

Com bastante antecedencia, baterias (eventualmente secções e peças), todas as vezes que a situação o exija. Estas unidades, agem em ligação estreita com a infantaria, mas permanecem sob suas ordens e o informam.

Avançando-as assim por iniciativa própria, o artilheiro evitara que se lhe peça muitas vezes por não ser necessário de colocar a disposição da infantaria unidades «de acompanhamento imediato» que os nossos regulamentos não preveem senão a título excepcional.

Escolha dos observatórios

A escolha dos observatórios se faz conforme um plano que se chama «plano de observação» e que abrange a observação terrestre e observação aérea.

Este plano é estabelecido:

Seja pela A.D., segundo as diretivas, permanentes ou particulares que receberá (7).

Seja pelo grupamento ou pelo grupo, conforme as diretivas dos escalões superiores.

E em todo caso visto em seus detalhes pelo grupo.

A necessidade de um plano de observação resulta das considerações seguintes:

1.º — A zona de ação de cada bateria, tomada em particular, é geralmente muito grande para ser vista toda de um só observatorio ou por uma só região de observatorios;

2.º — A concentração dos observatorios permite ao inimigo de os destruir, de os neutralizar ou de os cegar todos de uma vez com um pequeno numero de tiros;

3.º — O grupo e a *fortiori* as unidades superiores têm interesse em dispôr ao mesmo tempo:

Por um lado, *de observatorios de conjunto* situado proximos das baterias; as vistas são afastadas, mas suas ligações com as baterias são seguras.

Por outro lado, *de observatorios avançados*; suas ligações com as baterias são muitas vezes precárias, mas as vistas são aproximadas e suas ligações com os batalhões de infantaria de primeira linha são muitas vezes faceis.

Para estabelecer um plano de observação, é preciso estabelecer as questões seguintes: De que se trata? Quais são as zonas a observar, e em que prazo? O que é necessário aí procurar? Quais são os tiros a regular ou a controlar?

A zona á observar, é a zona de ação normal da unidade e si possível a zona eventual.

Esta zona é primeiramente dividida em duas outras, a saber:

1.º — *Zona que só pode ser vista pela aeronautica.*

A observação desta zona é regulada, seja pelo grupamento, seja pelas unidades superiores.

(7) Nas operações em que a A.D. é o principal escalão ela mesma estabelece o «plano de observação». (Nota dos T.).

O balão é particularmente apto para vigiar as estradas sem arvores e os objetivos muito visíveis. Sua vigilância pode ser continua.

O avião vê muito melhor, mas sua vigilância é essencialmente discontinua. As unidades a que se incumbe um certo numero de «missões de aviação» (8) devem portanto cuidar em aplica-los nas horas mais uteis e nas melhores condições.

O rendimento das «missões de aviões» depende muito da maneira com que elas são orientadas e informadas. Importa em dizer ao observador, não somente quais são os objetivos a procurar, mas igualmente quais são os locais em que os objetivos possivelmente estejam. No que concerne, por exemplo, a procura das baterias é preciso transportar-se pelo pensamento para o lado do inimigo e perguntar quais são as regiões em que pode colocar de uma maneira vantajosa, sejam as baterias de tiro tenso (desenfiamento permitindo ao projétil «passar»), sejam as baterias de tiro curvo. Aqui como sempre.

«Um chefe tem as informações que merece».

2.º — *Zona vista dos observatorios terrestres.*

Como já dissemos, é primeiramente pela carta que é necessário esboçar o plano de observação.

A carta permite dividir a zona a vigiar em frações que se sabe não poderem ser vistas senão de tais ou tais posições. Daí deduz-se o numero das regiões de observatorios á ocupar. Si este numero não ultrapassa três e si sua ocupação não exige o desenvolvimento de meios de ligações muito importantes, o grupo poderá, em rigor, assegurar com os seus proprios recursos a observação de toda sua zona visivel. No caso contrario, o grupamento, a A.D., devem obrigatoriamente intervir, seja para encarregar-se de certas ligações, seja para organizar toda ou parte da observação.

(8) Dizer á uma unidade que ela dispõe de uma «missão», é lhe dizer que ela dispõe de um avião no ar durante duas horas aproximadamente. Estas duas horas ela deve escolher. (Nota do A.).

Em caso de ofensiva, a região que pode ser vista pelos observatórios terrestres aumenta com a progressão do ataque. A artilharia só os aproveitará á tempo fazendo seguir imediatamente á infantaria destacamentos de observação e de ligação que se instalam, desde que possível nas regiões conquistadas de novos observatórios. Estes destacamentos só poderão observar instalando-se. Será necessário separar em dois escalões de maneira a lhes permitir executar o jogo clássico do «salto de carniero».

Na defensiva, é necessário igualmente *manobrar* os observatórios levando inicialmente os destacamentos bastante para frente, escalonando-os em profundidade, depois os retrahindo sucessivamente e o mais tarde possível.

Repercussão do plano de observação sobre a organização do tiro:

Resulta do que dissemos que um destacamento de observação fornecido por uma bateria só pode geralmente observar uma parte dos tiros confiados a sua unidade e que é geralmente obrigado repartir toda ou parte da observação por zonas de terreno se cruzando mais ou menos e não por baterias.

Esta troca de serviços entre observatórios não é possível semão si todos os observadores são capazes de regular não sómente sua bateria, mas todas as baterias que atiram na sua zona de observação. É portanto indispensável que todo oficial conheça á fundo os métodos que lhes permitam agir tanto como observador de bateria, assim como observador de grupo ou de unidades superiores. Qualquer que seja o escalão para o qual ele opere, uma das baterias que ele regula lhe será geralmente atribuída como bateria normal a qual ele tomará *por prioridade* para agir com toda rapidez desejada e segundo os princípios de escola de bateria, sobre todo objetivo inopinado.

Surprehendido em flagrante delito de vulnerabilidade e identificado de maneira segura. Não sendo tomada esta precaução, a execução do plano de observação e a disposição que acarreta para os observadores arriscam em se traduzir por

demoras de intervenção incompatíveis com as necessidades do combate.

Para os *tiros outros que não de sua bateria normal*, o observador pode os ajustar e mesmo os dirigir, mas dificilmente poderá prepará-los.

É no P.C. que se fará geralmente a preparação. Pode ahi ter a vantagem de centralizar as preparações organizando no P.C. do grupo um «bureau de calculo», mais ou menos completa de que falaremos adiante.

O plano de observação terrestre e o vazio de campo de batalha.

Pode-se perguntar si o famoso «vazio do campo de batalha» não diminui a importância da observação. Nada. O «vazio do campo de batalha», como nos apareceu em 1914, era devido em parte porque os alemães praticavam desde essa época e duma maneira eficaz a arte da camuflagem (9).

Mas era devido também as causas seguintes:

1.º — Nós não possuímos, como os alemães, lunetas periscópicas sobre suportes, isto é: fixos;

claros, possantes e tendo por conseguinte um grande raio de ação; permitindo ver sem ser visto.

2.º — Nós não possuímos, por bateria, senão um mau telefone com 500 metros de fio. O grupo e o regimento não tinham alguma dotação.

3.º — A noção de plano de observação era desconhecida e nossa artilharia não estava treinada senão para os tiros individuais de bateria sobre objetivos vistos pelo proprio comandante de bateria.

Não podendo:

nem ver bem ao longe,

nem aproximar para ver bem,

nem fazer atirar cada uma de nossas baterias fóra de pequena zona vista pelo seu observatorio particular, nós atribuímos ao «vazio do campo de batalha» uma

(9) E aproveitavam com habilidade o terreno. (Nota dos T.).

existencia em parte imaginaria e que não poderia ter.

É bom observar aliás, que quando o observador não vê o inimigo, ele vê as organizações e as cobertas que lhe permitem esconder e que veja igualmente si os tiros executados pela carta cabem no local escolhido.

B) — Os P.C. e as Ligacões

O P.C. duma unidade é:

O ponto para onde convergem as ordens á executar, as informações, as partes;

O centro de distribuição das ordens dadas.

Para os artilheiros, é tambem geralmente o local onde se elaboram as prepações de tiro longas e delicadas, em particular a noite.

É necessario não concluir daí que o chefe duma unidade deve permanecer em seu P.C.

Qualquer que seja a sua graduação, ele deve permanecer a todo momento no local onde possa exercer melhor o comando. Mesmo quando o seu P.C. não coincide com o seu observatorio, é em seu observatorio que ele deve permanecer com mais frequencia.

P.C. aos tenentes de tiro.

O P.C. do tenente de tiro deve ser obrigatoriamente colocado ao alcance de voz de seus quatro chefes de peça. Os comandantes de seção devem ser capazes de o substituir.

O tenente de tiro é muitas vezes encarregado de estabelecer o «esboço de bateria» e dele deduzir as correções de convergencia em direção e alcance das peças numeros 2, 3 e 4. Ele é ajudado neste trabalho pelo 1.º sargento, chefe de secção (10).

P.C. das baterias.

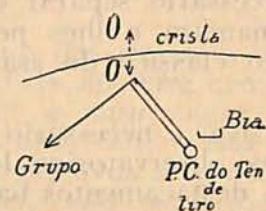
Para cada uma de suas tres baterias, a escolha do comandante do grupo con-

duz em principio á uma das três soluções seguintes:

1.º — Solução do esquema 1.

O P.C. da bateria está:

- ou junto com o observatorio O,
- ou colocado em O₁ ao abrigo das vistas e nas proximidades imediatas de O.



Esquema 1

Auxiliado por seus adjuntos, o mesmo oficial pode então assegurar ao mesmo tempo o serviço do P.C. (preparação sobre a carta. Desencadeamento dos tiros pela carta, etc....) e o serviço do P.O. (vigilancia de zona ou parte da zona de ação. Regulações. Desencadeamento dos tiros sobre objetivos inopinados, etc....)

As ligações são estabelecidas conforme o esquema.

A ligação observatorio-bateria devendo ser assegurada com cuidado, é necessário dobrá-la, seja por sinais a braço, seja por ótica, seja por dobramento do circuito telefonico.

Ha igualmente interesse em dobrar, quando se pode a linha que liga O₁ ao P.C. do grupo. Uma das linhas serve de linha de tiro, a outra de linha de comando.

Desta maneira, quando a bateria é manobrada por um outro observador que não O ou quando o observador O aciona uma bateria que não é a sua, as ligações de comando não são interrompidas.

A ligação entre O₁ e a bateria devendo ser assegurada em qualquer momento, o esquema 1 não convém geralmente ás baterias cujo observatorio é muito afastado.

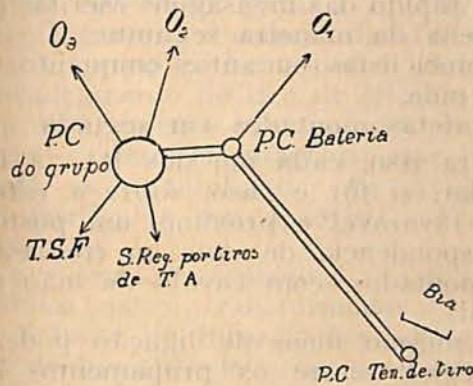
2.º — Solução do esquema 2.

O P.C. da bateria está:

- seja ao lado,
- seja ponto com o P.C. do grupo.

(10) Chefe da 3.ª seção, formada pelas seguintes viaturas: — 2 v. m., v-telefonica e v-metralhadora. (Nota dos T.).

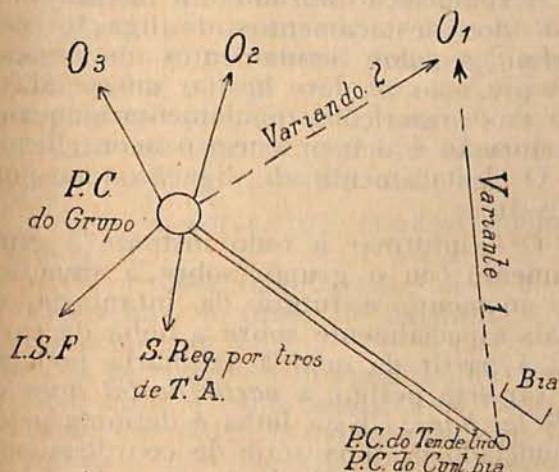
Está em ligação com os observatórios, o radio, a secção de regulação por tiros de tempo altos, seja por intermédio da «central telefonica» do grupo, seja por fio direto.



Esquema 2

Ele fica em ligação particularmente segura com o P.C. do tenente de tiro (ligação dobrada).

A solução do esquema 2 permite ao oficial do P.C. entrar com facilidade na constituição temporaria ou permanente do «bureau de calculo do grupo». Ela é muitas vezes vantajosa para as baterias cujo observatorio particular é muito afastado para ser ligado de maneira certa com o P.C. do tenente de tiro, para as que não tem observatorio particular e que têm sobretudo como missão de atirar pela carta, com a ajuda da S.T. e dos observatórios aéreos.



Esquema 3

3.º — Solução do esquema 3.

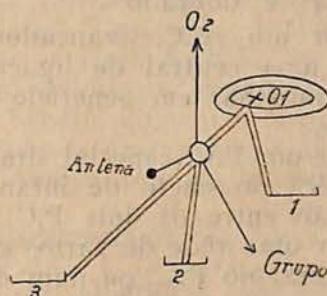
O P.C. do comandante de bateria está:

- seja ao lado,
- seja junto com o do tenente de tiro.

É ligado a O₁ (si existe) seja diretamente, seja pelo intermedio do P.C. do grupo (variantes 1 ou 2 do esquema).

Esta solução é muitas vezes vantajosa para uma bateria que age de uma maneira independente e da qual o observatorio O₁ é muito afastado para que se possa ahi levar o P.C.

É de notar que o comandante de grupo será frequentemente conduzido a não adotar a mesma solução para as três baterias de seu grupo.



Esquema 4

Seja por exemplo um grupo do qual as baterias e observatórios são dispostos da maneira seguinte:

Baterias 1, 2, 3 do esquema 4:

Observatorio de conjunto em O₁, formado pela bateria 1;

Observatorio avançado em O₂ estabelecido pela bateria 2;

Destacamento de observação da bateria 3 na região O₃ pronto a proseguir desde que o avanço da infantaria o permita;

Bateria 3 designada para atender por prioridade aos pedidos da aeronautica.

O comandante de grupo poderá ser levado a tomar a disposição do esquema 4 ou a bateria 1 aplica o esquema 1; a bateria 2, o esquema 2 ou 3; a bateria 3, o esquema 2.

P.C. do grupo. Observatorio particular do comando do grupo.

O P.C. do grupo é antes de tudo um centro de ligações.

Deve ter ligações asseguradas:

Com os P.C. das baterias ou as proprias baterias;

Com um pelo menos dos observatórios terrestres (si a observação terrestre tem um papel importante);

Com os aviões;

Com o grupamento ou com a infantaria;

E si tem logar com a seção de regulação por tiros de tempo altos.

D'ahi resulta que no estado atual de nossos meios de transmissão, o P.C. do grupo não deve ser instalado muito longe das baterias. Si todos os observatorios estão muito avançados, ou si o comandante do grupo é obrigado a permanecer junto do chefe da infantaria apoiada, o P.C. instalado a pequena distancia das baterias é dobrado:

Seja por um «P.C. avançado» que é sobretudo uma central de ligações destinada a trabalhar em beneficio dos observatorios;

Seja por um P.C. especial situado nas proximidades do chefe de infantaria.

A ligação entre os dois P.C. é assegurada por uma rede de varios circuitos.

É em geral no P.C. ou num dos P.C. que se encontra o «bureau de calculo reduzido» encarregado de ajudar as baterias nas suas preparações de tiro.

É sempre no P.C. ou num dos P.C. do grupo que se organisa, si possível e si a situação comporta, um bureau de calculo completo encarregado não sómente de ajudar as baterias, mas de efetuar inteiramente as preparações coletivas do grupo.

No caso muito frequente em que as ações a vista direta dum grupo ocupam um logar importante em seu plano de emprego, o comandante de grupo deve dispôr de um observatorio pessoal que ele proprio ocupa ou que faz ocupar por um observador. Este observatorio pessoal é geralmente escolhido ao alcance de voz de um dos observatorios de bateria.

Como já dissemos, o comandante de grupo deve permanecer lá onde fica melhor colocado para comandar.

No caso em que seu posto normal é no P.C. e em que seu P.C. não coincide com um observatorio, deve fazer-se frequentemente substituir, ir inspecionar seus observatorios e examinar seu terreno de ação. Conseguirá si possível esboços perspectivos com legendas que lhe permitam interpretar de maneira exata informações fornecidas pelos observadores.

O P.C. do grupo deve poder comunicar-se rapidamente, por um lado com

o grupamento ou a infantaria apoiada, por outro lado, com a A.D. Quando a distancia dos P.C. a ligar é muito grande (caso frequente quando o grupo está sob as ordens diretas da A.D.), o transporte rapido das mensagens escritas pode ser feita da maneira seguinte:

— motociclistas ou autos enquanto tiver estrada,

— estafetas montados em seguida.

Para isso, cada um dos P.C. á ligar instalar, si fôr o caso, sobre a estrada mais favoravel e proximo, um posto de correspondencia de dois ou tres estafetas montados, com cavalo de mão para oficiais.

O mesmo meio de ligação pode ser empregado entre os grupamentos e a A.D..

C) — A Antena

A T.S.F. não preencherá todo o seu papel, si ela deve prolongar-se em terra por uma ligação telefonica de grande comprimento e por consequencia precaria. Ela será portanto instalada quasi sempre á pequena distancia do P.C. do grupo P.C. detrás si houver dois), mas a uma distancia suficiente para que a localização eventual dos painéis não facilite em consequencia a do P.C..

D) — O destacamento de ligação dos grupos de apoio direto.

A composição *normal* e a missão *normal* dos destacamentos de ligação são definidos pelos regulamentos, mas como sempre, não se deve hesitar em se afastar das prescrições regulamentares quan a situação e o bom senso o aconselhem.

O destacamento de ligação tem por missão:

1.º — informar a todo instante o grupamento (ou o grupo) sobre a situação no momento e futura da infantaria, e mais especialmente sobre a linha da carta, á partir da qual a artilharia poderá atirar sem perigo, a *partir de tal hora* e *até tal hora*. Esta linha é definida pelo enunciado de uma série de coordenadas, ou melhor, si possível por um calco com legenda. *Toda informação que não é acompanhada de uma indicação de hora é sem valor para a artilharia;*

2.º — transmitir ao grupamento (gru po) todas as informações interessantes

que a infantaria possua sobre o inimigo e sobre as tropas amigas vizinhas;

3.º — obter da infantaria que ela dê á seus pedidos de tiro toda precisão necessaria: natureza e local do objetivo; tempo reservado para a ajustagem (si tiver logar); a distancia das linhas amigas, convenções bem claras para o desencadeamento do tiro de eficacia e para o prolongamento eventual do tiro;

4.º — obter da infantaria que leve em conta as possibilidades da artilharia e em particular seu aprovisionamento em munições;

5.º — enfim, transmitir a artilharia os pedidos assim transformados.

A fonte de informações «destacamentos de ligação» deve ser combinada com a fonte de informações «observatorios avançados». Por isso, todas as vezes que é possivel, a ligação com a infantaria se faz, por um lado, por intermedio dos observatorios avançados, por outro lado, por intermedio do Coronel d'infantaria. A primeira dessas duas ligações é geralmente mais rapida. Ela apresenta a vantagem de pôr á par o observador avançado, de lhe permitir controlar por si as informações da infantaria e de tomar a iniciativa dos tiros urgentes no limite de suas instruções. Quando esta ligação funciona o desencadeamento dos tiros de deter por foguetes lançados pela infantaria é menos seguro. É si possivel, o observador quem dirige os tiros á desencadear por telefone ou por foguetes e quem os desencadeia, seja no local desejado e no tempo preciso (tiros comandados), seja na zona prevista no momento que se quer, isto é, no momento em que o inimigo atravessa a zona (tiros por sinais)...

E) — A coluna de Reaprovisionamento (C.R.).

Os armões das baterias de tiro. Nos tomaremos a titulo de exemplo o caso do grupo de 75.

A bateria de tiro conduzindo com ela uma hora e trinta minutos de fogo continuo em cadencia normal (2 tiros peça-minuto), não ha urgencia em fazer seguir inmediatamente o grupo de 75 pela sua C.R. e não é necessario embarcar a infantaria sobre estrada fazendo-a dobrar sem necessidade pela C.R..

Dar-se-á á C.R. um primeiro ponto de destino situado á boa distancia da re-

gião de instalação das baterias e á atingir em tal hora. Enviar-se-lhe-á depois ordens definitivas.

Tem-se geralmente tendencia em esquecer os ensinamentos de 1914 e levar as C.R. muito á frente.

É por previsões feitas á tempo e não por uma aproximação exagerada das C.R. que se reaprovisiona um grupo a tempo.

Os armões não são necessariamente colocados junto da C.R.

A distancia á qual se os envia depende das previsões de deslocamentos e da estabilidade atribuida á frente.

Quer se trate da C.R. ou dos armões, lembrar-se que os cavalos, como os homens, bebem, comem e dormem, têm necessidade de tratamento e não reposam senão desembridados e desarreiados.

F) — Metralhadoras.

As metralhadoras são destinadas á defesa aproximada e á defesa contra aviões voando baixo (11).

Quando o grupo é enquadrado por outras tropas, entende-se com elas para ter adiante da frente uma barragem continua de tiros flanqueantes. As metralhadoras flanqueantes são protegidas na frente pelo tiro frontal dos mosquetões, dos canhões e si tiver logar, pelas metralhadoras de tiro frontal.

Quando o grupo é isolado, uma parte das metralhadoras é empregada na defesa dos flancos, a outra parte para reforçar a defesa frontal.

si a eventualidade dum recuo faz parte das previsões do grupo as metralhadoras são levadas bastante á frente para facilitar seu desaferramento e lhe servir de retaguarda. Como todas as retaguarda, elas se sacrificam si necessário.

As posições de tiro contra aviões são escolhidas, si possivel, nas proximidades das posições de defesa aproximada, mas são geralmente distintas.

O que importa no tiro contra aviões, é ver os aviões voando baixo que se apresentam em *todos os azimutes*.

O que importa no tiro em terra, é ter vistas rasantes num setor de abertura mais ou menos reduzida e de se camouflar convenientemente.

(11) A menos de 1.000 metros. (Nota dos Trad.).

Secção de Veterinaria

Pelo 1.º Ten. Vet.º Armando Rabello de Oliveira

O cambio dos conhecimentos científicos, hoje tão largamente praticado pelas nações cultas e progressistas, além de constituir meio seguro de divulgação das novas realizações nos domínios da experimentação e do raciocínio investigador, representa, incontestavelmente, o principal fator de estímulo ao crescente aperfeiçoamento das classes intelectuais. É à custa do livro, das revistas e demais publicações que, embora as grandes distâncias medianas de alguns povos e a desviabilidade de outros, depressa se universalizam as grandes como as pequenas conquistas humanas, nos domínios da arte, da imaginação criadora e da ciência. São esses inestimáveis órgãos da linguagem escrita que, documentando a história da evolução dos seres e das coisas, vão notificar, «urbe et orbe», o advento de novas teorias ou das interpretações divergentes para fatos já apreendidos, mas ainda mal caracterizados, indo assim despertar, alhures, novos surtos de investigação e de idéias.

O Prof. Roquette Pinto, num dos capítulos mais interessantes do seu último livro, ao focalizar, à luz dos progressos registrados pela Genética contemporânea, a verdadeira orientação eugenica a seguirmos, reporta-se ao relatório do presidente do Departamento de Genética da Instituição Carnegie, de Washington, relativo ao ano de 1928, onde se proclama o êxito obtido nas tentativas para identificação dos «génés», determinantes hipotéticos e coordenadores do desenvolvimento plasmogenético dos indivíduos, e que existindo, segundo a teoria dominante, na cromatina nuclear da célula-ovo, são tidos como a essência mesma da herança biológica de cada ser. E mais, que o número de cromomeres, de que são constituídos os cromossomos nucleares, corresponde exatamente ao número dos citados génes fatoriais, determinantes teóricos dos caracteres que darão individualidade específica ao somatoplasmá. E numa reafirmação categorica às conclusões obtidas nesse sutilíssimo campo das investigações biológicas, declara C. B. Davenport no seu relatório: «chromomeres are génes».

Aduz ainda, aquele geneticista americano, quanto à certo grau de modificações conseguidas imprimir em caracteres de grande fixidez hereditária, provocado experimentalmente na descendência de indivíduos da espécie «Drosophila

Genética objetiva

melanogaster» — o clássico reativo das mutações, utilizado por Morgan — quando submetidos os genitores à ação dos raios X e do radium, tendo apresentado esse novo registro como testemunho evidente das alterações, de que é suscetível o germinoplasma. Ora, essas observações ou novos postulados parecem vir de encontro aos conceitos firmados por Johannson, e geralmente admitidos, de que o genotípico mantém-se inalterável em face da ação dos agentes ambientais, cabendo unicamente ao fenotípico refletir, na medida da maior ou menor intensidade da incidência a atuação dos mesofatores; mas, por outro lado, aquelas notícias parecem corroborar a explicação formulada por Bridges, sob a denominação de *transgenerações* e *aberrações cromosómicas*, como constituindo a causa essencial deslocadora dos fatores mutantes ou da ocorrência das idiossincrasias, hoje de fácil provocação experimental.

Porém, contradita formal a esta ordem de fatos e conjecturas no-la traduz aquela mesma obra, na palavra do Prof. Jennings, da John Hopkins University, quando afirma reconhecer na herança individual dos seres uma potencialidade sempre sujeita à flutuações sensíveis no decurso do desenvolvimento. Considera a herança não como uma força autónoma, de constituição rigidamente estável, mas como uma entidade mutante, manifestação própria a certa classe de materiais bioquímicos, que são os que dão vida e constituição ao ovo-sperma. Classifica de artificial a distinção estabelecida entre caracteres adquiridos e hereditários. Combate a teoria dos «génés» no absolutismo do seu poder determinante, e parece finalmente admitir que os caracteres de qualquer indivíduo traduzem sempre a intercorrência havida entre o idiotípico, ou conjunto de potencialidades herdadas, e o meio ambiente.

Qual desses abalizados cultores da moderna biologia estará com a verdade científica que é por todos perquirida?

Tamanho antagonismo de conceitos tem-se evidenciado, com maior frequência, neste como nos demais setores da Genética, por certo motivado pela manifesta tendência dos atuais pesquisadores em agitar sentenças e revelações, mais por força de *inspiração*, no dizer do pro-

pró Jennings, do que apoiados em resultados experimentais, comprovantes e irrefutáveis.

Esse aspecto, quicá extracientífico, por que se debate assunto muitas vezes de fundamental relevância objetiva, parece deixar bem patente o quanto são ainda frageis alguns postulados da nova ciência da hereditariedade, cujos autores, no afan de revelar o mecanismo ocasional dos fenômenos ligados à herança da matéria viva, não hesitam em enunciá-los «ex-autoritate», sem se aperceberem que assim procedendo, com a postergação dos requisitos de prova e documentação testemunhais, são os primeiros a concorrer para a contestação «a priori» de suas próprias sentenças.

Ainda que nos fosse dado admitir que partem da presuposta noção de que em biologia «toda interpretação deve ser tomada como provisória e por isso aceita como simples orientação para novas investigações», também nos seria lícito supor que a ciência da hereditariedade tenha se revelado abstrusa e de difícil penetração, ao senso apurado de grande número de afoitos pesquisadore, mais pelo subjetivismo que procuram emprestar à sua fenomenologia que pela complexidade real ou maior transcendência do seu estudo.

Efetivamente, no acervo do material científico hoje utilizado na construção do magnífico edifício da heredologia, apenas os fundamentos desse grande monumento tiveram por argamassa o cimento inquebrantável da verdadeira experimentação, praticada com sabedoria e pertinacia durante 8 anos, na horta de um convento, por um homem de gênio que, do cruzamento de ervilhas, soube tirar deduções de evidência irrecusável e precisar, com rigor matemático, a frequência dos fenômenos da herança biológica.

Foi a ausência da positivação prático-experimental que levou Galton a formular as duas leis da herança que, aureoladas pelo fulgor do seu nome, se mantiveram como verdadeiras por muitos anos, acabando por serem de uma vez relegadas à falta de comprovação. Em que pesem os méritos científicos do sabio orientador da Biometria e benemerito fundador da Eugenia, eram fruto de simples inspiração aquelas duas leis!

A Genética, como as demais ciências quando em formação, depois de atravessar uma larga fase especulativa, assinalada por indecisões e ligeiros desvios quanto à verdadeira essência suscitável, passou ao indeclinável período filosófico em que um sem número de teorias e

interpretações procuram «explicar, articuladamente, sem contradição, os fatos verificados e fornecer a explicação mais natural e plausível ao espírito humano».

As antigas teorias genéticas da preformação, panspermica e epigenética, bem como as versatilíssimas doutrinas vitalista e mecanicista, todas figuram, como méros fatores históricos, naquela fase incipiente da heredo-investigação.

Com o advento da citologia e a marcante evolução da embriologia comparada, a partir da revelação feita por Carl Gegenbaur, em 1861, sobre a biologia da célula germinal até a enunciação da lei geral de ontogenese de Von Baer e da lei biogenética fundamental assinalada primeiramente por Serres e Müller, então se implantou para a Genética o período filosófico por excelência.

Fizeram época algumas das muitas teorias aventadas para explicar o por que da continuidade dos caracteres específicos, utilizando meios devoráveis imaginativos, sem contudo cogitar de qualquer objetivação verificadora. As teorias de Darwin, de De Vries e Weissmann, sobre fatores da hereditariedade, são exemplos bem conhecidos que caracterisaram essa quadra de investigações puramente teóricas.

Os estudos experimentais realizados por Bataillon, Loeb, Ives Delage e outros sobre partenogênese, hermafrodismo e conjugação geradora vieram constituir sólidos argumentos contra a significação que era emprestada à fecundação das espécies de sexos distintos, em face dos fenômenos hereditários.

Outro ponto muito controvertido e por isso mesmo fertil em conceitos vários é o que se relaciona com a capacidade de organização dos blastomérios totipotentes, isto é, dotados de demasiada *potência prospectiva*, de capacidade embriogênica específica similar à do ovo-sperma, dando ocorrência ao poli-embriónismo, de regular frequência, e cujo exemplo clássico nô-lo indica Paterson, no «*tatusia novemcinctus*», em que de cada ovo se originam quatro embriões.

Que dizemos então das teorias que procuram elucidar o complexo emaranhado das mixovariações ou combinações múltiplas de caracteres genéticos, da ação coadjuvante assinalada por Nilsson Ehle, e da copulação dos cromossomos ou fatores, que Morgan procurou esclarecer com a sua teoria do «crossing-over»?

Muito mais expressivo, ainda, é a pretendida determinação dos sexos à custa de fatores

A manobra dos fogos e a compartimentação do terreno

Pelo General Touchon

Tradução da "Revue d'Infanterie" — Pelo Cap. Floriano Brayner

PREAMBULO

O estudo que vamos submeter ao exame dos infantes e de todos os apreciadores de questões militares, não pretende apresentar novidades nem revolucionar a tática. Esforça-se, na mais larga escala, á luz dos ensinamentos da guerra, por interpretar, no seu espirito, o nosso Regulamento, referindo-se mesmo, sem transcrever os textos, a algumas de suas prescrições que parecem, por vezes, desconhecidas ou mal compreendidas. Esta precaução liminar, não tem em mira prevenir contra qualquer ingano de leitura, mesmo se algumas exquisitices aparentes, por exemplo, no detalhe da manobra dos Carros ou na organização do Comando da Infantaria-Carros, venham a causar surpresas e se prestem a controvérsias.

Quizemos, principalmente, expor uma ideia que nos é cara, e que pode parecer banal, tão simples ela é: «um compartimento de terreno deve ser considerado, não somente na sua profundidade (horizontes visíveis), mas também em função dos seus flancos. A conquista do terreno visa superfícies e não linhas».

especiais ligados aos heterocromosomios dos elementos sexuais em conjugação, para cuja explcação Drélincourt reuniu, em 1865, cerca de 262 teorias.

A feliz exumação dos preceitos firmados por Mendel vieram evidenciar que a Biologia, pelo objetivismo dos fenomenos que estuda, precisa subordinar as suas leis e principios ao mesmo rigoroso criterio de verificação objetiva que é requerido pelas ciencias exatas, como a Fisica, a Quimica e a Matematica.

Para tanto estabelecer, logo nasceu a Biometria que, melhor constituída por Pearson, Weldon e Davemport, passou a averiguar pelo contrôle da frequencia, das probabilidades, das médias e dos desvios o grão de exação da ocorrência biologica.

Desta ideia, podem-se tirar algumas consequencias.

Tomando por ponto de partida que o problema das cristas é insolvel, concluimos, provisoriamente, que o ataque é, no maior das vezes, uma sucessão de «coups d'épaule». Este processo, aparentemente o peior, parece imposto pela penuria dos meios, que si é forçado a concentrar sucessivamente sobre um ponto, depois sobre outro.

Mas, tal processo, assim considerado, não é igualmente, imposto pelo terreno? E é justamente aí que intervem a noção da compartimentação do terreno: sua profundidade e, também, seus flancos.

Não estamos longe de afirmar que, levando em conta a força do inimigo, é o terreno, — tanto quanto os meios de que se dispõe, — que determina a forma da manobra e o seu ritmo.

Daí a solução proposta, que é uma combinação de «coups dépaute» sucessivos, da manobra clássica, com ataques de flanco, ataques partindo dessas cristas lateraes do compartimento de terreno conquistado e visando a conquista de compartimentos sucessivos.

À vista dessa nova orientação, passaram a escacear as teorias e postulados, e pouco a pouco as realizações experimentais subiram á prevalencia, como atestados mais idoneos que são, nos dominios científicos.

É ao atingir este nível que «a ciencia alcança sua finalidade, quando pode substituir suas primeiras conjecturas por hipóteses verificaveis e resultados prognosticaveis» e acrescentou Morgan, o geneticista de tão larga nomeada: «foi justamente isso que as leis de Mendel fizeram com a hereditariedade».

Como ciencia objetiva que é, a Heredologia, hoje plenamente constituída e integrada na sua verdadeira finalidade, vive na hora atual a sua terceira fase, a fase da experimentação.

Em outras palavras, propomo-nos a orientar, por um caminho pouco usual, a conclusão conhecida: é *seguramente* de uma frente *bem sondada* que nace a manobra... mas, pelo acionamento mais eficaz dos meios de fogo.

**

I

Na montagem em profundidade, dos nossos ataques, e mesmo de todas as formas de progressão, adquerimos o hábito de regular as ações sucessivamente, de compartimento de terreno em compartimento de terreno, de horizonte visível a horizonte visível, e na generalidade dos casos, de crista a crista.

Tanto para as menores como para as nossas maiores unidades, admitimos de bom grado que, depois de um avanço mais ou menos profundo, conforme a ordem de grandesa dessas unidades, atingimos uma crista que constitue o primeiro dos nossos objetivos.

Está prevista, aí, uma parada, para preparar ou remontar uma outra ação.

Organisamos, então, uma nova base de partida (1), e recomeçamos o ataque ou progressão.

Agindo desse modo, supomos resolvido o problema dessa base, quando apenas o contornamos; e no entanto, a ultima guerra nos provou que, muitas vezes, ele se apresenta insolvel.

(1) Denomino *base de partida*, á porção de terreno sobre a qual se instala a maior parte dos seguintes órgãos:

- observatorios de Infantaria e dos carros de combate;
- bases de fogos das armas de tiro tenso da Infantaria (aí compreendidas as armas anti-carros);
- armas de apoio apropriadas aos carros (eventualmente);
- observatorios dos petrechos de tiro curvo de infantaria (ás vezes, mesmo, os proprios petrechos);
- observatorios, avançados pelo menos, da Artilharia.

O escalão de fogo é estabelecido, se assim o entendermos, salvo raras exceções, no limite exterior dessa base de partida.

Entramos diretamente na questão, muito antes de o fazermos ordinariamente.

O primeiro ataque, que supomos bem apoiado pela Artilharia, pelas bases de fogos de Infantaria e pelos carros, deve conduzir facilmente a Infantaria ao horizonte visível, isto é, á crista militar do lado amigo, algumas vezes, mesmo, á crista topografica. Mas, esta conquista não bastaria para a instalação da futura base de partida; impõe-se-nos atingir, pelo menos, a crista militar do lado inimigo. É preciso começar a decer.

E assim, repentinamente, vemos o problema se complicar extranhamente.

Aos carros, é muito justamente recomendado, não ultrapassar a crista topografica, que constitue mesmo, mui frequentemente, para eles, um objetivo maximo. As armas de tiro tenso da Infantaria perdem, de frente, todo o campo de tiro; quanto á procura de possibilidades de tiros de escarpa ou de flanqueamento, aqui se revela hipotetica, e, de qualquer modo, muito demorada.

Os tiros indiretos das metralhadoras e os das armas de tiro curvo, ficam sem observação possivel. O mesmo acontece com a Artilharia que, além disso, pela propria natureza do seu material, pode encontrar serias dificuldades para bater as vertentes que decem para o inimigo.

Nós nos livramos, geralmente, desse impasse, afirmando que os grupos de combate do escalão de fogo rastejarão até á crista militar do lado inimigo, ganhando, assim, o terreno necessário ao estabelecimento da nova base de partida. Admitindo-se que tal aconteça (o que está longe de ficar provado), o problema não está ainda resolvido, porque se trata, para esta base, de apoiar um ataque descendente. Ela terá angulos mortos consideraveis, mesmo admitindo que tenha sido cerrada e emassada em um dispositivo quasi linear, sobre essa crista militar.

Seria necessário, para um resultado eficiente, que o escalão de fogo conseguisse decer bem mais abaixo.

Admitamos, porém, ainda uma vez, o problema resolvido; e na guerra ele só o será realmente, si o fogo inimigo fôr verdadeiramente dominado.

Qual a natureza desse fogo inimigo, se ele existe?

Compreenderá fogos de armas aproximadas, instaladas na contra-vertente, agindo diretamente ou em flanqueamento. Essas armas se encontrarão, geralmente, nas proximidades da crista militar inimiga, algumas vezes, mesmo, mais abaixo.

Seu afastamento da crista topográfica, no caso mais geral não poderia ser considerável; e, portanto, campos de tiro restritos. Poderíamos, também, valendo-nos da desorientação causada no seio do inimigo, pela nossa irrupção na crista, contar em arrematar por um assalto de Infantaria (La Fontenelle, 8-VII-1915; Monte-Monfenera 30-XII-917, etc.é etc.), e mesmo ainda melhor, de carros de combate, que se tornariam indispensáveis, caso existissem defesas acessórias.

Mas esses fogos aproximados serão dobrados, reforçados por fogos longinquos de Infantaria executados por armas invisíveis para nós, estabelecidas o mais das vezes n'um sitio mais baixo que o da crista; fogos longinquos que se poderão tornar bastante eficazes para permitir, em certos casos, reduzir a defesa aproximada a alguns vigias desencadeadores de fogos.

Nesses fogos, é preciso admitir, também, os das armas anticarros.

A todos esses fogos de Infantaria vêm se juntar, é bem visto, os de uma artilharia que, muitas vezes só a Aviação poderá revelar. O conjunto desses fogos, permitirá aos contra-ataques inimigos desenvolver-se sobre um terreno acidente, particularmente favorável ao seu apoio.

Nas proprias situações móventes, um fogo improvisado de armas automáticas, armas anti-carros e de artilharia, encontra condições de terreno de aplicação, de tal modo favoráveis, que pode chegar a barrar qualquer progressão diante duma crista.

E eis, enfim, formulado o problema completo.

É o velho problema da contra-vertente, que vem singularmente complicar o consumo e o alcance das armas automáticas modernas.

No curso da ultima guerra, ele ficou sem solução tática em muitas partes do «front».

Citemos algumas delas: as cristas e vértices dos Vosges, os famosos pontos de refrega, tornados lendários, de onde os adversários não puderam, jamais, decer; o Chemin des Dames; a crista Notre Dame-de-Lorette, a de Vimy, etc.

As perdas foram sempre severas, todas as vezes que uma das infantarias pretendeu recalcar de frente, um inimigo capaz de fogos poderosos. O exemplo da crista de Méry-Belloy, onde tantos dos nossos infantes e dos nossos carros sucumbiram, na jornada de 11 de Junho de 1918, está presente em todas as memórias.

No decurso da nossa progressão, de Julho a Novembro do mesmo ano, acontecia quasi quotidianamente, o inimigo deter as nossas divisões sobre uma crista, onde ele as mantinha facilmente, o tempo necessário ao retraimento dos seus grossos.

Eu não creio que haja um só combatente, de Infantaria ou dos carros, de 1918, que possa me contradizer.

E, no entanto, houve cristas bem defendidas, que cairam. Vamos pesquisar qual o processo empregado.

Retornemos, de inicio, aos compartimentos de terreno. Não esqueçamos que a compartimentação não deve ser considerada unicamente no sentido da profundidade; é preciso considerar os flancos do compartimento, constituídos também, na quasi generalidade, por cristas que são, muitas vezes, os contrafortes da crista que limita o horizonte visível.

O compartimento de terreno forma, portanto, uma «praça d'armas», para cuja posse é preciso conquistar, ao mesmo tempo, o fundo do compartimento e os seus flancos. Aliás, é geralmente, pelas vertentes interiores desses flancos que se conseguirá conquistar o horizonte visível.

A «praça d'armas» está diante de nós.

Na primeira parte deste estudo, apenas procuramos utilisa-la, para progredir, no sentido da profundidade; constatamos as dificuldades com que nos chocamos.

Entretanto, utilizá-la no sentido lateral é mais fácil. Com efeito, o inimigo está colocado em peores condições para impedir, por seus fogos, a instalação d'uma base de partida lateral, sobre a qual ele só pode concentrar a ação d'uma parte das armas instaladas no compartimento ao lado, que supomos não atacado, mas, neutralizado pelos fogos dos nossos vizinhos.

Esta base lateral tomará, aliás, de escarpa ou mesmo de revez, uma grande parte das armas inimigas que agem normalmente á frente, e estará, ao mesmo tempo, bem colocada para combater mais eficazmente, as armas que atiram de escarpa ou em flanqueamento diante da frente.

Levemos mais longe o nosso raciocínio.

Uma crista geográfica não é uma linha de cumiada esquematica, réta e continua. Ela apresenta sinuosidades, baixadas; tem um começo e tem um fim.

Compete ao comando tirar partido da compartimentação do terreno e, desde que, n'um ou em varios desses compartimentos, atingiu o horizonte visivel util, pode aí se deter e, por uma exploração lateral judicosa, permitir o avanço de unidades vizinhas que, se aproveitando d'uma sinuosidade da crista, de um cólo, d'uma outra crista ou de um vale, progredirão no compartimento ao lado, apoiadas pelos fogos e, se fôr o caso, pelo movimento dos vencedores dos primeiros compartimentos.

O novo ataque virá, por sua vez, tomar de escarpa ou de revéz, os defensores das vertentes inimigas do primeiro horizonte visivel que cairá como um «fruto amadurecido».

Agimos aqui, por «coups d'épaule» sucessivos, segundo a expressão consagrada; mas esses «coups d'épaule» não se justificam, apenas, pela nossa falta de meios, em artilharia particularmente, mas, também pelo terreno.

As leis desse ultimo são inelutáveis: é sempre preferivel prever o que o fogo inimigo vai nos obrigar a praticar, momentos depois, e a custa de perdas que nos parecem evitaveis.

Vamos estudar, no curso de um primeiro caso concreto, um ataque montado de acordo com estes princípios, e se-

guiremos no detalhe a organização de um de seus flancos, tendo em vista a exploração lateral indicada.

**

PRIMEIRO CASO CONCRETO

Situação Geral

Um *Partido Azul, do norte*, organizou-se defensivamente, desde o principio de Maio, face ao S., no Campo de *La Courtille* e a Oeste.

Sua posição de resistencia e seus postos avançados puderam ser determinados, de um modo aproximado. As indicações resultantes das informações colhidas, figuram no croquis n.º 1.

Na frente do 1.º C. Ex. vermelho (ver os elementos abaixo indicados), a posição é mantida por tropas da 61.ª D. I. (161.º, 162.º e o 163.º Regimentos), numa frente de 6 a 7 kms.

Os trabalhos de organização só começaram no dia 8 de Maio. Sómente os 162.º e o 163.º Regimentos foram identificados. O limite entre esses dois Regimentos parece sensivelmente definido pela ravina: *Monlin du Grand Pré* — corrego de *la Ribeière* — ravina da fazenda *l'Aussine*.

Parece provável que o 161.º R.I. esteja em linha no setor oeste da zona do 1.º Corpo de Ex.

Segundo informações de fontes diversas, a 61.ª Divisão Azul dispõe apenas de sua Art. organica.

Um *partido vermelho, do Sul*, lançou-se, apartir de 8 de Maio, ao encontro do *partido azul*.

Repeliu, nas jornadas de 8 e 9 de Maio, os destacamentos ligeiros do adversário e conseguiu conquistar uma base de partida nas proximidades imediatas da posição inimiga.

Em consequencia da resistencia encontrada para repelir o que se julgava serem as P.A., cujos pontos de apoio estão bem apoiados pelos fogos de todas as armas da posição de resistencia, o comando decide sustar todas as operações parciais e lançar no dia 12 de Maio, pela manhã, um ataque geral para se apoderar do conjunto da posição de defesa.

O 3.º C.Ex., a Oeste, tem a seu cargo o esforço principal do Exercito, na direção de:

— *Mas d'Artiges - Linard.*

O 1.º C.Ex., ao Centro, apoiará o ataque principal, agindo com a sua esquerda e com o centro para se apoderar das alturas do Campo de *La Courtine* e, em seguida, da floresta Magnat.

Ele dispõe de três Divisões em linha: 1.ª, 51.ª e 2.ª D.I., de Oeste para Leste.

O ataque comportará duas fases:

1.ª Fase: — A 1.ª D.I., exercendo o esforço principal do C.Ex., deverá se apoderar da crista: Puy des Pouges — La Fagitière (objetivo intermediário O₁).

Ulteriormente, as 1.ª e 51.ª D.I., tomarão simultaneamente as alturas de Puy de la Croix-Louis, Grand Puy de Lair e Puy Gardonnet (objetivo O₂).

— A 2.ª D.I. — Como lembrança.

As três D.I. partirão, em seguida, diretamente até o objetivo O (1.º objetivo do C.Ex.).

2.ª Fase — Como lembrança.

Meios suplementares:

- 1.ª D.I.: 2 Btls. de Carros Renault, nos. I e VI e uma A.D.;
- 51.ª D.I. e 2.ª D.I. — Como lembrança.

1.ª NOTA

O objetivo intermediário O₁, atribuído aos 1.º e 3.º C.Ex., delimita um vasto compartimento de terreno cujo horizonte visível é balisado por Puy du Gué — Puy des Pouges — Puy de la Fagitière — Puy Cassin...

Puy des Potences e suas vertentes formam o flanco Leste desse compartimento.

O comandante do 1.º C.Ex. pretende abordar pela sua esquerda o objetivo O₁, isto é: crista Puy des Potences — Puy de la Fagitière — Puy des Pouges. Aí marcará um tempo de parada e não retomará a progressão para O através do Campo de Soudeix; atacará entretanto, pela sua direita, no compartimento de terreno visinho, para tomar Puy du Naud e Puy de Croix-Louis, com o apoio dos fogos de flanco, da região de Puy de Potences. Atingido o objetivo O₂, retomará o movimento para o objetivo O, tendo, em consequência da conquista de

O₂, tomado de revéz as armas que impediam nosso avanço além da crista Puy de la Fagitière — Puy Cassin.

Esta manobra de apoio de fogos do primeiro compartimento em proveito do segundo, sendo delicada, o Cmt. do C.Ex. toma a precaução de lançar a 1.ª D.I. a cavaleiro dos dois compartimentos. Ao Chefe desta grande unidade é que caberá regular a manobra.

Em execução das ordens do Cmt. do 1.º C.Ex., e Comandante da 1.ª D.I. dá a seguinte ordem:

ORDEM DA 1.ª D.I.

1.ª D.I.

E. M. P.C., 11 de Maio, às 12 hs.
3.ª Sec.

Ordem Geral de Operações n.º...

(Extratos)

(1.ª Parte)

I — *Situação Geral:* — Como lembrança — (terra e croquis).

II — *Inimigo:* — Como lembrança — (tema e croquis).

III — *Missão da 1.ª D.I.:*

No decurso de uma 1.ª fase, a Divisão, encarregada do esforço principal do C.Ex., tem por missão conquistar as alturas do campo de La Courtine, que dominam, ao Sul, a floresta de Magnat.

Esforço principal segundo o eixo: — crista 868,2 (La Daigue — La Fagitière — estrada de Felletin).

— A Oeste a 7.ª D.I. (3.º C.Ex.) ataca na direção de Puy de Gué — Boucheresse.

— A Leste, a 51.ª D.I. ataca na direção de Lair — Beissat.

IV — *Meios suplementares:*

a) — Carros: I VI: Batalhões de Carros Leves;

b) — Artilharia: Uma A.D. (3 grupos de 75, 2 grupos de 155 C.).

V — *Idéia de Manobra — Objetivos sucessivos.*

A conquista do Objetivo O será realizada em três tempos:

— 1.º Tempo — Conquista da crista: Puy des Pouges — Puy des Chaumillons — Puy de la Fagitière — Puy Cassin — Puy des Potences.

Esforço principal a Oeste, em ligação com a 7.^a D.I. (3.^o C.Ex.).

Objetivo: — O_1

— 2.^o Tempo: Conquista, em ligação com a 51.^a D.I. da crista que vai de Puy Cassin a Puy de Croix-Louis.

Objetivo: O_2

— 3.^o Tempo: Progressão em toda a frente. Esforço principal a Oeste, em ligação com a 3.^o C.Ex.

Objetivo: O (1.^a Fase).

VI — Dispositivo de ataque:

a) — Dois R.I. em 1.^o escalão:

— 1.^o Regimento a Oeste;

— 2.^o Regimento a Leste;

Cada um, com dois Btls. em 1.^o es-
calão.

— Limite entre os 1.^o e 2.^o R.I.: —
ver croquis n.^o I.

b) — Carros:

— I Btl. (menos 1 Cia.): á disposição
do 1.^o R.I.;

— VI — Btl.: a disposição do 2.^o R.I.
(P.C. do Btl.: saída Sul de La Courtine,
estrada de Ussel.

VII — Execução do ataque:

a) — Preparação:

O ataque terá lugar a uma hora H, que será fixada ulteriormente. Será precedida d'uma preparação de Artilharia, de uma hora e 30 minutos, destinada a desmantelar o dispositivo de defesa adversa, mediante a destruição dos órgãos conhecidos da defesa e das zonas de observatórios assinaladas.

b) — Execução:

1.^o) — Conquista de O_1 :

O 1.^o Regimento, agindo em ligação com o 3.^o C.Ex.; tomará sucessivamente: Puy d'En-bas, Puy du Truguet e Ouy des Pouges.

Será coberto a Leste pelo 2.^o R.I., que se apoderará inicialmente, de Puy des Potences, em seguida de Puy Cassin e La Fagitiere.

A partir da conquista de O_1 , o 2.^o R.I. instalará na parte Leste do Objetivo, meios de fogos tendo em vista apoiar o ataque a O_2 .

2.^o) — Conquista de O_2 :

O ataque será conduzido pelo 2.^o R.I., em ligação com a 51.^a D.I., a uma hora H, fixada pelo General Cmt. da D.I.

3.^o) — Conquista de O :

Esforço principal a cargo do 1.^o R.I., que tomará Petit Puy des Pouges e Puy du Planaud.

Este regimento será coberto a Leste pelo 2.^o R.I., que conquistará Puy Gary e Grand Puy Faveix.

Ataque a H", fixada pelo General da D.I., seguindo-se, o mais breve possível á conquista de O_1 .

VIII — Artilharia:

a) — Repartição.

— Apoio direto:

3 Grupos de 75 — ao 1.^o R.I.;

2 Grupos de 75 — ao 2.^o R.I..

— Ação de conjunto:

1 Grupo de 75;

4 Grupos de 155 C.

b) — Missões:

Os Agrupamentos de apoio direto executarão *tiros de varrer* durante os ultimos 30 minutos da preparação. A partir de H, fixar-se-ão de maneira a enjaular os lances sucessivos a executar pela infantaria (tiros regulados pelo General Cmt. da A.D., após entendimento realizado entre os Coronéis de Infantaria e os Cmts. de Agrupamento de Artilharia).

O Agrupamento de Conjunto terá a seu cargo as missões de proteção dos ataques e os tiros sobre objetivos inopinados. A proteção, á hora H, será estabelecida sobre a linha:

Puys Truguet — des Pouges — des Chaumillons — la Fagitiere — Cassin — du Naud.

Para o ataque a O_2 , a proteção se estabelecerá, inicialmente sobre: la Serclade — Grand Puy Faveix — Puy de la Croix-Louis.

Esse ultimo tiro será transportado, em seguida, para as cabeças de ravina ao Norte do Puy de la Croix-Louis.

Para o ataque ao Objetivo O , a proteção se estabelecerá de inicio, sobre os objetivos dos R.I. de 1.^a linha.

Os tiros serão transportados, em seguida, para 500m ao Norte do Objetivo O .

IX — Reservas de D.I.

Infantaria:

— 3.^o R.I., em dispositivo articulado sobre o eixo de progressão da D.I.:

— 1 Btl., no Campo de Laval;

— 1 Btl., no Campo de Grattadour;

— 1 Btl., no bósque ao Sul de La Courtine.

Carros:

— A Companhia de Carros do 1.º Btl. P.A., mess dos oficiaes.

X — Ligações — Transmissões:

a) — Entre a 51.ª D.I. e a 1.ª D.I. a cargo da 51.ª D.I.;

b) — Entre os 1.º e 2.º R.I.: a cargo do 2.º R.I.;

c) — Entre o 1.º R.I. e a 7.ª D.I.: a cargo do 1.º R.I..

Destacamentos mixtos, de 1 pelotão de fusileiros e um grupo de Metralhadoras, progredirão no limite entre as zonas de ação atribuidas á essas unidades.

d) — Eixo de transmissões da D.I.:

La Courtine — La Daigue — Puy de la Fagitière — Petit Puy des Pouges.

XI — PC.:

	Inicialmente	Depois da conquista de O_1	Depois da tomada de O_2	Após a conquista de O
D.I., ID., AD.	Na saída Leste de Courtine	Sem alteração	Sem alteração	Arvore de la Daigue
1º R. I.	Cruzamento 740.8 (Sudeste de Lombardeix)	Puy d' En-Bas	Sem alteração	Puy des Pouges
2º R. I.	Bosque dos Fonds Morts	Sem alteração	Puy des Potences cota 869	Puy Cassin
3º R. I.	La Courtine (estação)	Sem alteração	Sem alteração	Sem alteração

— Observatorio da D.I.: Arvore de Saint-Denis.

X...

Gen. Cmt. da 1.ª D.I.

Confere

X...

Chefe do E.M.

2.ª NOTA

O General Cmt. da 1.ª D.I. realiza a manobra do Corpo de Exercito; é ainda de sua iniciativa, a precaução de confiar ao mesmo Regimento, o 2.º R.I., o ataque da crista de *Potences*, que separa os dois compartimentos de terreno, da frente que lhe foi atribuida. Assim sendo, cabe ao Cmt. desse Regimento regular, lance por lance, até o objetivo O , a sua manobra que se tornou deli-

cada, em consequencia dos apoios de fogos reciprocos.

Recebida a ordem do Gen. Cmt. da 1.ª D.I., o Coronel Cmt. do 2.º R.I. expediu, por sua vez, a seguinte:

1.ª D.I.

2.º R.I. P.C., 11 de Maio, ás 17 hs.
n.º...

ORDEM DE ATAQUE PARA O DIA 12 DE MAIO

I — *Situação Geral:* — (Tema).

II — *Inimigo:* — (Tema).

III — *Missão do R.I.:*

a) — *Conquista de O_1 :*

Cobrir a Leste, o ataque do 1.º R.I., apoderando-se primeiro de Puy des Potences e, em seguida de Puy Cassin e La Fagitière.

— Eixo do esforço principal:

— Puy des Potences — Puy de la Fagitière.

b) — *Conquista de O_2 :*

— ataque em ligação com a 51.ª D.I. (X R.I.), para se apoderar, sucessivamente, de Puy de Naud e Puy de la Croix-Louis.

— Eixo do esforço principal: a crista que liga essas duas elevações.

c) — *Conquista de O :* — Como lembrança.

IV — *Ideia de manobra:*

a) — *Conquista de O_1 :*

Atacar a Oeste da crista Puy Cassin

— Puy des Potences — Puy du Bourtignon, com o apoio dos carros, para tomar:

— n.º 1º lance: a garupa Les Potences — Bois Carré (O_1);

— n.º 2º lance: o objetivo O_1 .

• Estabelecer sobre a garupa Puy Cassin — Puy des Potences (O_1) uma poderosa base de fogos face a Leste, tendo em vista apoiar o ataque ulterior do Puy du Naud e Puy de la Croix-Louis.

b) — *Conquista de O_2 :*

Atacar segundo o eixo Puy du Naud — Puy de la Croix-Louis, com o apoio daquela base de fogos e em ligação íntima com a 51.ª D.I. (X R.I.):

— n.º 1º tempo: tomar Puy du Naud, sem o apoio dos carros;

— n'um 2.º tempo: — conquistar Croix-Louis com o apoio dos Carros, após o estabelecimento de passagens para estes ultimos.

O ataque realizado no 2.º tempo, será completado por uma ação lateral de Carros, segundo o eixo: Côlo de Cassin (866,8) — Côlo 854,6 — observatorio de Croix-Louis, visando tomar de flanco e de revés os defensores das vertentes Sul e Oeste de Puy de la Croix-Louis, durante o desenvolvimento do ataque frontal.

V — Dispositivo inicial de ataque.

a) — Infantaria:

Dois Btls. em 1.º escalão:

— I Btl. a Leste.

— II Btl. a Oeste.

Limite entre os dois Btls.: — ver croquis n.º 1.

b) — Carros:

Uma Cia. de Carros á disposição de cada Btl. de 1.º escalão:

— I Btl., dispondo da 1.ª/VI;

— II Btl., dispondo da 2.ª/VI.

c) — Petrechos:

I Btl.: 1 canhão de 37, 1 grupo de morteiros.

II Btl.: o resto da Cia. de Petrechos.

d) — Reserva de Regimento:

— III Btl. do 2.º R.I.;

— 3.ª Cia. do VI Btl. de Carros.

VI — O ataque desembocará a H=7 horas, após uma preparação de Artilharia de 1 h. e 30'.

a) — Conquista de O₁.

O II Btl., apoiado pelos carros dispositos em profundidade, se apoderará, n'um 1.º lanço, da garupa Les Potences — bois Carré (O₁), manobrando pelas vertentes Sul e Oeste de Potences.

Deslocando, rapidamente, uma parte da sua base de fogos para a garupa O₁, atacará sem perda de tempo a crista La Fagitière — Puy Cassin, valendo-se na mais larga escala, das cobertas á sua esquerda.

A operação do II Btl. será coberta a Leste, pela Cia. da esquerda, do I Btl. (3.ª Cia.) reforçada por 2 Sec. Mtrs. e pelo Canhão de 37 aféto a esse Btl. Essa Cia. tomará Les Patences; em seguida ocupará a garupa 300m ao N. dispondo os seus fogos face ao Puy du Naud.

A 3.ª Cia., reforçada, ficará sob as ordens do Cmt. do II Btl. até a conquista de O₁; logo após, voltará ás ordens do seu Cmt. de Btl.

O resto do Btl. agirá por meio dos seus fogos, sobre a garupa 869,0 e nas ravinas enquadrandes, de modo a facilitar o estabelecimento da 3.ª Cia. nas vertentes Leste da garupa de Potences.

Além disso, a C.M. 3, permanecendo a disposição do seu Btl. (região de la Daigue), agirá com tiros indirétos sobre as vertentes Norte da crista La Fagitière — Cassin; e sobre o côlo 854,6 (tiros regulados de acordo com o horario da Artilharia).

Após a conquista do objetivo O₁, o II Btl., tomando a seu cargo a organisação e a posse do terreno conquistado, agirá (1) com todos os seus fogos disponíveis, em proveito do I Btl., sobre as vertentes Norte da garupa assinalada por O₂.

b) — Conquista de O₂.

1.º Tempo — Ataque realizado sem cooperação dos Carros, pelo I Btl., com apoio de dois grupos de apoio direto, a Leste da ravina de Grand-Pré, a uma hora H' fixada pelo general Cmt. da D.I., após entendimento com a 51.ª D.I. Este ataque seguir-se-a, tão de perto quanto possível, á conquista de O₁;

— Transposição do Corrego Ribiére, sob a proteção da base de fogos de Potences e de toda a Artilharia, atirando sobre Puy de Naud ou mascarando, com progetis fumígenos, os observatorios de Croix-Louis;

— Conquista de Puy du Naud e parada no objetivo (O₂) durante cerca de duas horas;

— Preparo durante esta parada, de dois pontos de passagem A e B, para os carros, sobre o Corrego Ribiére e deslocamento, para a garupa Sudeste de 866,8 d'uma parte da base de fogos.

2.º Tempo: — Retomada do ataque com a cooperação dos carros, a uma hora H'', fixada pelo Coronel Cmt. do

(2) Os vencedores de Puy des Chaumillons e Puy de la Fagitière, não ficarão inativos; trabalharão na instalação, para diante, da sua futura base de partida. Fá-lo-ão, entretanto, sem precipitação, evitando assim, na medida do possível, as perdas que os defensores do vale de Soudeix estão prontos a lhes causar.

R.I., após entendimento com o X R.I. da 51.^a D.I. — Eixo de ataque do I Btl.:

Puy du Naud — *Puy de la Croix-Louis*, em ligação com o X R.I.;

— Ataque lateral executado por duas secções de Carros (em principio da 2.^a/VI), segundo o eixo: Côlo Cassin 866,8 — côlo 854,6 — observatorio de Croix-Louis, visando tomar de flanco e de revéz os defensores das vertentes Sul e Oeste de Puy de Croix-Louis.

O ataque lateral será regulado pelo Cmt. do VI Btl. de Carros, agindo em ligação com o Cmt. do Btl. e por delegação.

Desde que as vertentes de Croix-Louis estejam dominadas, o Cmt. do I Btl. impulsionará seus elementos da esquerda até o côlo 854,6, para assegurar a ligação efetiva entre os I e II Btls.

VII — Artilharia.

— Dois grupos de apoio direto, a disposição do R.I., apoiarão *sucessivamente*, a progressão dos II e I Btls.

— P.C. do Agrupamento — Como lembrança.

— Anexos:

a) — Calco dos tiros de preparação — (como lembrança).

b) — Calcos horários dos tiros de apoio — (como lembrança).

— Objetivo O₁;

— Objetivo O₂.

— 3.^a Cia. do VI Btl. de Carros, em dispositivo articulado na região dos Fonds-Morts, prontos a progredir por itinerarios reconhecidos, segundo um ou outro dos seguintes eixos:

a) — Grand Puy du Rouche — Puy Cassin;

b) — Moulin du Grand Pré — Puy du Naud — Puy de la Croix-Louis.

IX — Realização do dispositivo.

a) — Base de Partida:

Batalhões de 1.^o escalão e elementos ligados: ao Norte da linha 841,2 — vedeta n.^o I — Arvou de La Daigue — 845,2 (ver calco — como lembrança).

— Unidades reservadas — (ver calco — como lembrança).

b) — Movimentos — Como lembrança; Colocação terminada ás 4 horas.

X — Trabalhos:

— Os pioneiros e a Sec. de Engenharia posta a disposição do R.I., criarão dois pontos de passagem para carros, em A e B, sobre o corrego Ribiére;

— Estocagem do material preparado para a Infantaria e para os Carros e execução dos trabalhos, regulados de acordo com as ordens do Cmt. do I Btl., que terá sob a sua disposição todo o pessoal supra-indicado.

XI — P.C.

Unidades	P. C. Inicial	Após a conquista de O ₁	Após a conquista de O ₁	Após a conquista de O ₂	Após a conquista de O ₂
2º R. I.	Bosque dos Fonds Morts	Sem alteração	Sem alteração	—	Bosque 500 mts. ao Sul de Puy des Potences
I Btl.	857,1	Idem	Idem	Vertentes Sul de Puy du Naud	400 mts. ao Norte de Puy du Naud
II Btl.	Posto vedeta n. ^o 1	Bosque 200 mts. Oeste de 867,3	300 mts. a Leste das ruínas de Soudeix	Sem alteração	Sem alteração
10º R. I. (51º D. I.)	Como lembrança	—	—	—	—
1º R. I.	Como lembrança	—	—	—	—
Grupamento de apoio direto	Vertentes Oeste do Monte Pibœuf	—	—	—	—

VIII — Reservas de Regimento.

— III Batalhão;

XII — Ligações — Transmissões.

— Como lembrança.

3.^a NOTA

1.^o) — É ao I Btl., que deve progredir no compartimento de terreno de La Daigue, na direção de Puy du Naud e Puy de la Croix-Louis, que o Coronel confia a missão de organizar a base de fogo de Potences, que ele reforça. Para a conquista de O₁, põe a disposição do Cmt. do II Btl., uma Cia do I Btl., levando em conta as características da manobra no primeiro compartimento do terreno (apoio de fogos de toda natureza, jogo eventual das reservas). Mas, a partir da conquista de O₁, a Companhia retorna às ordens do seu Cmt. de Btl., a quem caberá conduzir a manobra no segundo compartimento, apoiado assim, pelos seus próprios fogos.

E este facto registra uma condição das mais uteis, senão indispensável, para o bom desenvolvimento da ação.

2.^o) — Após a conquista de O₁, os carros de combate que haviam apoiado o II Btl., se reuniram a uns 500 metros a retaguarda de Puy Cassin e de Puy des Potences, face ao Norte e à Leste, prontos a intervir, em caso de contra-ataque inimigo, pronunciado por Infantaria ou mesmo por carros de combate.

O Coronel Cmt. do 2.^o R.I. empregá-los-a.

Não satisfeito de consentir na utilização de sua base de fogos de flanco, de Potences, pelo Cmt. do I Btl., decide, ainda, agir pelo movimento no primeiro compartimento em proveito do segundo compartimento. Um ataque de Infantaria é difícil, sinão impossível; entretanto, os carros não se intimidarão diante de alguns tiros longos vindos do Sul. Por outro lado, a crista 880,3 (Puy de Cassin) — 854,8 — 895,7 (Puy de la Croix-Louis) forma um escudo que co-

brirá ao Norte a marcha dos Carros para Croix-Louis.

Esta condição de terreno favorável, acabou por convencer o Coronel, que vai lançar os carros sobre as vertentes Oeste de Puy de la Crouis-Louis.

Eles desembocarão da baixada que separa Puy Cassin, de Puy des Potences.

Tiros de artilharia, aplicados, em proteção sobre a região de Puy Gary e do Grand Puy Faveix, reforçarão a cobertura ao Norte. Esses tiros poderão ser fumigenos.

Os Carros serão apoiados pela base de fogos de Potences e por todas as armas disponíveis, das vertentes Sul de Puy Cassin.

Serão seguidos, em breve prazo, pela Infantaria, que virá ocupar as elevações 854,8 que se podem tornar perigosas.

O desencadeamento oportuno deste ataque de flanco, é uma questão delicada; dele se encarregará o Cmt. do Btl. de Carros. Cabe-lhe, de qualquer maneira, a coordenação, aqui, do esforço de todos os seus carros sobre Croix-Louis.

Esta concepção não é regulamentar; entretanto, tem o mérito, no nosso modo de pensar, de abrir uma janela para um futuro que pode estar próximo.

Paramos, aqui, a nossa manobra que, por processos análogos, atingirá o objetivo O. Ela parece lenta e prudente; será, entretanto, mais rápida e menos mortífera do que os esforços insistentes e repetidas para transpor de frente, sem apoio de fogos, a crista de Puy des Chaumillons ao Puy Cassin.

Estudaremos, em seguida, a ação d'uma Infantaria em presença de uma crista celebre, no curso de uma tomada de contado.

Biblioteca de

“A Defesa Nacional”

“Notas sobre o Emprego da Artilharia”

do Major Inacio José Verissimo, é livro indispensável na biblioteca do oficial de qualquer arma.

Os individuos e o Exercito

É uma verdade primaria que o valor de um Exercito decorre do valor dos individuos que o constituem. Esse valor é intrinseco e é adquirido.

Os individuos ingressam no Exercito tal como vivem no seio da nação civil — e é o valor intrinseco; sofrem nele um trabalho de *instrução* em vista do papel que lhes cabe representar e um *trabalho educativo* que os habilita a utilizar dignamente, com eficiencia a instrução adquirida.

Certo essa *educação* não pode dar aos individuos qualidades que eles não possuem. Apenas metodisa, disciplina e desenvolve as qualidades uteis e reprime, tanto quanto são elas reprimíveis, as menos adequadas ao *metier do soldado*.

O trabalho educativo não é o mesmo para todos os individuos que compõem os Exercitos, como não é a mesma a instrução. Nem isso é necessário. Do soldado ao general, do General de Brigada ao Comandante em Chefe, as necessidades da instrução e de disciplina moral, crescem continuamente. Na base da *hierarquia* trata-se sobretudo de *saber obedecer*; no apice, de *saber mandar*. E o saber mandar é de dificuldade crescente com a amplitude da esfera de ação. É por isso que excelentes *chefes* sucumbem quando ascendem de escala. Em regra, os que não obtem sucesso em seus comandos fracassam porque sua mentalidade insuficientemente desenvolvida, não lhes deixou perceber as necessidades da nova *esfera* a que ascenderam, continuando aí a empregar os mesmos métodos que empregavam dantes.

Tais *chefes* que, em virtude de sua atuação anterior fizeram-se depositários de uma grande confiança, deixam de corresponder às expectativas e são *queimados*, como hoje se costuma dizer.

**

Vê-se assim quão forte é a importancia das *individualidades nos Exercitos*, importancia essa tanto mais sensivel quanto a *autoridade* é grande, ou as *possibilidades de ação* possue o individuo são desenvolvidas.

Às vezes, de uma dessas *personalidades* depende a vida de uma Nação.

Enquanto Moltke faz o Exercito Prussiano e em torno dele cria o do Imperio Alemão, vitorioso em 66 e 70, em França o chefe responsável afirmava que o Exercito estava pronto para a guerra sem que no entanto, seus *marechais* se houvessem mesmo apercebido

do problema que tinham deante de si e sem que *houvesse estado-maior*.

Bazain e Mac-Mahon haviam se destinado em *campanhas* anteriores, mas fracassam em 1870.

**

Nessa época não se havia dado nenhuma transformação importante em consequencia da evolução da industria que houvesse favorecido de modo desproporcional aos alemães.

Ao contrario, os franceses possuiam dois fatores de primeira ordem para a vitória — um excelente fusil; uma boa rede ferroviaria. Não tinham, porém, um Joffre, um Foch, um Petain... nem *estados-maiores*, ao passo que o Rei Guilherme e Bismarck possuíam Moltke e o Estado-maior prussiano.

Em consequencia, o Exercito Alemão mobilizou-se, concentrou e atacou em ordem, com metodo, obedecendo a uma idéa, a um raciocínio bem fundado, sem nada lhe faltar e sem imprevisões; o Exercito Francês, concentrou sem ter mobilizado completamente e marchou sem ter acabado de concentrar.

No Exercito Francês, não se souberam preparar as *individualidades* desde o *tempo de paz* e estas faltando falhou o resto, ao passo que do outro lado do Rheno houve os mais meticolosos cuidados a tal respeito.

**

É pensando sempre nestas tremendas lições da historia, repetidas incessantemente em todos os povos e em todas as épocas que «A Defesa Nacional» bate-se de longa data para que nossos Estados Maiores sejam a expressão verdadeira de uma *elite militar*.

E é por isso que não se pode compreender que ao processo de *matriculas* na E. E. M. se aumentem facilidades e que se permita a entrada de oficiais sem ser em livre e *real concurso* nessa Escola.

Nenhuma *argumentação* *sutil* serve para justificar o que se tem passado a esse respeito, desde que decorridos os primeiros anos da M. M. F., contou o Exercito com um certo numero de oficiais instruidos em seus métodos.

Que pode legitimamente explicar, dado o numero de oficiais diplomados que já existe e o numero de concorrentes aos *últimos concursos*, que se continuem a conceder favores e facilidades para matrícula na E. E. M.?

Certo, todos os oficiais tem direito à matrícula nessa escola de *selecionados de cultura militar*, de *cultura geral*, de *valor fisico*, de

Oise — Junho de 1918

Combates dos dias 9, 10 e 11 de Junho 1918, observados do 2.º B. C. P.

Pelo Ten. Cel. Torres Guimarães

Trad. do Major José Faustino Filho

(Continuação do n.º 238)

«12 Junho 918 ás 2 hs. 45' — Unidade Guimarães a unidade Margerie.

O Major Cmt. me encarregou de vos enviar um destacamento de 150 homens enquadradado, do 256 R.I. — Deverão eles substituirem até nova ordem a 4.ª Cia. engajada em *Méry* com o Pte. *Lemaitre*.

(a) Guimarães

O resto da noite se passa organizando a posição. Os flanqueamentos são assegurados e os depósitos de munição de antemão preparados na previsão duma dura jornada a seguir-se, quando uma notícia começa a circular, a princípio vagamente, que iríamos contra-atacar ao amanhecer com elementos frescos que desembarcavam a nossa retaguarda. Tal notícia foi trazida em 1.ª mão pelos trens de combate e são os fachinas que a fazem circular. Ela se confirma rapidamente citando-se nomes, e o do *Gal. Mangin* está em todas as bocas. Em-fim ás 3,hs.40' chega a confirmação oficial que é imediatamente transmitida as Cias.

«11 Junho 918 ás 3hs.50' — O Cmt. do 1.º Agrupamento as 2.ª, 3.ª e 5.ª Cias. e 1.ª Cia. Mtrs. Manterem-se nas posições até nova ordem. Prepararem-se para avançar ao primeiro sinal».

(a) Guimarães

valor moral militar, depois que, conforme as provas legais forem de fato selecionados. Presume-se que a verdadeira expressão desse curso de Estado-Maior impede a dispensa de quaisquer exigências legais, por isso que essa benignidade redundaria em desprestígio para os próprios indivíduos dela abjetos e do próprio curso.

Entretanto, o fato é que quanto mais as circunstâncias indicam convir-nos cuidar *zelosamente da qualidade* mais nos aferramos à preocupação da *quantidade*, dispensando provas a todos que se valendo de certos ocorridos as procuram.

**

«Ás 4hs.30' vamos nos aproveitar dumha bruma espessa para retomarmos as posições de combate da véspera ao anoitecer. Disfarçava-mos os preparativos da contra-ofensiva *Meangin*, que dever-se-ia desencadear ás 11 horas. Ao nos transportarmos para a frente a 5.ª Cia. recebe ordem ás 4hs.15' de fornecer uma cadeia de transmissão que ligasse o P.C. *Carrières* ao P.C. da I.D. em *Menévillers*. A seção do 256 R.I. atribuída a 5.ª Cia. foi a designada para desempenhar tal missão.

«11 Junho 918 ás 4hs.10' — A 5.ª Cia. fornecerá o pelotão de 50 homens do 256 R.I. que lhe está afeta para estabelecer uma cadeia de estafetas ligando o P.C. da I.D. em *Menévillers* ao P.C. *Carrières*. Os homens deixarão suas mochilas nas posições atuaes, onde ficarão sob a guarda de dois plantões da unidade designada para tal mistér».

«A 5.ª Cia. dará o sargento chefe para dirigir a execução deste serviço. Estabelecer os postos a cerca de 200 mtrs. um do outro», em pontos abrigados.

(a) Guimarães

A manhã se passa em espetativas; bombardeamento de parte a parte, numerosos reconhecimentos aéreos e ligeiras tomadas de contato pela infantaria.

De ambos os lados sente-se que se prepara alguma coisa.

Para avaliar-se quanto assim nos afastamos do progresso, basta raciocinar como Verdy du Vernois — *de que se trata?*

Oh! a resposta não a deixa dar o *individualismo*, ou melhor o *egocentrismo*.

Far-se-á um Exército subordinando-o aos indivíduos e não estes a ele?

Indubitavelmente não. Porque então, os que temem a responsabilidade de fazer Exércitos, deixam-se dominar por aqueles?

É que os indivíduos são *seres concretos*, e os Exércitos são *seres abstratos*. Os primeiros sentem-nos todos por eles se agitam, os segundos só alguns ás vezes as percebem.

Pela manhã fizemos mais alguns prisioneiros perto de *Bauchemont*, que nos confirmam estar por pouco o ataque deles.

Finalmente por volta das 12 horas desembocam as cabeças de colunas da 165 D.I. O combate se engaja instantaneamente e a batalha se atea em toda a linha. Reentramos em *Bauchemont* de que nos apoderamos. A passagem de linha se faz nesta altura. Pouco depois o 2.º B.C.P. se reune nas ravinas de *Bauchemont* para atender as eventualidades.

«11 Junho 918, 15hs. — O Cap. Ajudante Mór *Guimarães* ás unidades do 1.º Agrupamento — 2.ª, 3.ª e 5.ª Cias. e 2.ª Cia. Metrs.

O 2.º B.C.P. se reagrupará nas ravinas a W. da herdade *Bauchemont* a partir do momento em que as unidades de 1.ª linha da 165.ª D.I. tenham distanciado.

«O Agrupamento *Guimarães* ocupará a parte S. da ravina na seguinte disposição, da direita para a esquerda, 2.ª Cia. Mtrs., 2.ª 3.ª e 5.ª Cias.».

«Reunião orientada face a E. Formação — em linha de seção por 4.

As varias previsões impõem estar se prompto para qualquer missão eventual».

Recompletar as munições do deposito da ravina.

Serão dadas ordens ulteriores sobre o rancho.

O Cmt. da 2.ª Cia. Mtrs. dará as ordens necessarias para que suas viaturas regressem com os fachinas do rancho.

Os destacamentos do 256 R.I. agregados ás unidades do Agrupamento, regressarão a seu corpo.

A ordem de reunião para as Cias., na ravina, será enviada pelo Agrupamento».

(a) *Guimarães*

NOTA — «Despresar o paragrafo que prescreve a reunião em linha de seção por 4 orientada face a E. Cada Cia. alcançará suas antigas posições na ravina dos *Carrières* em pequenas colunas (de seções tanto quanto possível) para desenfiar-se as vistas aereas inimigas».

«O Ajudante Martin, indicará as posições definitivas das Cias. respeitando a ordem das unidades anteriormente prevista.

As instruções contidas n'esta nota serão executadas desde sua recepção».

(a) *Guimarães*

«11 Junho 918 — 19 horas 15' — As Cias. do Agrupamento *Guimarães* serão instaladas nos *Carrières* em acantonamento de alerta.

Devem ser tomadas todas as disposições previstas para tais casos.

Ter um homem por esquadra de espreita. A seção de dia de cada Cia. fornecerá as sentinelas das armas; cada Cia. terá uma sentinela dobrada desde o cair da noite.

(a) *Guimarães*

«11 Junho 918 ás 19hs.25' — A seção de dia da Cia. de dia do 1.º Agrupamento (2.ª Cia.) comandada por um oficial ficará a disposição do Cmt. do Grupo de Artilharia engajado ao S. dos *Carrières* para lhe servir de apoio em caso de necessidade.

O P.C. do Cmt. do Grupo será reconhecido pelo Ajudante Martin que comunicará o resultado deste reconhecimento ao oficial Cmt. da seção de apoio.

(a) *Guimarães*

As 20 horas chega a ordem passando a 11.ª D.I. em reserva na região de *St. Martin aux Bois*.

«11 Junho 918 ás 20hs.15'. — Ordem de estacionamento.

A D.I. em reserva estacionará na região de *St. Martin aux Bois*. Zona de estacionamento do Agrupamento *Guimarães*. — Ravina desde a encruzilhada 800 metros ao SE. da vila de *St. Martin L'Eglantier*. A zona de estacionamento será reconhecida pelo Ajudante do Agrupamento acompanhado por 1 agente de ligação de cada Cia. Este acantonador indicará a zona de bivaque a cada Cia. quando de sua chegada.

a) — *Movimento* — O agrupamento partirá por Cias. isoladas, logo que for possível.

b) — *Itinerario* — Ravina de *Carrières-Ménevillers* e estrada que partindo do S. de Ménevillers se dirige a encruzilhada 800 metros ao N. de *Montiers*. Nesta encruzilhada é que os agentes de ligação deverão aguardar suas Cias.

c) — *Reabastecimento* — Será feito a W. do bebedouro da ravina do Agrupamento *Guimarães*.

d) — *Dispositivo* — As unidades se extenderão largamente, aproveitando-se de todos os abrigos e cobertas que se encontrem na zona de estacionamento.

e) — *Aviação* — Os Cmts. de unidade velarão com maxima atenção, especialmente ao amanhecer, afim de que os aviões inimigos não percebam nenhuma reunião ou movimento.

f) — *Posto de socorro* — Casa a entrada S. da vila de *Ste. Martin*.

g) — *P.C. de Btl. e do Agrupamento* — Serão estabelecidos na parte S. da vila.

h) — *Partes escritas* — de chegada serão dirigidas ao P.C. do Agrupamento».

Observações — «As Cias. deverão pôr-se em marcha antes das 23h.30' afim de atingir suas zonas de bivaque por volta de meia hora após de meia noite.

O rancho deve ter sido destruído e consumido bem como o seu serviço terminado por volta das 3 horas. Abrigar-se de preferencia na face E. da ravina desenfiando-se das vistas.

A 2.ª Cia. recuperará sua secção de apoio á artilharia participando ao Cmt. do Grupo interessado.

A 5.ª Cia. verificará si todos os seus estafetas regressaram de conformidade com as ordens recebidas. O recuo da cadeia foi ordenado a cerca de uma hora.

(a) Guimarães.

Às 23hs.30', como estava previsto, o restante do 2.º B.C.P. deixou o campo de batalha aspera e amargamente defendido. A jornada de 12 foi consagrada a uma ligeira recomposição e a 13 foi ele transportado em caminhões para *Compiègne*. Assim que desembarcou foi ocupar a posição definida pelas aldeas de *Giraumont* e *Annel*. Cibia lhe mais uma vez a missão de barrar o acesso a avalanche de *Von Hutier*.

Como ele se conduziu em sua missão di-lo-á a ordem n.º 58 da 11.ª D.I.

«*Ordem da Divisão* — n.º 58.

Engajado desde muitos dias numa das mais violentas batalhas, ante um inimigo 4 ou 5 vezes superior e procurando a decisão com encarniçamento num momento em que a situação se apresentava critica, a 11.ª D.I. fez frente ao assalto alemão com sua bravura, sua energia e tenacidade habituas.

Todas as unidades desponíveis, Regimentos de Infantaria, Batalhões de Caçadores, C.I.D., Artilharia, Cavalaria, Engenharia, foram lançadas ao combate. Todas aí demonstraram as mais belas qualidades militares».

Incessantemente sem tregua atacada e revidando noite e dia na brecha, a D.I. não cedeu uma polegada do terreno que lhe fora confiado, contribuindo grandemente no restabelecimento dum aí situação comprometida.

Na retomada do movimento para a frente ela apoiou a ofensiva com seu ardor habitual, a custa de vultosas perdas».

«O Gen. Mangin, Cmt. do Grupo de ataque externou ao Gen. Cmt. da D.I. sua admiração pelas tropas postas as suas ordens e pediu que lhes transmitisse suas felicitações.

O Gen. Cmt. da D.I. a elas juntou mais uma vez as suas.

Ele sabe aliás o que pode esperar da 11.ª D.I., a mais bela das elites.

Ele saúda respeitosamente os camaradas, que escreveram com seu sangue diante da avalanche das vagas alemães:

— Pela 11.ª D.I. não passam».

(a) Vuillemot.

Biblioteca de

“A Defesa Nacional”

“Aspectos Geográficos Sul-Americanos”

do **Major Mario Travassos**, livro imprescindível aos candidatos ao curso de matrícula na E. E. M.

Sugestões

«As sugestões devem chegar á nossa redação até o dia 15 de cada mês com a assinatura do seu autor, a qual poderá não ser publicada se assim nos fôr pedido».

(Nota importante do n.º 149/50 de 1926).

Providencia sobre instrutores

Pelo Cap. Antonio de Castro Nascimento

Inspetor dos T. G. da 6a. R. M.

I — Existem funcionando no Estado da Baía 17 T. G. e 13 R. I. M. sendo em sua quasi totalidade localizados em cidades afastadas umas das outras.

II — Dispõe esta Inspetoria para atender somente os C. I. M. do Estado da Baía de dez (10) sargentos do Quadro de Instrutores, numero por demais insignificante e ridiculo para atender a tantos C. I. M.

III — Esta Inspetoria vem lançando mão de sargentos agregados ao 19.º B. C., com o curso da E. S. I. e outros sem este curso, alguns afastados por ordem superior, e, tambem, de dois delegados de recrutamento.

IV — Diz o item 5.º da nota publicada na edição extraordinaria do R. D. G. T. (edição de 1932), página 18, que «os inspetores procurarão suprir a deficiencia de instrutores procurando buscá-los nos corpos de tropa, de acordo com o n.º 32 do artigo 65, do R. I. S. G. e Aviso do M. G. de 25 de Maio, publicado no Boletim do Exercito n.º 45 de 5 de Junho, tudo do ano de 1931.

V — A crise de instrutores para os C. I. M. aumentou com a saída de 4 (quatro) sargentos para o curso de Educação Física, conforme

publicou o boletim regional n.º 25, de 31 de Janeiro ultimo.

VI — Ficando muitos T. G. com a sua instrução paralizada em virtude do afastamento dos instrutores ou a sua falta. Tendo a preferencia de nomeação os T. G. e depois as E. I. M.

VII — Em face do artigo 25 do R. D. G. T. (n.º 40) o Exercito se compromete a dar um instrutor militar á sociedade que fôr incorporada á D. G. T. G., e, como todas as que estão funcionando são incorporadas, esta Inspetoria pede vossas ordens para que sejam nomeados os instrutores para os T. G. que não têm, entre estes cita: Conquista, T. G. recem-incorporado, municipio rico; Riachão de Jacuípe, T. G. tambem recem-incorporado e outros cujos instrutores foram afastados tais como: Canavieiras, Pirangi, Jequié e Joaquim Tavora.

VIII — Esta Inspetoria visa não prejudicar a instrução dos socios dos T. G. que já pagaram e, tambem as reservas da 2.ª categoria, uma vez que não se pôde ter reservas de 1.ª categoria.

Cidade de S. Salvador, 1.º de Fevereiro de 1934.

A sair: —

Regulamento de Continencias Nomenclatura do Fusil Mauser

Secção de Artilharia

Concursos de Apontadores

Pelo 1.º Ten. H. Borges Fortes

Do regulamento n.º 13 (R.E.E.T.A.) surgido em 1921, ainda estão oficialmente em vigor a 1.ª parte — Regulamento Provisório de Exercícios —, e os anexos 1 e 2, referentes á instrução a pé e a cavalo, respectivamente.

Estes serão certamente substituídos muito breve, em uma nova edição *correta e aumentada*, ou pelo menos pôsta em dia.

A 1.ª parte, porém, si provisória foi aguardando os novos materiais que então pensavamos adquirir para a nossa Artilharia, provisória deverá continuar a ser, pelo mesmo argumento.

Os quadros de efetivos anualmente atribuídos ás baterias de 75 e 105 montados, suprimindo um servente por peça o C5, e o aparecimento do Título II da 1.ª parte, em 1930, modificando os acionamentos e saídas de posição, as funções dos antigos chefes de carro, hoje guarda-armões, e outras pequenas alterações, impuzeram modificações de detalhe no serviço do material, que deixaram obsoleto o Provisório.

Nótas poligrafadas servem hoje de guia para as novas escolas do servente e da peça do 75 Krupp, e serão certamente um valioso subsídio para a nova edição do Regulamento Provisório de Exercícios, cuja publicação se impõe.

**

Servem estes comentários como introdução ao auxilio que trazemos aos nossos camaradas dos corpos da Província, divulgando um programa para a execução do 1.º Concurso de Apontadores, já que as provas constantes do Provisório não mais pôdem subsistir.

Aliás nada ha oficialmente sobre a manutenção ou não, dos 3 concursos de apontadores: 1.º e 2.º concursos e campeonato de pontaria.

As notas poligrafadas a que nos referimos dizem que «o exame de apontador realiza-se no 1.º mês após o exame do 1.º período de instrução». «Os

que forem nêle aprovados recebem o título de apontador».

«As provas para o exame devem ser estabelecidas pelo Comandante do Grupo e comandadas pelo respectivo instrutor».

Si não ha nisto referencia aos concursos de apontadores, contudo as instruções de 31 de março de 1932, sobre o «Regimento Mallet» e seu estandarte, crearam uma medalha «Marechal Mallet» para o campeão de pontaria, de cada ano, da Bateria da Escola Militar e dos corpos de tropa de artilharia, medalha esta que vai ser cunhada pela nossa Casa da Moeda, — o que dá a entender que os 3 concursos estão mantidos.

**

O programa a seguir dado, coordenando sugestões de varios camaradas, foi comprovado experimentalmente no ano findo; deixamos aos nossos colegas de arma a organização das provas para os outros concursos.

**

I.º CONCURSO DE APONTADORES

1 — O 1.º concurso de apontadores é obrigatório para todas as baterias; realiza-se entre os apontadores de cada bateria, cada concurso no mesmo dia para todas as baterias de um mesmo Grupo.

2 — O Cmt. do Grupo (Sub-Cmt. nos G.A.P. e G.A.Do.) faz escolher a posição a ser ocupada pelas baterias e só a torna conhecida no dia do concurso. Cada bateria só se aproxima da posição depois de concluídas as provas da precedente.

3 — Nas baterias montadas as peças formam sem os carros, a 5x de intervalo; nas baterias de dorso, sem os cofres de munição, regulador de espoletas, escudo dos muniçadores, caixa de acessórios e lanada-soquete, indo o quadrante de nível na caixa do aparelho de

pontaria; nas baterias motorizadas, á semelhança destas.

4 — O apontador, assim que termina cada prova, anuncia em vós alta «Tal peça, pronto!», e vai formar atrás da conteira, a 2x.

O Ajudante do Grupo anota a ordem em que os apontadores dão o «pronto», e todos os membros da Comissão Examinadora examinam a pontaria. Para não perturbar os apontadores a Comissão fará o possível para lhes não deixar perceber qual o julgamento de cada prova.

Qualquer oficial pôde acompanhar a Comissão, sem perturba-la, nem mexer nos aparelhos de pontaria; para qualquer observação, deve dirigir-se ao Presidente.

5 — Os resultados observados pelos examinadores são consignados em um mapa para cada bateria, feito em 3 vias, um para cada examinador, no qual constam os nomes dos apontadores e onde são anotadas as faltas cometidas (Ver R. Prov. E. A.).

6 — Durante as provas só devem achar-se nas peças os serventes em concurso.

7 — Tomam parte neste concurso 4 a 8 apontadores, por bateria, cada um em uma peça, não sendo admitidos apontadores já classificados em concursos anteriores.

8 — Serão considerados apontadores de 2.ª classe os concurrentes que tiverem pelo menos cinco (5) provas sem falta.

PRÓVAS

As provas são as seguintes:

1.ª — Pontaria em direção (Colocação em vigilância);

2.ª — Série de derivas;

3.ª — Pontaria diréta, com referencia;

4.ª — Pontaria indiréta, com sitio e alça, referencia em ponto diverso do ponto de pontaria, e inscrição de deriva;

5.ª — Ceifa, partindo da 4.ª prova;

6.ª — Pontaria indiréta, com emprego da haste de alongamento e quadrante de nível;

7.ª — Mudança de direção e alteração de elevação, partindo da 6.ª prova.

**

1.ª Prova — Pontaria em direção.

Os apontadores recebem do Instrutor a indicação de um ponto de pontaria e vão aos seus lugares. Executam a prova ao comando: «Ponto de pontaria indicado! Deriva tanto, tanto!».

2.ª Prova — Série de derivas.

O Instrutor comanda sucessivamente, com intervalo de 20 segundos, tres (3) alterações de deriva, sendo uma maior de 100 milésimos, e não todas do mesmo sentido. Além de verificar no goniometro, a Comissão deve perguntar a cada apontador qual a deriva final.

3.ª Prova — Pontaria diréta, com referencia.

Exemplo de comando: «Em frente, tal objetivo! Alça tanto!». Os apontadores recebem do Instrutor a indicação do objetivo, vão aos seus lugares e executam ao comando de alça. A pontaria só é considerada completa depois de feita a referencia. A Comissão examina a bolha do sitometro, a visada ao ponto de referencia, a deriva de referencia, e por fim, a pontaria original.

4.ª Prova — Pontaria indiréta, com sitio e alça, etc.

Os apontadores recebem a indicação do ponto de pontaria e voltam aos seus lugares. Executam ao comando: Ponto de pontaria, tal! Deriva tanto, tanto! Sitio, tanto! Alça tanto! Vigilancia n.º 1, inscrever! É obrigatorio referir em ponto diverso do ponto de pontaria indicado (este pôde ser um G.B., uma lupa de bateria).

5.ª Prova — Ceifa.

Partindo da prova anterior (vigilância inscrita), o Instrutor dá o comando: «Por tanto, ceifar... voltas! Alça tanto!» Execução ao comando de alça.

Em seguida, com intervalo razoável, comanda uma nova alça, para que o apontador continue a ceifar no sentido

inverso. A Comissão verifica si a peça voltou á vigilancia.

6^a Prova — Pontaria indireta com emprego de haste de alongamento e quadrante de nível.

Os apontadores recebem do Instrutor a indicação de um ponto de pontaria e vão aos seus lugares. Executam ao comando: «Ponto de pontaria tal, devia tanto!» Angulo de elevação tanto! Vigilancia n.º 2, inscrever».

7^a Prova — Mudança de direção e alteração da elevação.

O Instrutor comanda: «Vigilancia n.º 2, mais (menos) tanto!» Angulo de elevação tanto!». Execução ao comando do novo angulo.

ERROS

Os erros serão tabelados como a seguir:

Má apreensão do ponto de pontaria ou do objetivo... 20 pontos
Níveis — do sitometro. Bolha desnivelada, cada milésimo 3 pontos
— do quadrante de nível. Por 1 minuto..... 1 ponto

— do eixo das rodas. Bolha fóra das marcas.....	5 pontos
Erros de direção ou de altura, por milésimo.....	1 ponto
Erros de leitura ou de graduação nas escalas de centenas do goniometro, dos sitometros ou do limbo do quadrante de nível, e de leitura da alça	10 pontos
Erros de leitura ou de graduação nas escalas de unidades do goniometro, no eixo das rodas, tambores do sitometro e corpo da régua do quadrante de nível...	5 pontos
Nas referencias: por milésimo	1 ponto
No conteiramento: deslocamento do reparo sobre o eixo, depois do conteiramento, não deve exceder de 20 milésimos; cada milésimo a mais	1 ponto

TOLERANCIA

Nas provas sobre o eixo.... 2 milésimos
Em direção e em altura.... 1 milésimo
Março, 25/1934.

Banco dos Funcionários Públicos

RUA DO CARMO, 59 — (Séde Propria)

Capital 10.000.000\$000
Reservas 502.175\$138

Carteira Comercial

Caução de títulos de real valor — Hypotecas com amortização mensais
Descontos de contas do Governo — Antichreses

TAXA PARA DEPOSITOS	
c/c Limitada	5 %
PRASO FIXO	
6 meses	6 %
9 meses	7 $\frac{1}{2}$ %
12 meses	8 $\frac{1}{2}$ %
Em 12 meses com renda mensal	8 %
Para os acionistas mais	1 $\frac{1}{2}$ %

O Banco oferece aos depositantes inteira garantia, o dinheiro entregue á sua guarda é empregado em empréstimos aos funcionários públicos federais com assistencia do governo e cuja cobrança é por este efetuada por intermédio das suas repartições em consignações mensais, que constituem depósito público.

EXPEDIENTE ININTERUPTO

(De 10 ás 16 horas)

O Problema das Policias

A debatida questão das policias estadais organizadas militarmente tal como se fossem unidades do Exercito, tem, como é natural, em presença dos seríssimos e multiplicados interesses que envolve, dado lugar as mais diversas interpretações.

«A Defesa Nacional», tomando parte no debate, tem procurado analisar a questão a luz dos interesses nacionais, sem nenhuma idéa preconcebida de menosprezar as policias ou os policiais e sómente visando solucionar a situação a que um exagerado federalismo nos conduziu e a que pôde ainda nos arrastar.

Não somos *adversarios* das policias e muito menos dos policiais, cujos serviços públicos e méritos não desconhecemos. Somos, porém, radicalmente contrários ao *espírito regional* que as creou, organizou e alimenta, não como fator necessário ao exercício das soberanias estadais, mas elemento de força de resistência à ação do governo nacional, isto é, do Brasil.

Nossa política mal avisada e nossos políticos de campanário e de cambalchos, pretendem ter nas *policias militares* forças com que enfrentem o Exercito quando este tenha que cumprir as ordens do Governo Federal. Os próprios governos centrais, muitas vezes incapazes de compreenderem os interesses militares da Nação e as necessidades de toda sorte das forças armadas, sobre tudo as de ordem psicológica ou moral, nem sempre têm sido estranhos a esse procedimento dos governos regionais, que até estimulam e alimentam, porque neles julgam se apoiar melhor que nas forças federais de terra e mar. Estes são os fatos.

São de todos os tempos republicanos os *exemplos* que tradusem na prática essa infâsta mentalidade. Hontem, era S. Paulo que creava uma *policia-exercito*, instruída por uma *missão do Exercito Francês*, enquanto o Exercito Nacional enviava oficiais a Alemanha e adotava regulamentos e uniformes à germanica; era Minas com uma *missão Suíssa*; era o Rio Grande do Sul com suas carateris-

ticas locais. Hoje o Exercito prepara uniformemente oficiais para a sua reserva nos Centros respectivos, enquanto que cada polícia, quando os prepara, é cada uma a seu modo.

Os efetivos *policiais* do Rio Grande do Sul, são presentemente maiores que os da guarnição federal, o que constitue um *absurdo político-administrativo* em presença das *respetivas missões*, bastando para avaliar a grandeza de tal absurdo, considerar que o Exercito deve *formar nossas reservas*.

É claro, pois, que as *policias estadais* tal como existem, criadas por uma *mentalidade política dissolvente*, e desorientadas na formação de seus quadros constituem para o Brasil *um perigo de ordem técnico-militar*.

E é isso que combatemos e que não deixaremos de atacar enquanto tivermos possibilidades de o fazer.

Alem de *perigo*, no ponto de vista em que apresentamos a questão, tem elas outros inconvenientes, entre os quais o de serem *computadas pela Sociedade das Nações* como se fossem tropa mobilizável do Exercito, ápta para a guerra sem necessitar de qualquer repasse em sua instrução ou organização. Ora, não sendo a mesma a *formação dos seus quadros*, nem podendo ser o mesmo o desenvolvimento da instrução para a guerra, por terem uma formação diferente e funções absorventes como são os dos mistérios do policiamento em tempo de paz, que exigem um preparo *minucioso e cuidado* bem diferente do que é necessário à guerra, só por aí se constata que redonda em desvantagem no computo de nossos efetivos militares nenhuma destinação se fazer entre elas e o Exercito.

Reconhecendo no entanto que as *relativas soberanias* estadais e municipais têm necessidade de um instrumento de força, a elas relativo, adequado ao seu exercício, temos aqui contestado a *chamada aspiração* da federalização das policias que consideramos contraria à realidade política e constitucional brasileira.

E, por outro lado, como devem ter as policias, para poderem desempenhar

o importante papel que lhes cabe de salvaguarda da ordem municipal ou estadual, *organização e instrução militares*, pensamos logo no aproveitamento delas em caso de *mobilização geral*. Resultam dessas considerações as *soluções* propostas pelas colunas de «A Defesa Nacional» entre as quais cumpre destacar a de nosso ilustre colaborador Ten. Cel. Torres Guimarães publicada no numero de Outubro ultimo, cuja leitura muito recomendamos aos que estudam e se interessam por estes assuntos.

O problema é complexo mas pode ser resolvido desde que seja encarado com bôa fé e patriotismo. Em ultima análise consiste em dar aos Estados o *instrumento* de força correspondente ao grau

de soberania que exercem, sem que tal força adquira caráter de exclusivismo regional e possa ser facil presa duma mal orientada política de *bairrismo* e consumo verbas dos cofres federais que antes aproveitadas deviam ser na aquisição de armamento e aumento dos efetivos federais.

Enquanto o problema não lograr solução no sentido que apontamos, as *policias militares estaduais*, organizadas a guisa de exercitos gaúchos, mineiros, paulistas, capichabas etc., etc. constituem um *perigo para a unidade brasileira*, tanto maior quanto maior desenvolvimento tiverem, quanto mais bairristas e quanto menos *brasileiros* forem os políticos.

No Prelo :

Regulamento de Educação Física

1^a e 3^a Partes

**Publicação provisória autorizada
pelo E. M. E.**

Uma solução

Tema tático formulado aos candidatos a Escola Superior de Guerra, no concurso de 1933

Tradução da REVUE D'INFANTERIE (Outubro de 1933)

Pelo Cap. Claudio Duarte

Segue-se um esboço da correção da prova de aplicação tática dada em 1933 no concurso de admissão a ESCOLA de GUERRA (FRANÇA).

É apenas exposto como um estudo, e, não como um modelo quer de discussões quer de ordens. É, tão sómente, a análise dos elementos que permitem elaborar e justificar *uma* SOLUÇÃO.

Cmt. X

TEMA

I — SITUAÇÃO GERAL

Na noite de 7 de Setembro, após duas jornadas de batalha entre forças vermelhas do Sul e azuis do Norte, a frente está balisada pela linha geral: LES MARATS — GÉNICOURT SOUS CONDÉ — MOGNÉVILLE...

Sob pressão inimiga a frente vermelha se adelgaça e perde o escalonamento na região compreendida entre GÉNICOURT SOUS CONDÉ — MOGNÉVILLE, e uma brecha se encontra na iminência de aí ser aberta, uma vez que as grandes unidades empenhados engajaram as últimas disponibilidades, afim de ver se conseguirão manter a continuidade da frente.

Elementos legeiros balisam desta forma a linha: LOUPPY SUR CHÉE — garupa ao Sul da fasenda LA LINEUSE — Cota 194 (um km. ao Norte de BUSSEY LA COTÉ) — MUSSEY — bosque SOULAINES. A situação é entretanto essencialmente instável, o partido azul parece querer continuar o avanço na direção de BAR LE DUC.

Afim de fazer frente a ameaça, o comando vermelho dirigiu para a região de BAR LE DUC o 7.º CORPO de EXERCITO (13 e 14 Divisões).

Este Corpo de Exercito, cujos primeiros elementos só se encontrarão em condições de participarem das operações a partir da manhã de oito de Setembro, tem por missão:

Antes do mais restabelecer a frente entre GÉNICOURT SOUS CONDÉ e MOGNÉVILLE.

Ulteriormente, participar na retomada da ofensiva em direção a Noroeste.

II — SITUAÇÃO PARTICULAR DA 13.ª DIVISÃO

A 13.ª Divisão, transportada por via ferrea e cujos desembarques principiaram na manhã de 7 de Setembro na região de LIGNY EN BARROIS, devem se reagrupar na zona LONGEVILLE EN BARROIS, TANNOIS, NANCOIS LE PETIT, SALMAGNE, GÉRY, RESSON.

As 20 horas de 7, os elementos seguintes estão reagrupados e estacionam:

Q.G. da 13.ª D.I. — GUERPONT.

Grupo de reconhecimento divisionário — RESSON.

13.º R.I. (E M. Cia. Ext. Cia, Eng, I.B.T.L.) — LOYSEY.

II BTL. — CULEY.

13.º R.I./I BTL. — RESSON.

13.º RAC./I GR. — SALMAGNE.

Os desembarques da 13.ª Divisão devem se encontrar terminados na manhã de 8 de Setembro, e o reagrupamento da Divisão realizado pelas (10.00) dez horas.

No dia 7, às 17 horas, o general comandante da 13.ª Divisão, convocado ao P.C. do 7.º Corpo de Exercito (Digny en Barrois) é posto ao par da situação, e recebe as instruções verbaes, abaixo resumidas.

«O general comandante da 13.ª Divisão, atuando ao N. do Ornain, lançará incontinenti para o Noroeste, (N. W.), os primeiros elementos que possa dispor tendo em vista:

1.º — Sustentar e apoiar a frente, ocupando, desde da manhã de 8, as alturas a W de Hargeville sur Chée e Norte de Fains;

2.º — No mínimo, assegurar o desembocar da 13.ª Divisão ao Noroeste do corrego «o Naveton» — desembocar que

deverá se realizar o mais cedo possível a partir de 8, manhã já alta, mantendo custe o que custar as garupas a Noroeste, e Oeste, de Vavincourt, bem como as saídas Sul da floresta de Massonge.

A 14.^a Divisão incumbe missão análoga do Sul do Ornain.

I.^a PARTE

No dia 7 de Setembro às 19 horas, o general comandante da I D. 13, no P.C. instalado em GUERPONT, recebe as seguintes ordens:

13.^a D.I.
E. M.
3.^a Sec. Q.G., em 7 de Set.^o às 18h.30
N.^o 130

ORDEM PARTICULAR N.^o 21

I — Situação — ver a situação geral e particular da 13.^a D.I.

II — Afim de sustar e diminuir a pressão do inimigo na direção de Bar le Duc, e de preparar a entrada em linha da Divisão, um destacamento ás ordens do Gen. Comandante da I D. e compreendendo:

- o Grupo de reconhecimento divisório da 13.^a D.I.
- o 13.^o R.I. (menos o III BTL.)
- o I BTL/113.^o R.I.
- o I G/13.^o R.A.C.

se lançará na noite de 7 para 8 de Setembro, na direção de NAIVES DEVANT BAR — BOSQUE DO CHENE (um quilometro ao Norte de CHARDOGNE).

II — MISSÃO DO DESTACAMENTO:

A) — Apoiar e sustentar a resistência dos elementos atualmente empenhados na frente GÉNICOURT SOUS CONDÉ — BUSSY LA COTE ocupando as alturas a Oeste de HARGEVILLE SUR CHÉE (em ligação a direita com os elementos que mantem GENICOURT SOUS CONDÉ) e as alturas situadas entre CHARDOGNE e VARNEY (em ligação a esquerda com os elementos da 14.^a D.I., que têm ordem para ocuparem VARNEY).

B) — No caso em que o inimigo, intensificando os esforços a oito, rompa

desde cedo a resistência dos elementos em linha, antes que o destacamento possa atingir os pontos acima indicados, esse se instalará defensivamente nas alturas 1.000 metros a Oeste e Noroeste de VAVINCOURT e nas garupas Oeste e Noroeste de BÉHONNE, de modo a cobrir o desembocar do grosso da Divisão ao Noroeste do correlo o NAVETON, desembocar que deverá começar, no minimo a partir de oito, manhã já alta.

Nos dois casos, o esforço principal de resistência entre o regato de HARGVILLE SUR CHÉE e a zona coberta de bosques (bosques do CHENE E DE MASSONGE).

IV — A zona de ação da Divisão é limitada:

ao Norte; pela linha (exclusive) ERIZE SAINT DIZIER — GÉNICOURT SOUS CONDÉ.

ao Sul: pelo curso do ORNAIN de LONGEVILLE EN BARROIS até a cota 174 (500 metros ao Norte de FAINS) e após pela estrada real VENISE — LAIMONT (essa estrada afeta a 13.^a D.I.).

V — O comandante da I.D. deslocará o P.C. no eixo NAIVES DEVANT BAR VAVINCOURT — HARGEVILLE SUR CHÉE.

Enviará as oito horas de oito, ao P.C. da D.I., uma parte da situação do destacamento.

O Gen. Cmt. da 13.^a D.I.
X.

TRABALHO A EXECUTAR

1.^o) — Expôr sumariamente, e justificando, as disposições que prevê o General comandante da I.D. 13 para o desempenho da missão.

2.^o) — Redigir as ordens dadas por este oficial general na noite de 7, para o movimento do destacamento.

NOTA — Tempo bom e seco. Os caminhos de terra estão praticaveis para as viaturas hipomoveis. O sol nasce ás 6h.15' e se põe ás 19h.15'.

DISCUSSÃO DE UMA SOLUÇÃO

«Discutir uma solução».

Taes termos mostram o objetivo que se propõe atingir: oferecer aos leitores *uma solução* dentre *as soluções possíveis* e lhe expôr a justificação.

E, como base desta justificação, é apresentado o ambiente idealizado para se orientar o raciocínio e dar as ordens. Não será isto indispensável? não é em pleno domínio especulativo que se vae pairar, onde não se percebe diretamente as sensações e reações dos acontecimentos, e que se torna preciso suprir?

**

Os desembarques da 13.^a D.I., transportada por via ferrea, começaram na manhã de 7 de Setembro, na região de LIGNY EN BARROIS. Esta grande unidade se deve reagrupar na zona: LONGEVILLE EN BARROIS — TANNOIS NANÇOIS LE PETIT — SALMAGNE — GUUY — RESSON.

Os elementos que são postos sob as ordens do Gen. Cmt. da I.D. 13, estacionam, no fim da jornada de sete, nas condições indicadas no tema. A situação dos mesmos ás 20 horas é dada. Quer isto dizer que o reagrupamento já terminou? É bem lógico se admitir que as operações de reunião das unidades, que interessam, e as instalações em acantonamentos estão completamente terminadas ás 20 horas. Em consequencia, se existir a necessidade de se alertar as tropas e as acionar, se saberá onde as achar e a execução da ordem de alerta não deve sofrer dificuldade, ou dar lugar a qualquer atraso.

Aliás, deverá essa ordem de alerta surpreender os executantes? (quer se dizer os chefes dos escalões regimento, batalhão, grupo?) Todos tem ciencia que a situação é grave, e que provavelmente a divisão não tarda a ser empenhada. Desta forma cada um deles tomará, até certo ponto, as medidas uteis para cumprir uma possível ordem de alerta. Ainda que na zona de estacionamento da 13.^a D.I. se esteja longe do campo de batalha, os recem chegados não duvidam a proxima intervenção na mesma, e para

tal se preparam. É, apenas, cumprir o dever.

Portanto, é com tal mentalidade de chefe, que em pouco espera ter de empenhar a unidade, que o General Comandante da 13.^a D.I. se dirige a LIGNY EN BARROIS ao P.C. do Gen. Cmt. do Corpo de Exercito, onde fôr convocado para ás 17 horas. Colocado ao par da situação recebe as instruções verbaes que se repete aqui:

«O General Comandante da 13.^a D.I. atuando ao Norte do ORNAIN, lançará incontinentre para Noroeste, NW, os primeiros elementos de que possa dispôr, tendo em vista:

1.º) — Sustentar e apoiar a frente, ocupando desde da manhã de oito, as alturas a W., (oeste) de HARGEVILLE SUR CHÉE e N. (Norte) de FAINS.

2.º) — No minimo, assegurar o desembocar da 13.^a D.I. ao NW (Noroeste) do corrego NAVETON — desembocar que se deverá efetuar no minimo a partir de oito, manhã já alta — mantendo a todo o custo as garupas a Noroeste e a Oeste de VAVINCOURT assim como as saídas S. da floresta de MASSONGE.

Á 14.^a D.I. incumbe uma missão análoga ao Sul do ORNAIN».

Como se vê são instruções bem claras e precisas.

O Gal. Cmt. da 13.^a D.I. se faz acompanhar do Gal. Cmt. da I.D. quando seguiu para LIGNY EN BARROIS? É pouco provável. Este ultimo permanece em GUERPONT, onde certamente continuará. Ordens não tardarão a serem expedidas, pensará. Espera, e com o auxilio da imaginação, tenta levantar o véo que cobre os proximos acontecimentos. Já possue algumas informações. Locha, talvez, na carta e de modo aproximado a frente. Estuda nas grandes linhas o terreno que o separa desta frente. A tarefa lhe será especialmente facilitada, quando a noite, bruscamente, estiver deante de uma decisão a tomar. Dá prova de atividade intelectual. Faz suposições. A essas ajunta previsões. Talvez nada se passe. Tanto melhor. No entanto agindo assim terá atuado como chefe. É o minimo que se lhe pode exigir.

O Gen. Cmt. da 13.^a D.I. está em LIGNY EN BARROIS onde toma conhecimento que os elementos disponíveis da 13.^a D.I. deverão se movimentar no mínimo de tempo. Qual a reação imediata? Decide prevenir todos os interessados com urgencia, isto é, aos componentes do destacamento que será posto sob as ordens do Gen. Cmt. da I.D., para estarem prontos a deixarem os acantonamentos a partir das 20 horas, já jantados. Telefonicamente pede ao chefe do estado maior, em GUERPONT, para transmitir esta ordem. Não podendo se ligar pelo telefone, envia um agente de transmissão. É necessário que essa ordem de alerta alcance a todos, e o mais rapido que se possa.

Porque o comandante da 13.^a D.I. prescreve se estar em condições de se poder marchar após 20 horas e não antes? porque no tema nada permite supor que todas as unidades interessadas tenham atingido o acantonamento e aí se instalado antes das 20 horas. Contudo, ás 20 horas estarão certamente neles. Pode-se, consequentemente, se impôr que estejam prontas para partir. Porque não escolher uma hora mais tardia? Para respeitar as ordens do Gen. Cmt. que prescreve lançar, sem a menor demora, para Noroeste, os primeiros de que disponha.

Não será preciso se apressar, si se quer ocupar, desde o dia oito pela manhã, as alturas de HARGEVILLE SUR CHEE e Norte de Fains? e consolidar a frente ameaçada? qualquer retardo, não imposto pelas circunstâncias de um modo absoluto, será inadmissível.

Falta agora saber qual a hora em que os diferentes elementos da Divisão receberão a ordem de alerta? Estando o P.C. da Divisão, já ligado telefonicamente com esses elementos, a transmissão seria por assim dizer, instantânea. Certamente, não será este o caso. Assim sendo, vão os agentes de transmissão percorrer as estradas ao encontro das unidades, quer nos acantonamentos, quer nos caminhos que aí condussem as ainda não os tendo alcançado, quer talvez mesmo, nas gares onde certos elementos terminam as operações de desembarque. No entanto, com os meios rápidos de transmissão de que se dispõe, é verosímil que todos os destinata-

rios tenham recebido cerca de 18h.30', a ordem de alerta, e que cada um deles possa tomar as disposições aí requeridas, e em condições de as executar.

**

Após ter recebido as instruções verbais do Gen. Cmt. do Corpo de Exercito o Gen Cmt. da 13.^a D.I. volta de LIGNY EN BARROIS, em automovel, e regressa ao P.C. em GUERPONT. Apenas, aí chegado, convoca o Cmt. da I.D. 13 e lhe comunicará a decisão expressa na ordem particular n.^o 21. Observando-se rigorosamente o escrito nesta ordem, que tem a data e hora de 7 de Setembro ás 18h.30', se verificará só poder ser entregue ao destinatário entre 18h.45' e 19 horas.

Pode-se admitir que o Gen. Cmt. da Divisão, tenha tomado uma decisão e assinado a ordem particular n.^o 21, sem trocar idéias verbalmente com o chefe encarregado de cumprir a missão, a si confiada pelo comandante do Corpo de Exercito? será isto viável? É pouco provável. Juntos examinariam o problema, encarando as soluções possíveis. Desta forma, é presumível, que cerca das 18 horas, o Gen. Cmt. da I.D., já conhecesse o essencial da missão. Isto lhe permitiria ganhar um tempo precioso. Quando as 19 horas, recebe a ordem particular n.^o 21, já orientado sobre o que deve fazer, estará em condições de por sua vez, tomar uma decisão, rapidamente, e a comunicar sem perda de tempo, aos elementos colocados sob suas ordens.

**

Antes de se estudar o horário das operações a se desenrolar, se meditará com o Gen. Cmt. da I.D. sobre a ordem recebida. Busca-se uma solução ao problema tático proposto.

Qual a missão a cumprir? É encontrada perfeitamente definida na ordem. Não ha logar para a menor ambiguidade:

«O destacamento as ordens do Gen. Cmt. da I.D. deve se lançar, na noite de 7 para 8 de Setembro, em direção de NAIVES DEVANT BAR — BOSQUE DO CHENE (um quilometro ao Norte de CHARDOGNE), afim de re-

tardar e embaraçar o avanço e a pressão inimiga na direção de BAR LE DUC, e, preparar a entrada em linha da Divisão.

Missão do Destacamento:

A) — Apoiar e sustentar a resistência dos elementos atualmente empenhados na frente GÉNICOURT SOUS CONDÉ — BUSSY LA COTE ocupando as alturas a Oeste de HARGEVILLE SUR CHÉE (em ligação com os elementos que a direita mantém GÉNICOURT SOUS CONDÉ) e as alturas situadas entre CHARDOGNE e VARNEY (em ligação a esquerda com os elementos que têm ordem de ocupar VARNEY, da 14.^a D.I.).

B) — No caso em que o inimigo, intensificando os esforços a oito, rompa desde cedo, a resistência dos elementos em linha, antes que o destacamento possa atingir os pontos acima indicados, este se instalará defensivamente nas alturas 1.000 metros a Oeste e Noroeste de VAVINCOURT, e nas garupas Oeste e Noroeste de BEHONNE, de modo a cobrir o desembocar do grosso da Divisão ao Noroeste do correio NAVETON; desembocar que deverá começar no mínimo, a partir de oito, manhã já alta.

— Nos dois casos, o esforço principal de resistência entre o regato de HARGEVILLE SUR CHÉE e a zona coberta de bosques (bosque do CHENE e de MASSONGE).

Eis a meta a ser atingida. Que idéa de manobra adotar? Primeira questão que formulará o Gen. Cmt. da I D. Para a responder analisará os fatores, sempre os mesmos, que intervêm na elaboração da idéia de manobra: a missão recebida, as informações sobre o inimigo, o terreno e finalmente os meios possíveis a disposição.

Será preciso se recordar a situação geral? Inutil. Já é conhecido. É instável; chega a ser crítica. Resalta isto bem notido da própria missão a cumprir.

A missão:

Trata-se antes do mais, de se ficar em estado de sustentar e consolidar, o mais rápido possível, uma resistência que ameaça ceder, numa frente de tal modo distendida que uma brecha está

prestes a se abrir. Necessário se torna não se perder tempo algum, afim de se ir dada a mão aos elementos atualmente empenhados na frente GÉNICOURT SOUS CONDÉ — BUSSY LA COTE. De que modo? Não se lançando imediatamente ao encontro de unidades que, para mais de quarenta horas, combatem a pé firme, sem desesperar, estando naturalmente em uma desordem e que um reforço direto arriscava mais aturdir do que dar alento. Ocupando, atrás dessas unidades e o mais próximo delas, uma frente tão solida quanto possível, e na qual talvez não se consiga quebrar completamente a força agressiva do adversário, mas, onde se o desnorteará de forma a então dar ao comando vermelho o tempo bastante para deter a ameaça e lançar a replica.

Tal frente não tem a escolher o Gen. Cmt. da I D. — lhe é imposta: «Alturas a Oeste de HARGEVILLE SUR CHÉE e alturas situadas entre CHARDOGNE e VARNEY».

Existe pois urgencia em se alcançar estas alturas, nas quais julga o comando se estar em condições de se escorar e reforçar a resistência dos elementos empenhados.

Serão atingidas em tempo útil? No caso do adversário intensificar o esforço, e acentuar o sucesso, não dando tempo para ser colimada a linha prefixada? que faria o destacamento?

Assegurar ao grosso da Divisão o desembocar ao Noroeste do correio VAVETON, se instalando defensivamente nas alturas a 1.000 metros a Oeste e Noroeste de VAVINCOURT e das garupas Oeste e Noroeste de BEHONNE. Instalar-se defensivamente de modo a impedir que o inimigo avance pelo menos durante o tempo necessário ao desembocar do grosso da Divisão, o que se dará, no mínimo, a oito de Setembro, cerca do meio dia.

Eis a missão. De enunciado simples. Será fácil cumpri-la? Depende de um certo numero de fatores, cujo fator inimigo não é o menor. Quais as informações que se possue dele?

As que comunica o comandante da Divisão quando expede a ordem de 18 horas e 30.

O adversário vitorioso, atingiu a linha GÉNICOURT SOUS CONDÉ —

MOGNÉVILLE. Estas informações, são entretanto, velhas de algumas horas. A situação não se terá modificado na ultima parte da tarde? O inimigo não acentuou o avanço e abriu brecha na frente que lhe opõe os elementos vermelhos, e já tensa, como uma corda de violão prestes a estourar?

Os acontecimentos podem se precipitar. Não obstante na hora de se receber a ordem n.º 21 pouco falta para ser noite. O sol se põe ás 19h.15' e são pouco mais de 18h.30'. Admitindo-se que tudo tenha corrido pelo melhor para os azuis, supondo-se mesmo que tenham conseguido abrir brecha, que poderão fazer, uma vez que é noite? Explorar, perseguir? A ocasião não é mais propicia. Necessario se torna esperar pela manhã. Dispondo de alguns elementos motorizados, talvez possa o adversario, tentar lança-los pelos itinerarios principais, aliás, com algumas precauções, afim de verificar a ocupação de determinadas localidades e se apossar de pontos especiaes e de peculiar interesse. Esse elementos não abandonarão as estradas. Seria surpreendente que tentassem agir longe, correndo o risco de verem o caminho de regresso interceptado. O sucesso autoriza a audacia; não deve impedir que sejam tomadas precauções.

Estando a situação desvantajosamente modificada os vermelhos se arriscam a encontrar nas estradas alguns elementos audazes; não só nas vias de penetração (Estrada real LAUMONT — BAR LE DUC e GÉNICOURT SOUS CONDÉ — VAVINCOURT — NAIVES DEVANT BAR) como tambem nas principais roadas tais como a estrada de VARNEY — HARGEVILLE SUR CHÉE e de VARNEY — CHARDOGNE — VAVINCOURT. É um perigo possivel do qual será preciso se defender e em primeiro logar se informar.

Antes do mais na proximidade da partida, procurar, ou provocar as ultimas informações recebidas pelo autoridade superior. Em seguida, não perder tempo e ir busca-las diretamente na propria fonte, junto aos que combatem em primeiro escalão.

Como se apresenta o terreno em que vai agir o Destacamento do Gen. Cmt.

da I D.? Manifesta-se com o aspetto geral dos planaltos do BARROIS, meio desnudos, meio cobertos. Partindo da região LAYSEY, GÉRY, onde se acham as alturas de 337 e 368 metros, se estende abaixando ligeiramente para Noroeste. CHARDOGNE está a 237 metros de altura. Alinha das partes altas do terreno é balisada pelo eixo: 313 (um quilometro ao Norte de NIVES DEVANT BAR), 281 (1.300 metros a Oeste de VAVINCOURT), 290 (1.400 metros a Sudoeste de HARGEVILLE SUR CHÉE), 251 (um quilometro a Sudoeste de GÉNICOURT SOUS CONDÉ).

Os planaltos são limitados por vales bem profundos, cuja diversidade de orientação dá ao terreno o aspetto de um tabuleiro de xadrez irregular. O NAVETON surge como o corte mais importante. Já se conhece o interesse que lhe dá o comando vermelho.

Como em todo o BARROIS, as zonas de matas são numerosas e em geral de percurso dificil. A mais importante, a floresta de MASSONGE, prolongada a Sudeste pelo bosque do BAR, apresenta vantagens de marca para a defesa. Impedir-lhe o desbordamento e barrar as saídas Sul, eis o que permitirá ganhar, todo o tempo de que se possa necessitar.

Não se poderá desprezar o fundo do ORNAIN, que limita a Sudoeste a zona de ação do destacamento e que é trilhado pela estrada real e o canal do MARNE ao RENO. Corredor estreito por onde não parece ser provavel puderem se imiscuir as forças principais do inimigo. Não facilitará, no entanto, a ação dos elementos ligeiros tentando realizar pelo Sudoeste o desbordamento do massiço florestal MASSONGE — BAR para alcançar BAR LE DUC e o vale do NAVETON?

Finalmente, convem, no que concerne ao estudo do terreno, assinalar um ultimo ponto cuja importancia é capital, quando se encara a possibilidade de se conduzir rapidamente as operações: a facilidade das comunicações. As estradas otimas são numerosas e sulcam o terreno em todas as direções. Um exame rapido da carta basta para fazer ver o interesse. A se acrescentar que fóra das estradas e com o tempo seco, os planaltos de piso pedregoso são de per-

curso muito facil, onde não hajam bosques.

Este rapido exame do terreno permite se verificar as rasões por que o Gen. Cmt. da 13.^a Divisão prescreve ao Gen. Cmt. da I D., num caso ocupar as alturas a Oeste de HARGEVILLE SUR CHÉE e as alturas entre CHARDOGNE e VARNEY; noutro caso se instalar defensivamente nas alturas a 1.000 metros a Oeste e Noroeste de VAVINCOURT e nas garupas a Oeste e Noroeste de BEHONNE; a rasão pela qual convirá se fazer, em ambas as hipóteses, o esforço principal de resistencia entre o corrego de HARGEVILLE SUR CHÉE e a zona de mata: bosque do CHENE e floresta de MASSONGE.

Para cumprir uma das missões citadas, quais são os meios postos a disposição do Gen. Cmt. da I D.?

- o Grupo de reconhecimento divisionario.
- o 13.^o R.I. (menos o III Btl.).
- o I Btl./13.^o R.I..
- o I G./13.^o R.A.C..

Nenhuma informação sobre o que concerne ao estado fisico e moral dessas tropas. Portanto sob esses dois aspéitos as unidades da 13.^a Divisão estão em perfeitas condições. Poder-se-á desta forma lhe pedir o esforço que a situação exige.

A composição do destacamento é caracterizada pelo seguinte: nenhum dos elementos têm a mesma andadura do outro. Uns são mais rápidos que outros. Todos têm capacidade de combate diversas. Ao comando de tirar proveito de cada um deles conforme estiverem dotados. Que poderá pedir o Gen. Cmt. da I D. ao grupo de reconhecimento divisionario posto a sua disposição?

Caso o empregasse de dia: determinar si a zona do destacamento está desempenhada de inimigo, reconhecer, se lançar ao encontro do adversario, e sendo preciso demarcar uma frente, prestes a deter um inimigo ameaçador, ou pelo menos lhe retardar o avanço.

A noite: reconhecer se tal ou tal outra localidade está ocupada pelo inimigo, aí se instalar e lhe prover a defesa; ocupar determinados cruzamentos importantes; barrar certos itinerarios.

Emfim, quer de dia, quer de noite, ir rapidamente a procura de informa-

ções junto as tropas ainda em contacto, e as transmitir no menor tempo.

É neste quadro que o Gen. Cmt. da I D. escolherá como quer empregar o grupo de reconhecimento.

Os meios em artilharia são em extremo escassos; um Grupo de artilharia de 75.

Não lhe é pois difícil apreciar as possibilidades. Convirá, antes do mais, buscar a ação direta, as intervenções a vista, e, bem entendido, a aplicar, em primeiro plano, em proveito da ação principal.

Quanto a infantaria, basta notar que, sem dispôr de um regimento completo, o comandante do destacamento tem a sua disposição o equivalente de um regimento, compreendida a companhia de engenhos (a do 13.^o R.I.).

**

A missão do destacamento sendo conhecida, os diferentes fatores para se tomar uma decisão estudados, é agora possível determinar quais as prováveis intenções do Gen. Cmt. da I D., para atingir o objetivo fixado: qual lhe será a *idéa de manobra*.

Entretanto, antes de definir esta idéa convém ainda mais esmiuçar os dados do problema.

O comandante do destacamento terá a liberdade de efetuar, quando fôr do seu agrado, o movimento que lhe é prescrito? Não existirá um limite no tempo, do mesmo modo que no espaço lhe precisaram uma zona de ação?

No tempo como no espaço existem limites preciosos. É na noite de sete para oito de Setembro que deverá se lançar na direção de NAIVES DEVANT BAR — bosque do CHENE (paragrafo II da ordem particular n.^o 21) Esta ordem é pois executoria na noite em começo. Dada a hora em que foi recebida, o movimento só pode ter inicio em noite fechada. No entanto, o Cmt. da I D. 13 não tem direito de esperar pela manhã de oito para pôr em marcha o destacamento. Agindo dessa forma iria contrariar as instruções recebidas. Admitindo-se mesmo que tivesse inteira liberdade para agir como entendesse, e se tomasse a decisão de retardar a partida até o clarear de oito, incorreria o grave risco de não poder ordenar as medidas urgentes que a situação exigissem.

Urge se apressar: o tempo vôa.

Nessas condições a que horas fixar a partida do destacamento?

Foi admitido no princípio dessa discussão, que o comandante do destacamento estava em posse da ordem particular n.º 21 entre 18h.30' e 18h.45', e que, já ao par da missão, de que era incumbido, podia muito rapidamente elaborar uma decisão.

Articula consigo mesmo uma primeira questão: sendo dada a composição do destacamento, o deslocará em um só bloco ou em porções constituidas? Utilizará, por exemplo, as características próprias ao grupo de reconhecimento divisionário?

A situação lhe servirá de guia. Certamente, se o destacamento devesse progredir de dia, se bem que a abrigo de tropas ainda presunvidas em contacto, era preciso se tomar medidas especiais e agir com prudência. A velocidade do movimento ficaria, bem entendido, em primeiro plano. Contudo, se adotaria, prudentemente, o que se convencionou chamar «marcha do papagaio»: o grosso do destacamento se lançaria de transversal do terreno a transversal, marchando sempre em guarda: os lances da Vanguarda seriam função do grosso, bem se vê.

Entretanto o movimento se efetua a noite. Devido a situação crítica e a distância a percorrer para se ficar em condições de escorar e consolidar, na forma prescrita, a resistência dos elementos atualmente empenhados na frente GENICOURT SOUS CONDÉ — BUS-SY LA COTE, e, devido que a noite se tem menos a temer o inimigo, o fator *velocidade* prima a todos os demais. É preciso fazê-la render.

As informações segundo as quais trabalha o comandante do destacamento e o guiam na decisão, que se apresta a esposar, já datam de algumas horas. São ainda exatas? A situação não terá evoluído? Esta ultima eventualidade se realisando, existem as maiores probabilidades para que seja para peior. Deste modo a necessidade se impõe para o Gen Cmt. da I D., de procurar controlar e precisar com maxima urgencia as informações que lhe foram fornecidas.

Para tanto, possue os meios; — desde que utilise os mais rápidos elementos

do grupo de reconhecimento divisionário: — o pelotão de auto-metralhadoras.

Existindo a necessidade de controlar e precisar as informações, também a urgencia não fica atras. Não é preciso que o comandante do destacamento saiba em quais condições à noite lhe favorecerá o cumprir a tarefa? quer informações precisas. Daí remeter ao órgão de busca, uma especie de plano de informações, cuja realização prescreverá.

O que precisa saber?

— Terá o adversário continuado o avanço? Caso contrario, qual a situação dos elementos em contacto?

— Na hipótese dos azues ganharem terreno, onde se encontra a primeira linha amiga? Existe ainda uma frente continua?

Essas informações podem exercer influencia sobre a decisão, mesmo se já tiver sido tomada. É necessário que as obtenha o mais rápido possível.

Não paga a pena dizer, que se realizando a primeira hipótese (situação inalterada), o comando do destacamento só terá uma preocupação: atingir no menor tempo as alturas a Oeste de HARGEVILLE SUR CHÉE as alturas situadas entre CHARDOGNE e VARNEY: portanto: *velocidade*. Ao contrario, o inimigo acentuando o avanço, a prudência é indispensável: não se cogita mais de correr inconsideradamente na direção de HARGEVILLE SUR CHÉE e de CHARDOGNE: é preciso se saber até onde será viável se ir. Desaparecerá então, por completo a idea de velocidade? Não, porque, acometeça o que fôr se impõe pelo menos realizar o mínimo determinado na missão: «assegurar o desembocar do grosso da Divisão ao Noroeste do correlo do «Naveton». Portanto atingir ao menos as alturas a 1.000 metros a Oeste e Noroeste de VAVINCOURT e as garupas a Oeste e Noroeste de BEHONNE, para nelas se instalar defensivamente. Sob qualquer aspeto em que se examina o problema, se chega a mesma conclusão: necessidade de partir o mais cedo possível e não se perder tempo, aliás muito precioso.

O comandante do destacamento decide portanto confiar ao pelotão de auto-metralhadoras a procura das informações. Esta é a utilização prevista pelos

regulamentos? Evidentemente não. As circunstâncias entretanto, o obrigam a tanto. Em todo o caso só empregará um meio pelotão isto é, duas viaturas. Poder-se-ia reduzir a menos? Não, o regulamento não autoriza o emprego, e com toda razão, de viatura isolada. Este elemento de reconhecimento será lançado na direção de GÉNICOURT SOUS CONDÉ seguindo oitinerario NAIVES DEVANT BAR — VAVINCOURT — HARGEVILLE SUR CHÉE. Tendo tomado o contacto em Génicourt SOUS CONDÉ, regressará pelo itinreario HARGEVILLE SUR CHÉE — CHARDOGNE — estrada real passando em BAR LE DUC e atingirá NAIVES DEVANT BAR, onde se reencontrará com o Gen. Cmt. da I D.

Não vale a pena notar que simultaneamente ao percorrer a rocade HARGEVILLE SUR CHÉE — CHARDOGNE — VARNEY, o pelotão procederá a sondagens na direção da frente ocupada. Que tempo necessitará para se desempenhar de tal incumbência? A distância a percorrer é de ordem de 45 kms.. Admitindo a noite, uma velocidade horaria de 15 kms. hora, é pois necessário uma demora de três horas. Convém acrescentar uma hora para a obtenção das informações. Deste modo, só quatro horas após a partida do meio pelotão de auto metralhadoras, poderá estar o comandante do destacamento de posse das precisões, que lhe são indispensáveis. Taes informações a lhe serem fornecidas, serão certamente validas em conjunto, até o despertar da aurora do dia oito de Setembro.

No caso de haver uma mudança da situação, um novo avanço do inimigo, o elemento de reconhecimento devia precisar a linha ocupada, procurar as informações nas condições indicadas no plano de informações, que lhe fora entregue. Não podendo alcançar GÉNICOURT SOUS CONDÉ, atingira HARGEVILLE SUR CHÉE e se rebaterá para CHARDOGNE. Caso HARGEVILLE SUR CHÉE estiver ocupada pelo inimigo, passará por SARNEY tentando se informar da situação na região de CHARDOGNE. Qual seja o ponto que possa atingir, disporá certamente de uma rocade que lhe permitirá percorrer a zona de ação em toda a largura, e re-

colher informações sobre o conjunto da trente.

Deslocando-se a partir das 20 horas o meio pelotão de auto-metralhadoras só nas proximidades de meia noite entrará o comandante do destacamento, chegando em pessoa a NAIVES DEVANT BAR, na posse das informações que lhe permitirão tomar uma decisão definitiva, em face da missão a cumprir. Haverá impossibilidade em se fazer partir este escalão de reconhecimento ás vinte horas? Poder-se-á o acionar mais cedo? A questão será discutida mais abaixo.

**

Como já foi dito, o destacamento posto sob as ordens do Gen. Cmt. da I D. se compõe de elementos de andadura diversa. Um deles é mais rapido e mais móvel que os dois outros: o Grupo de reconhecimento divisionario. O comandante do destacamento terá interesse em lhe aproveitar a velocidade e mobilidade? O lançará para a frente isolado, e com que fim? Novas questões a resolver.

Para as responder, convém, como sempre, se referir a missão recebida, e não perder de vista a situação, da qual nunca se poderá bem resaltar, o caráter de instabilidade.

Afim de controlar e precisar as informações já conhecidas e as completar, um primeiro elemento de reconhecimento será lançado na direção de HARGEVILLE SUR CHÉE — GÉNICOURT SOUS CONDÉ. Será suficiente, na presente situação, quando, em fim de jornada, o inimigo já poderá ter rompido uma brecha na frente vermelha, e prosseguido o avanço? Será bastante para realizar a segurança do destacamento que, procedendo necessariamente a marcha por lances, em primeiro lugar deverá ficar em condições de permitir o desembocar do grosso da 13.^a D.I. a Noroeste do NAVETON? e, em seguida, se ainda for tempo, ir escorar, sustentar e consolidar a resistência dos elementos vermelhos em contacto? O que se deverá temer durante a noite, se, em fim de jornada, o sucesso coroou o esforço dos azuis? Talvez algumas incursões de engenhos motorizados nas vias de penetração, afim de se apossar rapidamente de algumas localidades ou nós de estradas peculiarmente importan-

tes, e lhes manter a posse até a manhã. O elemento de autos metralhadoras lançado para a frente fará saber se HARGEVILLE SUR CHÉE, CHARDOGNE, etc., estarão ocupadas. Mas, não poderá manter a posse dessas localidades: só tratará, e, em parte da segurança do chefe. No entanto, é necessário para que esta segurança seja completa durante toda a noite, se ser senhor, por exemplo dessas duas localidades e das encruzilhadas circundantes, desde que se as tenha atingido antes do adversário.

Esta missão poderá ser confiada ao Grupo de reconhecimento divisionário, sem a menor dúvida. Tirando proveito da velocidade própria, sem mesmo esperar qualquer outra informação, e quanto antes, será posto em marcha. Que se lhe pedirá? Ocupar o cruzamento de HARGEVILLE SUR CHÉE e manter CHARDOGNE, bem como a bifurcação a 1.000 metros ao Norte de VENISE e a da cota 201 (1.000) metros a Leste de BUSSY LA COTE, no caso da situação não se ter alterado, ou o inimigo não ter ainda atingido tais pontos.

Para executar esta missão será necessário se cindir o Grupo de reconhecimento divisionário em duas frações, pois HARGEVILLE SUR CHÉE e CHARDOGNE estão distantes uma da outra de cerca de cinco quilometros. Ora, não precisa o regulamento que o Grupo de reconhecimento não deverá ser repartido, por se lhe redusir em fortes proporções a força combativa? Mas, diz, *em princípio*.

Ora, importa em primeira urgência a posse dos pontos acima indicados. Dispuzesse o comandante do destacamento, de alguns meios de transporte automóveis, lhe seria fácil lançar rapidamente um elemento de infantaria, quer sobre HARGEVILLE SUR CHÉE, quer sobre CHARDOGNE. A questão seria facilmente resolvida. Entretanto, não posse esses meios, cuja necessidade todos os dias se faz sentir. Só dispõe do Grupo de reconhecimento. Deverá, pois, dividi-lo em duas partes, se esforçando, entretanto, em lhe redusir, ao mínimo a força combativa.

Sendo dado que o destacamento deve realizar o esforço principal entre o corregido de HARGEVILLE SUR CHÉE, e

a zona florestal bosque do CHENE, floresta de MASSONGE, parece lógico, que a mais importante fração do Grupo de reconhecimento agisse nesta parte da zona de ação. Mas, este esforço principal, visa sómente o esforço da jornada de oito. Ora, a missão confiada ao Grupo de reconhecimento é especial e momentânea. Terminará com toda a verosimilhança, com o despontar do dia. Deste modo parece que um pelotão a cavalo bastará, folgadamente, para manter a encruzilhada de HARGEVILLE SUR CHÉE, e, assegurar ao mesmo tempo a ligação com a Divisão vizinha em GENICOURT SOUS CONDÉ. O grosso do Grupo de reconhecimento será lançado sobre CHARDOGNE, para manter os pontos já indicados, e se pôr em ligação com a 14.^a Divisão, na ponte de VARNEY.

Quais itinerários seguirão as duas frações do grupo de reconhecimento, para se dirigirem aos pontos fixados? A escolha é simples, se tratando de HARGEVILLE SUR CHÉE: estrada NAIVES DEVANT BAR — VAVINCOURT. Não é a mesma coisa para CHARDOGNE. Existem vários itinerários. Ser-se-á obrigado a escolher o mais curto, se considerando que o deslocamento se efetua de noite? Tratando-se de ir só a CHARDOGNE, era fácil se decidir. A escolha se faria pelo itinerário mais rápido. No entanto, enquanto que o elemento de reconhecimento lançado na direção de GÉNICOURT SOUS CONDÉ e a regressar por CHARDOGNE e FAINS, não fornecer as informações desejadas é preciso se tomar precauções, se pôr em guarda, se desconfiar do adversário, que tendo rompido a frente, tentasse algumas incursões, no vale do ORNAIN, ver o que aí faz, e lhe impedir a progressão mais para adiante Rasões pelas quais o grosso do Grupo de reconhecimento divisionário poderia utilizar o itinerário: quarteirão de COUCHOT (BAR LE DUC) — vidraçaria ao Norte de FFAINS — VENISE — CHARDOGNE.

Havendo encontro com o inimigo, quer no eixo VAVINCOURT — HARGEVILLE SUR CHÉE, quer no vale do ORNAIN, o contacto deverá ser mantido com o inimigo onde se der.

Não convirá igualmente encarar o caso em que o adversário lançasse uma

ponta pelo EIXO CHARDOGNE — VAVINCOURT, passando pela bifurcação de SARNEY e atingisse sem dar um tiro VAVINCOURT? (o pelotão a cavalo se dirigindo para HARGEVILLE SUR CHÉE, já tendo ultrapassado SARNEY)? Nunca se tomará precauções de mais, e, prescrevendo ao Grupo de reconhecimento fazer um pelotão seguir o itinerario NAIVES DEVANT BAR — VAVINCOURT — SARNEY — CHARDOGNE se fará face a um possivel perigo. Este pelotão se reunirá ao grupo na região de CHARDOGNE, onde chegará, sem duvida, simultaneamente.

Tal é a tarefa que o Gen. Cmt. da I. D. decide dar ao grupo de reconhecimento divisionario. Falta determinar agora, em quaeas condições lhe transmitirá as ordens, o momento desejado para o inicio do movimento. Já foi admitido que a ordem de alerta dirigida a todos os elementos entrando na composição do destacamento, os prevenirá para se encontrarem prontos para marchar a partir de 20 horas. O comando do grupo de reconhecimento receberá a tempo a ordem particular enviada pelo comandante do destacamento, lhe confiando a missão que acaba de ser exposta acima? poderá dar as ordens consequentes antes das 20 horas?

Quando recebe a ordem particular n.º 21, o comandante do destacamento já está ao corrente do que lhe é pedido, e refletio sobre a forma de resolver o problema que lhe é proposto. Pode-se pois contar que, sem perda de tempo, tomará a decisão concernente ao emprego do grupo de reconhecimento divisionario, e fará redigir a ordem que lhe é destinada. O motociclista, encarregado de a transmitir, deixará o P.C. de GUERPONT no maximo ás 19 hs. 15'. Um quarto de hora depois estará em RESSON, onde estaciona o grupo, seja 19h.30'. (distancia a percorrer: cerca de oito quilometros).

Trinta minutos para ler as instruções recebidas, refletir, e por seu turno dar ordens (bem entendido, ordens quasi todas verbaes) eis o tempo necessario ao comandante do Grupo de reconhecimento divisionario, habituado a desembaraçadamente tomar decisões e a agir com grande rapidez. A tropa está pronta. Por consequencia parece que, sem maio-

res dificuldades o movimento possa se executar as 20 horas. O meio pelotão de auto metralhadoras, incumbido do reconhecimento na direção de GÉNICOURT SOUS CONDÉ partirá na testa. Sendo prevenido em primeiro lugar, talvez se adianta de alguns minutos, e se pôr em marcha para HARGEVILLE SUR CHÉE entre 19h.45' e 20 horas.

Não é preciso notar que antes do despontar do dia, o grupo de reconhecimento divisionario deverá receber novas ordens, no que concerne a missão a desempenhar na manhã de oito de Setembro.

**

O Gen. Cmt. da I. D. decidiu pois articular o destacamento em duas frações. A primeira constituida pelo elemento mais rapido, e cujo o emprego já é conhecido. A segunda compreenderá a Infantaria e a Artilharia. Este segundo escalão, o mais importante, progredirá sob a proteção da fração mais rapida, provida da missão que se acabou de estudar.

Como vai o comandante do destacamento regular a progressão da infantaria e da artilharia? Para guialo na decisão a elaborar: sempre a missão. Do exame da missão, resalta claramente que a segunda fração deverá atingir o mais rapidamente possível, em um primeiro lance as alturas a Oeste e a Noroeste do correlo do NAVETON, para em seguida se dirigir para as alturas a Oeste de HARGEVILLE SUR CHÉE e as entre CHARDOGNE e VARNEY. Aí se instalará, em condições de apoiar e sustentar os elementos atualmente empênhados.

Nenhuma dificuldade surge para a realização do primeiro lance. Os elementos rápidos não podendo, por causa do adversario, ultrapassar a transversal CHARDOGNE — HARGEVILLE SUR CHÉE, a infantaria permanecerá na linha demarcadora do primeiro lance e se instalará defensivamente nas alturas a 1.000 metros a Oeste e Noroeste de VAVINCOURT e nas garupas a Oeste e a Noroeste de BEHONNE, afim de assegurar o desembocar do grosso da 13.ª D. I., nas condições prescritas. É o minimo quanto a missão, mas que deverá se executar custe o que custar.

Seria rasoavel se esperar as informações a colher pelo elemento de autometralhadoras, para se acionar a segunda parte do destacamento? Certamente que não. O tempo voa, e o grupo de reconhecimento divisionario assegura uma cobertura satisfatoria a distancia.

Convém formar uma unica coluna? Para responder logicamente, basta se examinar onde se acham as zonas de alturas que o comando prescreveu ocupar, quer no primeiro caso, quer no segundo.

Portanto duas colunas. Os itinerarios não faltam. Qual será a coluna mais importante? Onde se deverá ser mais forte? O comandante do destacamento está atado pela missão e instruções recebidas. É entre o corrego de HARGEVILLE SUR CHÉE e a floresta de MASSONGE que se exercerá o esforço principal de resistencia. É pois nesta parte da zona de ação que importa se desenvolver o maximo de forças.

Existe, entretanto, um minimo a colocar na parte Oeste da zona de ação onde se precisará poder sustentar e apoiar a resistencia dos elementos empenhados, ou ocupando as alturas entre CHARDOGNE e VARNEY, ou no caso da impossibilidade de se atingir estes pontos, se instalar deffensivamente nas garupas a Oeste e Noroeste de BEONNE.

Tal missão merece no minimo um batalhão de infantaria. Será normal a confiar ao I Btl./113.^º R.I., reservando para a missão principal os dois batalhões do 13.^º R.I., sob as ordens do proprio coronel, dispondo igualmente da companhia de Engenhos.

Duas colunas. Dar-se-á uma fração de artilharia a cada uma delas, quando só existe um Grupo de 75? Considerando a largura da zona de ação, inutil se apreciar a solução consistente em se fazer intervir o Grupo de artilharia ao sabor das circunstancias ou necessidades, em proveito de uma ou outra coluna. Marchando o grupo com a do Norte, lhe será impossivel atuar em beneficio da do Sul, e vice versa.

Ora, não ha duvida, que os fogos de artilharia são mais necessarios na região de HARGEVILLE SUR CHÉE, se for alcançada, ou na de VAVINCOURT, se aí se tornar precisa a instalação defensiva. Em suma, na zona do esforço prin-

cipal. Não se tem o direito de pensar de forma diversa, e com a coluna Norte marchará o Grupo de artilharia. No entanto a tarefa do batalhão do 113.^º R.I. parece ser ardua. O batalhão está completo. Compreende pois, tres companhias de fusileiros e uma companhia de metralhadoras (16 peças) Caso encontre engenhos blindados, como se defenderá? Não poderá se contentar em os deixar passar incolumes. Desta forma se concebe dota-lo com uma seção de artilharia de acompanhamento imediato, lhe permitindo travar luta com os elementos motorizados inimigos, si for o caso.

Em que condições se exercerá o comando de cada coluna? nenhuma hesitação. O comando da coluna Norte será confiado ao Coronel comandante do 13.^º R.I. e o da coluna Sul ao comandante do I Btl./113.^º R.I. O Gen. Cmt, da I. D., assumirá a direção do conjunto do destacamento.

Ainda não se cogitou dos itinerarios a trilhar pelas duas colunas. Não resta a menor duvida, a situação é instavel. As informações que busca o meio pelo tão de auto metralhadoras, não chegarão antes de meia noite. Entretanto a prudencia exigirá á infantaria, desde do inicio, uma formação articulada em largura, caminhando lenta e penosamente atravez dos campos quando ainda é noite? Não já se encontrará bastante convencido da necessidade de andar de pressa? O que, aliás, não implica em agir inconsideradamente. Cada coluna seguirá portanto o itinerario mais facil, utilizará as boas estradas, tanto quanto possivel. Bem entendido, marchará em guarda, precedida a pequena distancia por uma ligeira Vanguarda a quem lhe incumberá realizar a cobertura imediata.

É deste modo que se poderá imaginar a coluna do Sul precedida, por exemplo de uma meia companhia de fusileiros, e a coluna do Norte por uma companhia com um canhão de 37 mm.

Os itinerarios a utilizar são faceis agora de determinar. É primeiramente preciso se atingir a região de VAVINCOURT e de BEHONNE, termino do primeiro lance, que se tratará de poder manter, e de onde não se partirá, sem se ter a certesa de ser provavel alcançar

as alturas de HARGEVILLE e de CHARDOGNE. Consequentemente:

Objetivo da coluna Sul: BEHONNE.

Itinerario: RESSON — NAIVES DEVANT BAR — estrada de BAR LE DUC até a bifurcação a dois quilometros a Sudoeste de NAIVES DEVANT BAR — BEHONNE.

Objetivo da coluna Norte: VAVINCOURT.

Itinerario: CULEY — RESSON — NAIVES DEVANT BAR.

A que horas estará terminado o primeiro lance, e se tudo corre bem qual a duração da parada aí realizada? A resposta será facil quando determinada a hora de inicio do movimento de cada coluna.

A ordem particular ao grupo de reconhecimento divisionario, foi enviada do P.C. de GUERPONT as 19h.15'. Fazendo a hipótese de tudo andar pelo melhor, a ordem relativa ao movimento das duas colunas, e, tão curta quanto possível, visando apenas a execução do primeiro lance, não poderá ser expedida antes de 19h.30', e, só alcançará os interessados entre 19h.45' e 20 horas. Cerca de 10 quilometros separam GUERPONT de SALMAGNE, a localidade mais mais afastada, e onde está acantonada a artilharia. Admite-se que os agentes de transmissão dispõe de motocicletas, sem o que se era obrigado a dobrar o tempo de percurso.

Parece portanto ser possivel se fixar em 20h.30' a partida das colunas. Deixando uma margem de meia hora aos interessados para dar as ordens indispensaveis, o inicio do movimento se fará, salvo circunstancias expcionaes, em boas condições. Todos poderão ficar convenientemente orientados sobre as proprias missões. Não esquecer que se foi prevenido para se estar prestes a marchar a partir das 20 horas.

Nessas condições, em que momento a secção de artilharia, posta a disposição do I Btl./113º R.I. o alcançará? Está com o Grupo, e, existem onze quilometros de SALMAGNE a RESSON. A mesma questão não se articula para o Grupo do 13º R.A.C. (menos uma secção) que se desloca com a coluna Norte. Saíndo de SALMAGNE até mesmo as 20h.30', basta apressar um pouco a

marcha para rapidamente se juntar ao batalhão de cauda do 13º R.I. Quanto ao comandante do grupo, se adeantará para ir receber ordens do comandante do destacamento.

Caso a seção de artilharia posta a disposição do I Btl./113º R.I. parta de SALMAGNE com a sua Bateria, com toda certeza muito custará a se juntar com a infantaria, e ainda assim, será obrigada a dobrar a coluna dos dois batalhões do 13º R.I., cousa pouco recomendada, principalmente a noite. O que fazer para remediar tal inconveniente? Seria preciso que a secção atravessasse a vila de CULEY, antes de 20h.30'; afim de realizar a tempo esta travessia deixará SALMAGNE ás 19h.45'. Em se dirigindo a tempo uma ordem particular ao grupo de artilharia, talvez seja possível. E a secção de artilharia não se reunindo ao batalhão do 113º R.I., antes que este ultimo tenha abandonado RESSON, o comandante do batalhão, destacará para a entrada Sul do povoado, um agente de ligação que entregará as ordens necessarias a artilharia.

É facil se verificar agora em quais limites de tempo o grosso do destaque efetuaria o primeiro lance, isto é, atingirá VAVINCOUT e BEHONNE.

Começando pela coluna Sul: o I Btl. do 113º R.I. Ha todas as razões para ser o primeiro a partir, pois, estacionando em RESSON, está na testa e na direção geral de marcha. Deste modo deixará a estrada livre para a coluna Norte, que, como ele, deve transpor o NAVETON em NAIVES DEVANT BAR.

Distancia a percorrer até BEHONNE: 8 kms.

Velocidade horaria: 3 kms.

Tempo necessario: 2 horas e 45 minutos.

Saindo de Resson ás 20h.30' a coluna Sul estará portanto em BEHONNE ás 23 horas e 16 minutos.

Mesmo calculo para a coluna Norte. Distancia a percorrer até atingir SARNEY, onde o 13º R.I. enviará a Vanguarda, com o fim de manter a bifurcação na direção de CHERDOGNE e de HARGEVILLE SUR CHÉE: 12 kms..

Duração do trajeto: cerca de 4 horas.

Deste modo o conjunto do destacamento terá atingido ás 0h.30' o pri-

meiro objetivo, onde, se fôr impossivel ir além, está em condições de se instalar defensivamente, quer sobre as alturas a Oeste e Noroeste de VAVINCOUT quer nas garupas a Oeste e Noroeste de BEHONNE, afim de permitir o desembocar do grosso da 13.^a Divisão, ao Noroeste do correlo do NAVETON, no começo da jornada de 8 de Setembro.

O comandante do destacamento regulará em uma unica ordem o deslocamento do mesmo até a linha final a atingir (alturas de HARGEVILLE SUR CHÉE e de CHARDOGNE) ou, se contentará em prescrever as medidas necessarias para a execução do primeiro lance? Terá todas as informações precisas para regular o movimento de uma vez e de forma completa? Já se verificou que não, pois que se admitiu que deverá enviar elementos de reconhecimento incumbidos de irem sondar a situação exata da frente. Esperar entrar em posse do resultado desses reconhecimentos produsirá um retardo importante para o inicio do movimentar do destacamento. Ora, se a situação exige prudencia, implica igualmente em velocidade. Caso possivel, é preciso estar na manhã de 8 de Setembro, ao despontar da aurora, em condições de apoiar e sustentar a resistencia dos elementos atualmente em contato. Supondo mesmo que o comandante do destacamento tenha regulado «a priori» todo o movimento até a linha HARGEVILLE SUR CHÉE — CHARDOGNE, o que teria sido imprudente, e, aliás, retardaria a expedição da ordem, as duas colunas, efetuado o primeiro lance partirão de VAVINCOURT — BEHONNE, sem que aí façam uma parada? Só o poderiam fazer tendo informações da situação para além da floresta de MASSONGE, e no caso do grupo de reconhecimento atingir o objetivo determinado, na região de HARGEVILLE SUR CHÉE e de CHARDOGNE, será portanto preciso se esperar estar na posse de tais informações, a serem transmitidas pelo comando do destacamento, no momento em que em pessoa as tiver recebido.

Este aguardará em NAIVES DEVANT BAR as que pediu ao meio pelotão de auto metralhadoras. As possuirá nas proximidades de meia noite.

Entretanto, necessita de outras, as que prescreveu ao grupo de reconhecimento de lhe fornecer:

Primeira informação — poder-se-á efetuar o primeiro lance? pode-se ir até VAVINCOURT e BEHONNE?

Segunda informação — HARGEVILLE SUR CHÉE e CHARDOGNE estão livres ou não de inimigos?

Dentro de que tempo as alcançarão? Calculo simples se referindo ás distâncias a percorrer.

Velocidade horaria noturna do grupo de reconhecimento: 6 kms.

Saindo de RESSON ás 20 horas, a fração se dirigindo para HARGEVILLE SUR CHÉE alcançará VAVINCOURT ás 21h.30'. A fração do Sul atingirá BEHONNE mais ou menos a mesma hora. As primeiras informações poderão pois chegar cerca de 22 horas em NAIVES DEVANT BAR, onde o comandante do destacamento se encontrará as aguardando.

Estando livre a estrada, o pelotão a cavalo estará ás 22h.30' em HARGEVILLE SUR CHÉE e o grosso do grupo de reconhecimento em CHARDOGNE ás 23h.15'.

Distâncias a percorrer:

VAVINCOURT — HARGEVILLE SUR CHÉE: 6 kms.

BEHONNE — CHARDOGNE: 11 quilometros.

As informações provenientes de CHARDOGNE serão transmitidas por motociclista e o comandante do destacamento as terá provavelmente cerca de meia noite, em VAVINCOURT, onde já estará instalado o P.C. Encontrar-se-á em condições de dar as ordens exigidas, com completo conhecimento de causa, para a execução do segundo lance.

É por consequencia evidente, que na ordem inicial, o Gen. Cmt. da I. D., deverá se contentar em regular o movimento das duas colunas, somente até VAVINCOURT e BEHONNE.

Terá desta forma tempo para refletir nas diversas hipóteses a encarar com o fito de prosseguir a ação em curso. Não retardará a partida das unidades. Tomará, aliás todas as medidas para que a parada no fim do primeiro lance seja a menor possivel.

(Continua) *

O Exercito e a politica

Ninguem mais discute a nocividade da chamada politica feita com utilisação das classes armadas ou de elementos seus que se não destacam de seu seio franca-mente.

É érva daninha, parasita exaustivo, megéra rubra, que procura sugar a seiva e mortificar as classes armadas de todos os modos e nos minimos pormenores de sua existencia, contra a qual é preciso combate sem treguas, profilaxia intensa e energica, que só podem ser feitos de modo verdadeiramente eficazes si não desprezarmos nenhum de seus aspectos nem qualquer de seus germens.

Apresenta-se sob as mais variadas fórmas, desde as que afetam um super-interesse pelas grandes causas da Patria e que no fundo mal encobrem ambições meramente pessoais, até as que se contentam em manobrar nos bastidores e invisiveis mas que são tão nocisivas ou mais que as primeiras porque se revestem do mesmo manto com que se cobre a hipocrisia.

A grande arma ou recurso de que servem para medrar uma e outra é a *discórdia* que lançam por toda parte, a qual turba os intendimentos, impede a boa cooperação e enfraquece todo organismo militar tornando-o campo facil á ação dos elementos parasitarios, facilitando a ingloria tarefa dos que dele se servem para seus inglórios designios.

Duas fórmas, duas manifestações ha de *politica nas classes armadas* que merecem especial menção, por serem, uma ativa e extremamente ruinosa, outra passiva e ingenua.

A primeira, a que se manifesta pelos excessos de dedicação bajulatoria e interesseira aos poderosos do momento, pretestando um cívismo militar aparatoso e até intransigente, sujeita de fato tudo á vontade dos que mandam e, numa dedicação que ultrapassa os limites rasoaveis do partidarismo, tudo sacrifica, indiferente á verdade, ás leis, aos regulamentos, aos destinos e papel das classes armadas, á propria herarquia a que pertencem e em que ocupam ás vezes elevado grao. Esta é propria aos de degestão degenerada por degenerado desenvolvimento do estomago ou aos que por

natureza teem o que um velho militar chamava a alma de *negra mina*.

A segunda é propria aos que servem apenas de instrumento ás manobras dos politicos — com ou sem farda — ocultos ou hostensivos — sinceros ou hipocritas, aos que não tendo personalidade definida, energia bastante para o trabalho, impressionam-se facilmente com os rumores tendenciosos que espalham os concientes destruidores da Patria. Estes vivem a bem diser perplexos, por que são no fundo sinceros, e capazes de fazer obra util.

Ainda, convém não se deixar de mencionar uma outra classe de *politicos-militares* a que chamaremos *inatos* e que sofrem de *delirio-agitatorio*, os quais, muitas vezes capazes de boa obra, vivem numa constante efervescencia, sempre prontos a provocar perturbações, a alimentar a rebeldia, a tramar a desordem. Entre estes alguns ha que desejam sinceramente combater os males existentes, embora por sua ação mais contribuam para agrava-los.

**

Resulta da atividade dos elementos que vimos de recordar, um ambiente absolutamente infenso ao progresso, porque é agitado, de incertezas e inseguranças, creando, para vida das classes armadas, a apariencia de um estado *doençario* cronico pronto a resolver-se numa aguda crise, para recair de novo em sua incurável cronicidade.

Resulta daí a desconfiança da sociedade e tambem enormes, quasi insuperaveis obstaculos ao progresso, o qual, por isso mesmo, não pôde processar-se livremente.

Entretanto, sem apariencias berrantes e adrede preparadas para *impressionar* o trabalho de reconstrução prossegue. Os que estudam e pensam e agem no verdadeiro sentido de seus legitimos destinos prosseguem estoicamente sua marcha para frente, vão escalando lenta mas seguramente a difícil colina em cujo apice está o grande objetivo que pretendem — a *verdade* do Exercito para a grandeza da Patria.

As perturbações, os colapsos, veem paralisar o trabalho, fazem recuar os elementos mais avançados, perder terreno; logo após porém, a mínima calma que restabeleça, continua inexorável, calmo, silencioso e produtivo, o trabalho honesto, a honesta atividade.

É nas escolas, é nos corpos, onde um comando imediato ou superior sabe atuar que se opera o milagre da Fenix, onde o Exército renasse das próprias cinzas!

Vê-se assim claramente o que é que falta e onde está o mal; vê-se a olho nú que a peça que falha não é o elemento subalterno, é o elemento de direção e da mais alta direção, por que todos os mais são meros instrumentos seus e esta encontra entre aqueles sólido terreno em que se apoiar e tanto assim que esse gera a ordem e o progresso espontaneamente.

**

Precisamos, portanto, meditar e formar sólida barreira aos destruidores políticos sob quaisquer formas que se apresentem.

É necessário criar-se um ambiente em que não medrem.

Para conseguí-lo, porém, a única regra é estuda-los, saber quais são, descobrir-lhes as artimanhas, não para combate-los ofensivamente mas para neutralizá-los, resistir-lhes. O combate ofensivo cabe aos chefes do ápice da hierarquia, cuja conduta deve lhes feixar as portas.

Na ação ofensiva ou defensiva contra os inimigos insidiosos, conscientes ou não, da classes armadas, notadamente do

Exército, um cuidado é preciso ter: — não fazer o mesmo, não usar processos análogos. Nada de palavras ou gestos. Tudo está na ação, *no exemplo*, na prática efetiva das boas virtudes, na dedicação ao trabalho; no estudo e na meditação, para saber e não para parecer aos outros que se sabe. Em uma palavra, numa ação energica, calma, silenciosa, coerente e sincera.

Si todos que assim pensam, assim agirem, formar-se-á ambiente tal — tão grande é de fato o numero dos, de natureza, honestos — que em pouco tempo o Exército será capaz de cumprir suas missões sem precários nem hesitações.

Para termos a certeza disso basta contemplar-se o belo espetáculo do renascimento atual das novas esperanças que em toda parte surgem, desde que começaram a ser publicadas as leis novas notadamente a do movimento dos quadros e a de promoções.

Si não vacilarem os que são responsáveis pela execução dessas leis, si houverem boa compreensão da importância que tem e do interesse que há, se puserem sua dedicação, sua sinceridade e sua inteligência em fazer delas uma realidade prática, agindo no sentido e na mentalidade de que elas estão impregnadas, é lícito admitir-se que o Exército dentro de três anos será um organismo sólido e indestrutível, eterno, porque nele se implantarão costumes isentos da malefica predominância do *pessoalismo*, da istreita mentalidade de um individualismo egocêntrico.

Que descabro, porém, não será, se acaso voltarmos atrás? Será a *derrocada*, a confissão da impotência, a vitória da gangrena...

Os militares e a política

Les militaires et assimilés de tous grades et de toutes armes des Armées de terre et de mer ne prennent part à aucun vote quand ils sont présents à leur corps, à leur poste ou dans l'exercice de leurs fonctions.

Seuls peuvent voter les militaires en non activité.

(Leis de 21 de Agosto de 1905 e 7 de Agosto de 1913).

Bibliografia

—Fuzil Metralhador KE 7

Da Sociedade Industrial
Suíça - Neuhausen.

Mãos amigas nos proporcionaram o conhecimento das características, nomenclatura, funcionamento e emprego do Fuzil Metralhador KE 7, e como o achámos bastante interessante, vamos resumir aqui, alguns dados, para que sobre eles meditem os estudiosos.

Dispõe de 110 peças desmontáveis, mas para boa conservação é suficiente a desmontagem de 19 peças, facilmente feita pela tropa. É extremamente simples, considerado insensível às pequenas variações de munição.

Peso total 8 kg. 200.

Peso do cano N. 2.040 — resiste a uma série de 1.000 disparos.

Peso do cano D. 2.870 — resiste a uma série muito maior.

Peso do carregador vazio — 0,380 kg.

Peso do carregador cheio com 25 cartuchos — 0,965 kgs.

Rapidez do tiro automático p/minuto 550 disparos.

**

O livro do soldado

Acaba de ser dado à publicidade o 1.º fascículo do livro acima citado, de autoria do Maj. T. A. Araripe e sgt. Schury.

Este fascículo trata da Educação Moral e Instrução geral, e os assuntos são expostos em forma de lições, explanadas com clareza e sintetizadas em gravuras, de modo a se tornarem ao alcance do próprio instruindo analfabeto.

É mais um excelente serviço que aquele nosso camarada e instrutor de escola presta aos que trabalham no Exército.

ERRATA

Escolas de Fogo na Escola de Artilharia em 1933

Pelo Cap. Olivio de Oliveira Bastos

Num. 235 de Dezembro de 1933

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
687	1.ª 10.ª 17.ª 32.ª 41.ª, 2.ª coluna	Escola de Fogo mirônes seria espirto srá	Escolas de Fogo mirônes, serie espirito será
688	2.ª, 2.ª coluna 5.ª, 2.ª coluna 14.ª 22.ª 34.ª, 2.ª coluna 50.ª	cobertura L. dos Campanha tempo;	abertura I. das "Campanha"
689	12.ª e 29.ª 30.ª, 2.ª coluna	E para o telefonista	B para o 'telefonista
690	11.ª, 2.ª coluna 32.ª, 2.ª coluna	Cia Grupos veocidade mesa	Bia Grupo velocidade mesma